



VOZES MODERNISTAS NO RN:

DIÁLOGOS ENTRE O PASSADO E O
PRESENTE

KALINA ALESSANDRA RODRIGUES DE PAIVA

ALANA DRIZIÊ GONZATTI DOS SANTOS

ALANA DRIZIÊ GONZATTI DOS SANTOS
KALINA ALESSANDRA RODRIGUES DE PAIVA

VOZES MODERNISTAS NO RN:
DIÁLOGOS ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

NATAL

2022

UERN



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Reitora

Cicília Raquel Maia Leite

Vice-Reitor

Francisco Dantas de Medeiros Neto

Diretora de Sistema Integrado de Bibliotecas

Jocelânia Marinho Maia de Oliveira

Chefe da Editora Universitária – EDUERN

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Conselho Editorial das Edições UERN

José Elesbão de Almeida

Isabela Pinheiro Cavalcanti Lima

Kalidia Felipe de Lima Costa

Regina Célia Pereira Marques

Maria José Costa Fernandes

José Cezinaldo Rocha Bessa

Diagramação

Selton Deolino da Silva

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Santos, Alana Driziê Gonzatti dos.

Vozes Modernistas no RN: diálogos entre o passado e o presente [recurso eletrônico]. / Alana Driziê Gonzatti dos Santos, Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva. – Natal, RN: Edições UERN, 2022.

116 p.

ISBN: 978-85-7621-346-8

1. Semana da Arte Moderna. 2. Modernistas - RN. 3. Literatura modernista norte-rio-grandense. I. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. II. Título.

UERN/BC CDD 759.06

Bibliotecário: Aline Karoline da Silva Araújo CRB 15 / 783

Editora Filiada á



Meus amigos e minhas amigas,

O Programa de Divulgação e Popularização da Produção Científica, Tecnológica e de Inovação para o Desenvolvimento Social e Econômico do Rio Grande do Norte, pelo qual foi possível a edição de todas essas publicações digitais, faz parte de uma plêiade de ações que a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte (FAPERN), em parceria, nesse caso, com a Fundação Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FUERN), vem realizando a partir do nosso Governo.

Sempre é bom lembrar que o investimento em ciência auxilia e enriquece o desenvolvimento de qualquer Estado e de qualquer país. Sempre é bom lembrar ainda que inovação e pesquisa científica e tecnológica são, na realidade, bens públicos que têm apoio legal, uma vez que estão garantidos nos artigos 218 e 219 da nossa Constituição.

Por essa razão, desde que assumimos o Governo do Rio Grande do Norte, não medimos esforços para garantir o funcionamento da FAPERN. Para tanto, tomamos uma série de medidas que tornaram possível oferecer reais condições de trabalho. Inclusive, atendendo a uma necessidade real da instituição, viabilizamos e solicitamos servidores de diversos outros órgãos para compor a equipe técnica.

Uma vez composto o capital humano, chegara o momento também de pensar no capital de investimentos. Portanto, é a primeira vez que a FAPERN, desde sua criação, em 2003, tem, de fato, autonomia financeira. E isso está ocorrendo agora por meio da disponibilização de recursos do PROEDI, gerenciados pelo FUNDET, que garantem apoio ao desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação (CTI) em todo o território do Rio Grande do Norte.

Acreditando que o fortalecimento da pesquisa científica é totalmente perpassado pelo bom relacionamento com as Instituições de Ensino Superior (IES), restabelecemos o diálogo com as quatro IES públicas do nosso Estado: UERN, UFRN, UFERSA e IFRN. Além disso, estimulamos que diversos órgãos do Governo fizessem e façam convênios com a FAPERN, de forma a favorecer o desenvolvimento social e econômico a partir da Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI) no Rio Grande do Norte.

Por fim, esta publicação que chega até o leitor faz parte de uma série de medidas que se coadunam com o pensamento – e ações – de que os investimentos em educação, ciência e tecnologia são investimentos que geram frutos e constroem um presente, além, claro, de contribuir para alicerçar um futuro mais justo e mais inclusivo para todos e todas!

Boa leitura e bons aprendizados!



Fátima Bezerra

Governadora do Rio Grande do Norte

PARCERIA PELO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO DO RN

A Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte (FAPERN) e a Fundação Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FUERN) sentem-se honradas pela parceria firmada em prol do desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação. A publicação deste livro eletrônico (e-book) é fruto do esforço conjunto das duas instituições, que, em setembro de 2020, assinaram o Convênio 05/2020–FAPERN/FUERN, que, dentre seus objetivos, prevê a publicação de quase 200 e-books. Uma ação estratégica como fomento de divulgação científica e de popularização da ciência.

Esse convênio também contempla a tradução de sites de Programas de Pós-Graduação (PPGs) das Instituições de Ensino Superior do Estado para outros idiomas, apoio a periódicos científicos e outras ações para divulgação, popularização e internacionalização do conhecimento científico produzido no Rio Grande do Norte. Ao final, a FAPERN terá investido R\$ 100.000,00 (cem mil reais) oriundos do Fundo Estadual de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNDET), captados via Programa de Estímulo ao Desenvolvimento Industrial do Rio Grande do Norte (PROEDI), programa aprovado em dezembro de 2019 pela Assembleia Legislativa na forma da Lei 10.640, sancionada pela governadora, professora Fátima Bezerra.

Na publicação dos e-books, estudantes de cursos de graduação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) são responsáveis pelo planejamento visual e diagramação das obras. A seleção dos bolsistas ficou a cargo da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE/UERN).

Foram 41 obras submetidas em sete (07) editais, 38 delas serão lançadas. Os editais abrangeram diferentes temáticas assim distribuídas: no Edital 17/2020 - FAPERN, os autores/organizadores puderam inscrever as obras resultantes de suas pesquisas de mestrado e doutorado defendidas junto aos PPGs de todas as Instituições de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICTIs) do Rio Grande Norte, bem como coletâneas que foram resultados de trabalhos dos grupos de pesquisa nelas sediados.

No Edital nº 18/2021 - FAPERN, realizou-se a chamada para a publicação de *e-books* sobre o tema “Turismo para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte”. No Edital nº 19/2021 - FAPERN, foi inscrita a chamada para a publicação de *e-books* sobre o tema “Educação para a cidadania e para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte: relatos de ações exitosas”. No Edital nº 20/2021 - FAPERN, foi realizada a chamada para a publicação de *e-books* sobre o tema «Saúde Pública, desenvolvimento social e cidadania no Rio Grande do Norte: relatos de ações exitosas”. O Edital nº 21/2021 - FAPERN trouxe a chamada para a publicação de *e-books* sobre o tema “Segurança pública, desenvolvimento social e cidadania no Rio Grande do Norte: relatos de ações exitosas”. O Edital nº 22/2021 - FAPERN apresentou a chamada para a publicação de e-books sobre o tema “Pesquisas sobre o Bicentenário da Independência do Brasil (1822-2022): desdobramentos para o desenvolvimento social e/ou econômico do RN”. O Edital nº 23/2021 – FAPERN realizou a chamada para a publicação de *e-books* sobre o tema “Pesquisas sobre o Centenário da Semana de Arte Moderna (1992-2022) desdobramentos para o desenvolvimento social e/ou econômico do RN”.

Com essa parceria, a FAPERN e a FUERN unem esforços para o desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Norte, acreditando na força da pesquisa científica, tecnológica e de inovação que emana das instituições potiguares, reforçando a compreensão de que o conhecimento é transformador da realidade social.

Agradecemos a cada autor(a) que dedicou seu esforço na concretização das publicações e a cada leitor(a) que nelas tem a oportunidade de ampliar seu conhecimento, objetivo final do compartilhamento de estudos e pesquisas.



Maria Lúcia Pessoa Sampaio
Diretora-Presidente da FAPERN



Cicília Raquel Maia Leite
Presidente da FUERN

APRESENTAÇÃO

[...] se a única forma de tradição, de legado à geração seguinte, consiste em seguir os caminhos da geração imediatamente anterior à nossa graças a uma tímida e cega aderência a seus êxitos, a 'tradição' deve ser positivamente desestimulada.

T. S. Eliot

Tomar distância de um objeto é algo imprescindível para se ter uma visão mais nítida daquilo que se apresenta ao olhar do pesquisador. É nessa condição que nos encontramos: distantes cem anos da Semana de Arte Moderna, ocorrida na capital paulista, e voltando o nosso olhar para os desdobramentos daquele período histórico que trouxe novas concepções artísticas pautadas na ruptura com a tradição ao propor – no caso específico da literatura – dançar sobre o epitáfio parnasiano ao som dos ruídos de automóveis sobre os trilhos de dois versos.

Transformadas as inquietações de 1917 – quando Anita Malfati teve seus 53 trabalhos em exposição duramente criticados por Monteiro Lobato nos jornais da época, acarretando prejuízo moral e patrimonial – em um projeto artístico planejado a partir de 1920 para resultar no que vimos em 22, os artistas paulistas criticaram o espírito conservador tanto no sentido estético quanto político, o que rendeu momentos de tensão por existirem alguns artistas que flertaram com o integralismo dentro do mesmo grupo.

Naquele momento, o mar só não era calmo. O rompimento com o passado unido à luta por uma independência do jugo artístico europeu, resultando em novas técnicas para representar a vida “futurista”, se constituía como embasamento para a nova estética em consonância com o novo mundo industrial e tecnológico. Na literatura, especificamente, em meio ao centenário da Independência, o dismantelamento da métrica marcou essa busca por emancipação face ao fantasma da dependência cultural que nos acompanha desde que nos tornamos um sistema literário com obras brasileiras legitimadas por um público leitor.

Como quem maneja uma luneta mirando o passado, em recente publicação, Ruy Castro (2019) reivindica o pioneirismo modernista ao Rio de Janeiro, anterior inclusive à Semana de 22, detalhando o comportamento de efervescência cultural da, então, capital do país em *Metrópole à beira-mar: o Rio moderno dos anos 20*. Segundo ele, a capital carioca não figurou como um marco no período pelo fato de o Modernismo ter ocupado os espaços boêmios, enquanto São Paulo organizou o movimento no ambiente acadêmico.

A realidade é que a Semana de 22 foi um marco simbólico que demonstrou um espírito nacional pairando na sensibilidade de poetas pelo Brasil afora, os quais captavam os roncamentos dos motores na terra, o som dos besouros metálicos que cortavam o céu, a eletricidade, o crescimento urbano e seus problemas sociais, entre outros elementos incorporados ao modo futurista de ser. Com estampidos onomatopéicos, ironias e paródias, os artistas miravam a tradição que não mais dava conta daquele contexto ocorrido entre duas grandes guerras mundiais.

Deixando de lado a queda de braço entre os teóricos do sudeste, trazemos uma profética observação do pesquisador Humberto Hermenegildo sobre o Modernismo nos anos 1920, publicada em 1995. De acordo com ele, existem fatos sobre esse período ainda não pesquisados em sua amplitude nas diferentes regiões político-culturais brasileiras, por isso esta coletânea é importante e necessária. Ela tem por função resgatar e rever fatos históricos, fazer reparações e produzir novos olhares sobre detalhes acerca do modernismo norte-rio-grandense.

No caso do Rio Grande do Norte, não tivemos uma Semana de 1922, embora a produção modernista também tenha sido movida pelo ronco dos motores, pela eletricidade e por termos tomado conhecimento do Futurismo logo após seu surgimento em solo italiano, ou seja, antes de ocorrer o evento artístico em São Paulo. A poesia de Jorge Fernandes (1877 – 1953) que capta a chegada da modernidade em terras potiguares, em 1925, havia sido apresentada a Mário de Andrade por Câmara Cascudo (1898 – 1986). Em 1927, com apoio de Cascudo e consolidando a Primeira Fase, o *Livro de Poemas*, sem métricas, sem rimas e com incorporações de elementos regionais na linguagem, chegaria despertando estranhamento no seletto público leitor.

Na Segunda Fase, Polycarpo Feitosa (1867-1955), Aurélio Pinheiro (1882- 1938) e José Bezerra Gomes (1911-1982) eram motivados pelo projeto literário da Geração de 30 – encabeçada por Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado e Rachel de Queiroz –, notadamente regionalista, também demonstrando na prosa a preocupação com as questões sociais ligadas ao Nordeste.

Posteriormente, surge a Geração de 45 que, até então, tinha como expoente a paraibana radicada no RN Zila Mamede (1928 – 1985), que publicou em 1952 seus dois primeiros poemas no extinto jornal Diário de Natal, *Mar Morto* e *Canção da rua que não existe*. Contudo, diante de uma publicação recente (2021) do livro *Poesias*, de Helen Ingersoll, a periodização da literatura potiguar necessita ser revista e reparada, uma vez que a mossoroense estreia em 1947. Cronologicamente, Helen Ingersoll publica no período compreendido como Terceira Fase do Modernismo, porém, diferente de Zila, que nega a liberdade formal, ela resgata o

estilo cultuado pela Primeira Fase, sendo ainda a primeira mulher a escrever poesia erótica no estado.

Nas páginas adiante, os leitores poderão constatar os desdobramentos daquela Semana de 22, tendo por referência essas “Vozes Modernistas no RN: diálogos entre o passado e o presente”, coletânea elaborada em atendimento ao Edital 23/2021 da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte (FAPERN), cuja Chamada para publicação de e-books traz como tema “pesquisas sobre o centenário da Semana de Arte Moderna (1922-2022): desdobramentos para o desenvolvimento social e/ou econômico do RN”, compreendendo o contexto de pesquisas com foco na literatura modernista em diversos municípios do estado.

A coletânea reúne artigos científicos produzidos por onze professores de história, língua portuguesa, língua espanhola e literaturas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), dos Campi Natal Central, Natal – Cidade Alta, Natal – Zona Leste, São Gonçalo do Amarante, Ceará Mirim, João Câmara e Macau e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Está dividida em duas partes. Nos primeiros diálogos, são desenvolvidas discussões centradas na literatura modernista norte-rio-grandense, apresentando-se contexto histórico, autores e diversas produções locais, bem como seus desdobramentos situados diante do Centenário da Semana de Arte Moderna. Nos segundos diálogos, ampliamos o olhar para a literatura brasileira e sua interface com a realidade local, por meio de influências e ações desenvolvidas a partir de autores e obras modernistas.

Iniciamos esse diálogo com “O modernismo nas teias da memória”, de Érica Bezerra Cruz de Macêdo, que reflete sobre a celebração deste Centenário, especialmente no campo da literatura, a partir de discussões sobre memória (e apagamento) que remontam a história antiga e a mitologia até chegar à apresentação do modernismo ao Brasil por meio da Semana de Arte Moderna e ao Rio Grande do Norte por meio de autores locais, dialogando com o contexto histórico e social da época.

Nosso percurso continua com “A Semana de 22 e o modernismo local: ressonâncias modernistas no RN”, artigo em que João Batista de Moraes Neto nos apresenta desdobramentos da Semana ao cenário nacional, dando destaque às suas repercussões na modernidade local, a partir de produções de Jorge Fernandes, José Bezerra Gomes, Zila Mamede, entre outros.

Na sequência, Francisco Carlos Oliveira de Sousa nos apresenta “Contributos de 22: ideário modernista e mudança social no Rio Grande do Norte”, analisando o acolhimento ao movimento modernista e a produção literária desenvolvida do estado na década de 1920, a partir de obras de Câmara Cascudo e Jorge Fernandes.

Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva, Raquel de Araújo Serrão e Laysi Araújo da Silva trazem, em seu artigo “Helen Ingersoll: uma voz modernista silenciada no RN”, visibilidade a uma voz literária feminina inserida no movimento modernista, mas pouco conhecida inclusive a nível local, a poetisa mossoroense Helen Ingersoll. Esse registro parte de imagens e fatos de sua vida e de algumas de suas produções, abrangendo as críticas e repercussões dessa obra com o público da época.

No capítulo “A modernidade na província: uma flor de algodão literária”, por Mylenna Vieira Cacho, é feito um panorama da literatura no Rio Grande do Norte, com destaque à produção modernista local, a partir da relação de características da escola literária e das obras produzidas em solo norte-rio-grandense com a cultura do algodão presente no Seridó.

Mais adiante, passando aos segundos diálogos, recebemos a “Notícia sobre a poesia de Mário de Andrade”, por Marcel Lúcio Matias Ribeiro, que nos conta sobre uma face do escritor Mário de Andrade que, por vezes, fica em segundo plano diante de sua produção em prosa e militância cultural: a poética, trazendo seis livros de poesia do autor para discussões e conexões.

Ao tratar de “Kenneth David Jackson e a vanguarda modernista: notas sobre a ampliação do cânone literário brasileiro”, Ciro Soares dos Santos traz reflexões sobre os avanços e processos que se desenvolveram após 100 anos da Semana de Arte Moderna, divulgando o papel do professor Kenneth neste percurso.

Para finalizar esta coletânea, o capítulo “Comunidades virtuais de leitores em situação emergencial: literatura modernista em foco”, por Alana Driziê Gonzatti dos Santos e Dayveson Noberto da Costa Pereira, visa analisar a leitura da obra modernista “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, com um clube de leitura desenvolvido virtualmente, no contexto de ensino remoto, experiência da qual fizeram parte alunos e professores do IFRN – Campi Ceará Mirim e Macau, ressonando vozes modernistas na atualidade norte-rio-grandense.

Convidamos o(a) leitor(a) interessado(a) em discussões literárias a esta leitura que remonta história, poesia, prosa e modernismo em uma perspectiva de valorização do contexto local.

Kalina de Paiva
Alana Driziê

SUMÁRIO

DIÁLOGOS – PARTE I

O modernismo nas teias da memória.....	14
Érika Bezerra Cruz de Macêdo	
A Semana de 22 e o modernismo local: ressonâncias modernistas no RN.....	23
João Batista de Morais Neto	
Contributos de 22: ideário modernista e mudança social no Rio Grande do Norte.....	34
Francisco Carlos Oliveira de Sousa	
Helen Ingersoll: uma voz modernista silenciada no RN.....	47
Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva	
Raquel de Araújo Serrão	
Laysi Araújo da Silva	
A modernidade na província: uma flor de algodão literária.....	60
Mylenna Vieira Cacho	

DIÁLOGOS – PARTE II

Notícia sobre a poesia de Mário de Andrade.....	74
Marcel Lúcio Matias Ribeiro	
Kenneth David Jackson e a vanguarda modernista: notas sobre a ampliação do cânone literário brasileiro.....	84
Ciro Soares dos Santos	
Comunidades virtuais de leitores em situação emergencial: literatura modernista em foco.....	98
Alana Driziê Gonzatti dos Santos	
Dayveson Noberto da Costa Pereira	
Minibiografia dos autores.....	113

DIÁLOGOS – PARTE I

O MODERNISMO NAS TEIAS DA MEMÓRIA

Erika Bezerra Cruz de Macedo¹

No período de 11 a 18 de fevereiro de 1922, o Theatro Municipal de São Paulo abriu suas portas para o evento que se tornou um dos marcos mais importantes da cultura brasileira. Por sua relevância incontestável, a Semana de Arte Moderna ou Semana de 22, manifestação inspirada no ideário do movimento modernista encetado no começo do século XX, chega ao seu centenário, revisitada nas mais diversas celebrações. Não à toa, documentários, espetáculos, artigos, livros, exposições, palestras e debates despontam, tendo a Semana como tema.

Porém, ao valer-nos dos pressupostos crítico-reflexivos do próprio Modernismo, é interessante pensarmos sobre qual o sentido de tantas comemorações. Para isso, recorremos, a princípio, ao étimo da palavra. Do latim *commemoratio*, cujo radical faz referência ao nome da deusa Memória, comemorações são “formas de lembrar junto” e trazem, no seu cerne, a potência do que Walter Benjamin (1994, p. 210) definiu como a “a mais épica de todas as faculdades humanas”.

Bastante prezada pela filosofia clássica e recentemente incorporada a muitos estudos culturais, a memória conduz não só a lembranças pessoais e coletivas, mas também tem instigado diversas reflexões sobre si mesma. Convocada a comparecer em muitos debates da sociedade contemporânea, em que a velocidade da tecnologia hiperativa o mundo do obsoleto, no qual esquecimentos se aprofundam, soterrados sob o monte de imagens que têm destronado as palavras e promovido o reino do consumo, a memória permanece protagonista dos eventos que, de fato, se contrapõem ao cotidiano.

Compreender esse contraponto implica lembrar que, desde priscas eras, ao menos desde que a rotina do trabalho surgiu nas lavouras e no pastoreio de animais, a humanidade jamais prescindiu de festejos e celebrações, compreendidos aqui como eventos capazes de proporcionar uma alternativa ao ritmo laborioso da vida cotidiana. Outrossim, fossem guerras, comemorações religiosas ou ciclos da natureza, tudo serviu de ensejo para eventos capazes de cumprir os anseios dos homens de sentirem-se conectados ao passado, ao futuro e ao divino; portanto, capazes de transcender a dureza do dia a dia.

Em cerca de 4.000 a.C., ocorreu a “invenção” da cidade, propiciada por muitas descobertas que marcaram, inclusive, o início da civilização humana: a metalurgia, a linguagem escrita, a monarquia, os tributos e, também, a criação do mais antigo calendário

¹ Doutora em Estudos da Linguagem (UFRN) e professora de Língua Portuguesa e Literatura (IFRN-CNAT).
E-mail para contato: erika.macedo@ifrn.edu.br

do mundo, o egípcio (ARAÚJO, 2003). Entrementes, muito antes disso, por volta de 8.000 a.C., a labuta da agricultura já inspirava ritos e festejos.

Retomando o vocábulo comemoração, também podemos perceber a importância da memória na manutenção/renovação da ordem social, ao observarmos a potência simbólica do discurso mítico subjacente no étimo. Como já dito antes, o radical dessa palavra alude à deusa conhecida como Memória pelos romanos ou Mnemósine pelos gregos.

Segundo a mitologia greco-romana, após Zeus aprisionar Cronos e começar a ordenar o mundo, o todo-poderoso do Olimpo percebeu que não lhe bastava ser imortal, era preciso ser lembrado! Mesmo controlado, o tempo permanecia um devorador implacável, e somente uma força titânica seria capaz de oferecer-lhe resistência. Frente a isso, Zeus seduziu Mnemósine e uniu-se a ela. Dessa união, nasceram as nove Musas, inspiradoras tanto da tradição poética, quanto da tradição retórica, musical, histórica, científica e artística que movimentava as comunidades de outrora.

Em síntese, essa narrativa ilustra a união do poder estabelecido com a memória, para juntos enfrentarem a corrosão do tempo, graças à manifestação das Musas que compareciam aos ritos e comemorações através da linguagem, da cultura, da arte e da tradição. É possível notarmos também, nas estrelinhas do mito, a ideia de que até os deuses, imortais, precisam do registro, da repetição, do canto de seus feitos para permanecerem vivos na memória dos homens. Eles precisam ocupar os museus, ou seja, os templos das filhas de Zeus e Mnemósine, os quais funcionam como um tributo à memória do homem que, no presente, arquiva sua história para o futuro.

Uma vez, porém, que arquivos são espaços limitados, há neles um jogo de memória e esquecimento, permanência e apagamento. Sendo assim, na alegoria mítica, não podemos esquecer o papel das Musas na organização dos espetáculos comemorativos. É sob sua pena, sua batuta, sua coreografia, seus discursos que se ordena o que deve ser guardado para o futuro, e o que deve ser apagado em defesa dos limites do próprio homem e de sua organização social.

Como suporte teórico que contribua para a percepção da importância do arquivamento no campo da memória, empregaremos aqui as concepções de Bataille (1975), sobre o excesso. Para o pensador francês, o ser humano produz mais energia do que a necessária para sua inserção social, e a utiliza ao máximo para desenvolver a si mesmo; entretanto, o crescimento humano, nas muitas esferas (sociais, culturais, biológicas etc) que o constituem humano e o diferenciam do animal, é limitado. Não há espaço *ad infinitum* em si nem no mundo para

acolher toda essa energia. Sendo assim, o excesso não utilizado para seu crescimento e para o sistema onde se insere converte-se em “parte maldita”, já que o dispêndio é uma exigência da própria sobrevivência do ser e do sistema. Perder o excedente é inevitável, e tal perda pode ser realizada de bom grado ou não, pode ser uma ação gloriosa ou catastrófica.

Dessa premissa, vinculada à noção de perda consentida e inevitável, surgem as teorias econômicas de Bataille (1975), nas quais se destacam suas considerações sobre a morte, o erotismo e as comemorações, algumas delas compartilhadas com os amigos Roger Callois (1942) e Maurice Blanchot (1987). Para entendê-las bem, faz-se necessária uma incursão assaz sintética ao tempo em que não havia tempo, pelo menos não como compreendido hoje. Trata-se do “quando” homem e animal não se distinguem. Em algum momento impreciso, porém, o homem descobriu-se um ser para a morte, e a percepção da finitude trouxe não só o fim daquele “quando”, mas o início do tempo do homem, agora um ser não só para a morte, mas também para o trabalho.

Daquele momento impreciso, mas efetivo da transição do animal para o homem, ficaram registros de dois eventos que contribuem para compreender essa transformação. No primeiro, o homem fabricou objetos para ajudá-lo a prover sua subsistência, adiando seu encontro com a morte. No segundo, o homem fabricou adornos desvinculados de um fim útil, mas frutos de sua nascente inclinação para a beleza em oposição à sua antiga bestialidade. Essa operação de construir ferramentas não transformou só a pedra, a qual o homem dava a forma desejada, mas levou o homem a transformar a si mesmo, configurando-se com um novo olhar.

Nessa nova mirada, em busca do belo e não da fera, o homem se impôs algumas restrições que protegessem a si e ao novo mundo que se organizava, de modo a evitar retrocessos à sua antiga natureza. Surgiram os interditos que passaram a regular as comunidades arcaicas, resumidos nas atitudes do homem frente à morte e à sexualidade, e estabeleceram o tempo profano e o tempo sagrado.

Nas sociedades fundamentalmente agrárias, a vida era fortemente marcada pela circularidade temporal, definida pelas festas e por todas as celebrações sazonais. Consequentemente, fazia-se nítida a oposição entre o tempo profano/descontínuo, tempo de trabalho e de produção, e o tempo sacro/contínuo, caracterizado pelas celebrações e festas. Como afirma Callois (1942, p. 9), havia igualmente uma distinção entre a vida cotidiana, dominada pelo trabalho e a efervescência da festa, pois a festa tinha por princípio o excesso, seja de comida e bebida, seja da dança e do canto.

Evidentemente, a festa se sobrepunha às preocupações da vida cotidiana, e vivia-se a lembrança de uma festa na espera de outra. Ademais, os excessos de toda sorte, a solenidade dos ritos e a severidade das restrições contribuíam para fazer da festa um tempo de exceção. Em razão disso, o tempo festivo era, simultaneamente, época de alegria e de angústia, pois nele as regras eram parcialmente suspensas, ao mesmo tempo em que era nele que se reforçavam as proibições habituais e se impunham outras.

É ainda Caillois (1942, p. 112) quem explica o paradoxo desse tempo ao lembrar que as manifestações do sagrado se davam em forma de proibições, ou seja, “proteções” contra tudo o que podia ameaçar a regularidade cósmica. Sendo assim, os interditos de que Bataille fala visavam à manutenção do sistema, entretanto, para que ele fosse mantido, era preciso renová-lo, encenando a sua destruição através da festa, dos excessos e das transgressões, caso contrário ele se auto aniquilaria com o “acúmulo de seus restos e os desgastes de seu próprio mecanismo”.

Da percepção de que o tempo desgasta e traz a morte advém a ideia de que tudo o que existe deve rejuvenescer. É preciso recriar o mundo, que é regido por uma ordem universal e funciona segundo um ritmo regular. Essa concepção que diz respeito à economia e à organização social tem reflexos profundos no sujeito inserido num mundo ordenado pelo trabalho e pelas relações sociais.

Frente a isso, o homem vale-se dos aparatos mnemônicos que o cercam para, sempre que necessário, recriar o mundo no qual se situa. Expressa-se assim a importância das comemorações, que atuam como banco de memórias, permitindo o acúmulo ou o descarte de significados na episteme cultural de um grupo, etnia, sociedade e/ou nação.

Posto isso, reiteramos que lembrar, esquecer e comemorar são ações de memória inerentes tanto ao indivíduo quanto às sociedades humanas. Não há país que, no seu processo de construção da identidade nacional, não promova e cultue os fatos mais significativos de sua história a serem lembrados à posteridade, seja através do registro histórico em si, ou da edificação de monumentos, ou ainda da celebração de datas comemorativas e rituais cívicos, que são lugares de memória por excelência, à medida que entrelaçam passado, presente e futuro.

Nesse sentido, comemorar não deve se reduzir ao ato de festejar, mas implica também produzir reflexões que vão além do tempo pretérito. Embora esse seja sempre fonte de infinitas lições para as atuais e futuras gerações, é primordial que a gestão das memórias evocadas ocorra ao lado de considerações sobre como a sociedade quer se constituir no presente e se projetar no futuro.

Em tempos de profundas transformações sociais, como as verificadas há cem anos, e agora também, a necessidade de recorrermos às memórias, para reelaborar identidades e imaginar o futuro, torna-se mais premente. Corroborando essa concepção, a socióloga Lúcia Oliveira (2000, p. 185) comenta a importância de algumas comemorações que antecederam a alvorada do século XX:

O fim do século XIX foi marcado por inúmeras comemorações. Os centenários das revoluções Americana e Francesa, os IV centenários das viagens de Colombo e de Vasco da Gama deram oportunidade aos povos do Ocidente de celebrar esses feitos do passado segundo as questões daquele presente. As exposições internacionais que acompanharam essas comemorações permitiram que cada povo, ao olhar para trás, afirmasse sua modernidade e seu papel em uma escalada evolutiva do ser humano, da barbárie à civilização.

Sem diferir muito de outros países, no Brasil, a instituição de datas comemorativas sempre foi alvo de atenção por parte das elites políticas e intelectuais. E, de modo geral, coube ao Estado definir as principais datas de comemoração, realizando intervenções no calendário oficial conforme os interesses do próprio governo e da necessidade de atender a determinados contextos socioculturais. Frente a isso, logo após a Proclamação da República, um dos primeiros atos do governo provisório foi o de expurgar do calendário nacional republicano quaisquer datas alusivas ao período monárquico. Óbvio que esse apagamento, vinculado à intenção de legitimar a República, demandou a construção de novas memórias, nas quais emergiram não só novas datas oficiais, mas também novos símbolos, monumentos e heróis.

E foi, justamente, no contexto das comemorações atinentes à celebração do centenário da Independência do Brasil, data deveras importante para o governo do então presidente Epitácio Pessoa valer-se em busca do resgate do prestígio combalido pelos maus auspícios que marcaram o começo da década de 1920, que o movimento modernista encontrou cenário e ocasião para apresentar-se ao público brasileiro. Entrementes, tal apresentação não obteve a resposta esperada pelos idealizadores da Semana de 22.

Imbuído da efervescência programática que envolvia os preparativos para a comemoração dos cem anos de nossa emancipação pátria, além do apego ao rigor formal e do influxo de um senso estético nada acostumado às novas formas de representação propostas pelo modernismo, o público que visitou a exposição de pintura e escultura instalada no saguão do Theatro Municipal mostrava-se estarecido. Perante as obras de Anita Malfatti, Di Cavalcanti e Victor Brecheret, sensações de estranhamento e inquietude imperaram, revelando compleição de um povo acostumado ao academicismo e pouco disposto a mudanças.

Entretanto, as mudanças estavam na ordem do dia não apenas no campo das artes que se expunham na Semana de 22, mas também nos âmbitos sociopolítico, cultural, sanitário e econômico que se estendiam pelo país. Com o mundo virado pelo avesso, em consequência da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), da gripe espanhola e da grave crise financeira que assolava vários países, o tempo de otimismo e expansão da chamada Belle Époque foi substituído pela dura realidade da guerra que varreu a Europa. Porém, não foi só do outro lado do Atlântico que ânimos exaltados se manifestaram, insuflados de sentimento nacionalista. Esse clima também afetou o Brasil, cuja elite mostrou-se bastante preocupada com o despreparo militar do país.

Nem de longe, porém, essa era a grande inquietação do período. O fato é que, na virada da década de 1910 para a de 1920, as questões sociais brasileiras foram aguçadas em várias instâncias. Greves foram deflagradas nas principais cidade do país, além de disputas políticas e levantes militares, que exacerbaram a insatisfação popular. Nesse contexto, a aproximação do centenário da Independência exalava eflúvios benfazejos, visto que o evento surgia como uma oportunidade de o país se autoafirmar como parte do mundo civilizado.

Por conseguinte, embora a economia do país não estivesse nada bem naquele início da década de 1920, isso não impediu o governo federal de iniciar os preparativos para o grande evento com pompa e circunstância, sem poupar esforços e recursos para sanear e embelezar o Rio de Janeiro, tornando a então capital da República palco de um grandioso espetáculo – a Exposição Universal do Rio de Janeiro.

Na esteira das exposições internacionais, realizadas antes da guerra, sediadas em cidades como Londres, Paris e Chicago, entre outras, esperava-se que o Rio de Janeiro abrigasse os festejos da Independência com o estatuto de epicentro da modernidade. De fato, nas exposições, anteriores, a civilização ocidental logrou êxito em revelar-se moderna e avançada à luz da ribalta de espetáculos nos campos da ciência, das artes, da arquitetura, dos costumes e da tecnologia, trazendo, em símbolos como a torre Eiffel, o palácio de cristal e a roda gigante, exibidos nas feiras mundiais, a expectativa de um futuro promissor, ainda que indiferente aos problemas paralelos advindos da desigualdade e da marginalização de grande parte da população urbana.

Podemos depreender desse paralelismo que, no concurso de forças antagônicas a serviço dos holofotes da memória ou das sombras do esquecimento, o ato de recordar e dizer o rememorado muitas vezes é um ato político para o qual concorre a percepção das singularidades das comemorações. Nesse sentido, é importante destacar que, após cem anos,

a mirada que o público brasileiro dá hoje à Semana de Arte Moderna tem uma perspectiva bem mais lisonjeira que aquela dada pelo público de 1922.

Para isso, concorre o fato de que o tempo eventualmente contribuiu para a compreensão do projeto estético modernista apresentado pela geração de 22. Em paralelo, não podemos olvidar o alcance do reconhecimento da representatividade sociocultural e política que um grupo de intelectuais, patrocinados pela burguesia industrial em ascensão da cidade que se tornaria, ao longo do século XX, o epicentro econômico do país, veio a ter.

E é do campo do olvido que trataremos adiante. Porém, antes, é necessário esclarecer que, embora o movimento modernista tenha contado com os eflúvios de Musas diversas, expressando-se em vários campos das artes, será, na literatura, que focaremos a continuidade desse texto.

Diante disso, é importante apresentarmos uma concepção literária do modernismo, o qual se define como o movimento estético que questionou as relações tradicionais entre autor e obra, lançando uma nova concepção da literatura como linguagem. Ademais, tem, como projeto artístico, a construção de uma poética cujas premissas são a liberdade de expressão e a busca por uma consciência criadora, preocupada em expressar a realidade brasileira e remodelar a inteligência nacional, embasando-se no direito permanente de pesquisa e criação estética, a qual inclui a possibilidade de adoção das conquistas das vanguardas, incorporação do cotidiano, uso de linguagem coloquial e de inovações estilísticas.

Considerando-se as premissas e características expressas acima, cumpre-nos dizer que, na mesma época em que Mário de Andrade e Oswald de Andrade fincavam os pressupostos do modernismo, na conhecida e frequentemente lembrada “fase heroica” do movimento, Jorge Fernandes introduzia, em Natal, ideais similares aos modernistas, com sua forma peculiar de fazer poesia. E, embora hoje o poeta natalense seja considerado precursor do modernismo nas letras potiguaras, nem sempre seu nome foi lembrado nos discursos canônicos que tratam do modernismo no Rio Grande do Norte, quiçá no Brasil

Despojado do lirismo tradicional que circunscrevia as esparsas manifestações literárias potiguaras antes dos anos de 1920, Jorge Fernandes despontou no cenário literário brasileiro com “um livro isolado, sozinho, descolado no cromo de sala de dos poetas de sua geração” (CASCUDO, 2007, p. 57). Havendo rompido com o versejar tradicional, coube-lhe estreitar a modernidade nas letras potiguaras, obtendo como resultado o silêncio da maioria de seus conterrâneos acerca de sua produção literária. A despeito desse ostracismo poético, permaneceu singular, passando ao largo de qualquer engajamento que o demovesse de sua

peculiar construção poética, caracterizada pela “ausência de formão e talhadeira”, como dizia o mestre Cascudo.

Considerado hoje uma referência da literatura potiguar, o reconhecimento de Jorge Fernandes só foi possível após a compreensão do modernismo na literatura local, o que só viria a se consolidar já na década de 1950, e do resgate de sua obra por Veríssimo de Melo.

Essa constatação leva-nos a refletir sobre os efeitos que a ausência de compreensão tem no campo da memória. Para muitos que não entendiam a perspectiva do poeta, era mais fácil relegá-lo ao esquecimento. Em contraponto a isso, a leitura de sua obra revela-se essencial para a constituição de uma poética da memória que tenha como tema o Rio Grande que, durante anos, o esqueceu.

Chega a ser irônico que o poema inaugural do seu *Livro de Poemas*, “Remanescente”, aborde o tema da permanência, apresentando o eu-lírico como a voz que resta da tradição poética local. Do poema, destaca-se ainda a inscrição da urbe litorânea nas temáticas caras ao poeta. Inscrição essa que ressalta mais uma das características modernistas que desponta no texto jorgeano – o olhar sobre a cidade.

Com o advento da modernidade, a cidade tornou-se uma paisagem inevitável, cuja leitura ainda é um dos grandes desafios dos autores contemporâneos. Estes têm reinventado o conceito de cidade, partindo do princípio de que “a cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem” (BARTHES, 1987, p. 184). Isso implica a compreensão de que toda cidade, além do que sua história registra e do que a realidade concreta de sua geografia aponta, possui uma poética muito rica que a transfigura e a reconstrói num discurso de significações múltiplas.

Mais do que edifícios de pedras, a cidade tem uma linguagem própria, que é fundamentalmente poética, metaforizada, mediada pela paixão e pelo desejo daquele que se aventura a percorrer suas ruas e suas letras. Isto significa que por mais engenhosas, monumentais e indestrutíveis que sejam as construções de pedras, elas são insuficientes para se fazer uma cidade. É o discurso, em seu poder de evocar símbolos, que faz da pedra uma cidade.

No entanto, como alerta Foucault (1987, p. 64), a condição discursiva da urbe não se resume a um “puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras; trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras”. Como todo discurso, esse também é contingente, ou seja, em cada época histórica, ele reveste-se de diversas formas de expressão, de diferentes maneiras de conhecer e representar o mundo.

Considerando isso, a Natal da época havia passado por um primeiro ciclo de reformas urbanas, e caracterizava-se pela inconstância nos serviços de abastecimento d'água e de energia elétrica, pelos atrasos constantes na circulação dos bondes, pela precariedade do calçamento, dentre outros problemas.

Todavia, não são esses aspectos que ilustram a “crise” urbana que se destacam na poética do escritor. De fato, seu olhar reflete o fascínio que tem pela modernidade, no enfoque dado, por exemplo, ao bonde. Fascínio que implica escolher o que se deseja ver e converter em memória, mediante a palavra poética.

Nisso podemos perceber que há memórias que escolhemos ter. Portanto, ao pensar nos sentidos de se comemorar o centenário da Semana de 22, esperamos que os muitos eventos alusivos ao tema sejam espaços de reflexão crítica acerca do que e de quem temos lembrado, arquivado ou apagado nesses cem anos passados, de modo a escrevermos uma melhor história de nossa arte, política, cultura e sociedade nos cem anos que virão.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Hiram. **Carnaval** – Seis milênios de história. Rio de Janeiro: Gryphus, 2 ed. 2003.
- BARTHES, Roland. Semiologia e urbanismo. In: **A aventura semiológica**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- BATAILLE, Georges. **A noção de despesa – A parte maldita**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo, Brasiliense 1994.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- CAILLOIS, Roger. **El hombre y lo sagrado**. México: Fondo de Cultura Economica, 1942.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Depoimento sobre o Livro de Poemas. In. FERNANDES, Jorge. **Livro de poemas**. Natal: EDUFRRN, 2007.
- FERNANDES, Jorge. **Livro de poemas**. Natal: EDUFRRN, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade do saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Imaginário histórico e poder cultural: as comemorações do Descobrimento**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 14, n. 26, p. 185-186, 2000.

A SEMANA DE 22 E O MODERNISMO LOCAL: RESSONÂNCIAS MODERNISTAS NO RN

João Batista de Moraes Neto (IFRN)²

“Manifestado especialmente pela arte, mas manchando também com violência os costumes sociais e políticos, o movimento modernista foi o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um estado do espírito nacional.”

Mário de Andrade

1 INTRODUÇÃO: o lugar da Semana de 22 na cultura brasileira

A partir do arquivo que reúne o conjunto de registros sobre a Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, no ano de 1922 do século XX, temos o objetivo de trazer algumas indagações que nos permitam discutir, no centenário da Semana, aspectos que possam ser considerados relevantes quanto à contribuição da produção modernista no Brasil, tendo em vista a sua repercussão ao longo de todo o país. Intencionamos perceber até onde se pode falar em uma descentralização da chamada “memória hegemônica do modernismo”, conforme expressão de Frederico Coelho, ao analisar, criticamente, a história do modernismo brasileiro, tendo como referência principal a Semana. Com isso, é possível observar como se manifestam os traços de uma produção moderna/modernista periférica, evidenciados em sua arte, pois sabemos que a literatura passa a prevalecer, pelo menos em sentido regional/local, a manifestação artística que, a seu modo, manterá um diálogo com o modernismo na década de 20 do século passado. É, desse modo, a literatura que terá lugar mais privilegiado no desdobramento da Semana no sentido mais plano, em alcance nacional, embora as manifestações artísticas, como a música, as artes visuais, tenham sido produzidas, de forma significativa, em outras partes do país, mesmo distanciadas do centro paulista.

Ao analisar a memória e as repercussões da Semana de 22, Coelho (2012, p. 33) indaga: “por que a Semana de Arte Moderna de 1922 tornou-se o grande evento da história cultural brasileira?”. Ele próprio se encarrega de responder, fazendo remissão à série de eventos relevantes que, após o acontecimento, confirmam a sua importância e reafirmam o legado indiscutível da Semana, o que se mostra visível em livros, filmes, peças de teatro, composições musicais e de outras manifestações culturais. Para a devida compreensão do legado modernista, precisa-se considerar dois textos fundamentais, as conferências “O movimento modernista”, de Mário de Andrade, pronunciada em 1942, a convite da Casa do Estudante do Brasil, na comemoração dos vinte anos da Semana de 22, e “O caminho

² Professor titular de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Campus Avançado Natal Zona Leste. Mestre em Teorias e Crítica da Cultura e da Literatura pela Universidade Federal da Bahia. Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ex-coordenador do Curso de Especialização em Literatura e Ensino (IFRN). Publicou os seguintes livros: O veneno do silêncio (2010), Bissexto (2018), de poesia; Caetano Veloso e o lugar mestiço da canção (2009), Trevisan, leitor de Curitiba (2019), ensaios. E-mail para contato: joão.neto@ifrn.edu.br

percorrido”, de Oswald de Andrade, proferida em 1944, na cidade de Belo Horizonte. Nelas, os dois escritores mais importantes do movimento avaliam a relevância do evento e de suas repercussões.

Em sua conferência, o autor de *Macunaíma* afirma: “Eu creio que os modernistas da Semana de Arte Moderna não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição” (ANDRADE¹, 1972, p. 255). O interesse de Mário era o de efetuar uma revisão, já que ele procura enfatizar que “não cabe neste discurso de carácter (sic) polêmico, o processo analítico do movimento modernista” (ANDRADE¹, 1972, p. 242), o que pode soar estranho, uma vez que o escritor, de certa forma, ao avaliar o legado da Semana, efetiva um certo exercício reflexivo. Em sua revisão, o escritor, no momento em que discorre sobre a Semana, também evoca, criticamente, os episódios mais relevantes de sua própria trajetória que se confundem com a história do movimento. Por essa razão, ao reconhecer seu “fracasso” em não ter exercido, com maior compromisso, uma prática literária e cultural que respondesse, com veemência, às demandas sociais e políticas, com base em certo engajamento, Mário de Andrade se confessa insatisfeito e desgostoso, o que o impele a fazer sérias críticas a seus “abstencionismos”. Para ele, as novas gerações deveriam ter consigo o traço definidor do compromisso com a realidade brasileira, marchando com as multidões. O escritor questionava o colonialismo da cultura brasileira, defendendo, com o exemplo anterior e representativo dos românticos, uma autonomia da expressão da cultura nacional, embora isenta de marcas redutoras da linguagem “primitivista”.

Para Mário, o movimento modernista se mobilizou em torno de uma visão da realidade brasileira que se constituía na “fusão de três princípios fundamentais: o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional” (1972, p. 242). Entretanto, não deixa de ser curioso que Candido (1967), ao reforçar o caráter primitivista do modernismo como elemento de superação da subalternidade cultural brasileira face à hegemonia da cultura europeia, ponha em destaque o romance-rapsódia *Macunaíma*, de Mário de Andrade, como obra literária emblemática da dialética localismo/cosmopolitismo, condição em que a cultura brasileira dialoga, sem recalques, com os paradigmas estéticos europeus, pois nessa relação, “as nossas deficiências, supostas ou reais, são reinterpretadas como superioridades” (CANDIDO, 1967, p. 141).

Assim, é fundamental entender que, ao contrário de Mário de Andrade, em sua famosa conferência, Oswald de Andrade deixa claro um determinado entusiasmo em sua avaliação do modernismo. Com um sentimento positivo, Oswald afirma que

o primitivismo nativo era o nosso único achado de 22, o que acoroçoava então em nós Blaise Cendrars, esse grande globe-trotter suíço já chamado “pirata do lago Lemano”, e que de fato veio se afogar não numa praia mas num fundo de garrafa da política de Vichy. A Antropofagia foi na primeira década do modernismo o ápice ideológico, o primeiro contato com nossa realidade política porque dividiu e orientou no sentido do futuro (ANDRADE², 1991, p. 111).

Ao analisar a conferência de Oswald, Fonseca observa que, para o autor do Manifesto Antropófago, (FONSECA, 1990, p. 238), “o modernismo teria representado um momento de opulência e quebra da rotina na vida nacional”. A autora considera que, em plena Segunda Guerra Mundial, o escritor não está alheio aos acontecimentos e esclarece seu posicionamento político. Faz, em seu discurso, um elogio aos inconfidentes mineiros, pois se espelha na “tradição dos que se rebelaram”. Por isso mesmo, entendemos que a crença oswaldeana no projeto antropofágico, proposto em seu manifesto de 1928, vai reforçar seu pensamento ao longo dos anos num posicionamento de ideias de cunho progressista, apostando na “marcha das utopias”, o que será incorporado pelas gerações seguintes, como é o caso dos artistas tropicalistas.

2 A MODERNIDADE LOCAL

Se, num primeiro instante, os escritores brasileiros ainda estavam limitados às injunções formais e temáticas do século XIX e, em seguida, permaneceram hesitantes entre os traços do momento anterior e as novas perspectivas de criação que se anunciavam, o impacto do momento modernista é preciso. Como vimos, na segunda década do século XX, com a irrupção, no Brasil, da realização da Semana de Arte Moderna e com as publicações dela decorrentes, o chamado movimento modernista brasileiro surge por intermédio de um diálogo cultural entre os artistas de nosso país e os europeus, através de suas instigantes manifestações vanguardistas. Desse modo, as vanguardas europeias se colocam como modelos representativos para um processo de criatividade inédito entre os artistas brasileiros, constituindo um diálogo bastante positivo.

No Rio Grande do Norte, o papel de articulador ou de animador cultural desenvolvido por Câmara Cascudo (1898-1986) será fundamental para a articulação de uma produção intelectual, movida, principalmente, pela prática discursiva literária, o que resultará numa

contribuição valiosa. Através de Cascudo, haverá a revelação do poeta Jorge Fernandes (1887-1953), como o nome mais importante da poesia modernista norte-rio-grandense em seu momento inaugural. Em seguida, apresentaremos, parcialmente, os outros representantes dessa vertente, num período que se estende dos anos 20 aos anos 50 do século passado.

A modernidade chega através de uma configuração do tempo em que a arte, a cultura, a ciência, a filosofia procuram dar conta da avalanche de novos signos que aparecem no inédito cenário da realidade mundial, finda a primeira grande guerra. Monteiro (2010, p. 20) afirma que “a década de 20 pode ser considerada a da modernização, porque foi nela que muitos aparatos modernos passaram a dominar o cotidiano, como o cinematógrafo, o gramofone, a máquina de escrever”, além de mais alguns outros instrumentos ou equipamentos surgidos com o novo século.

O Rio Grande do Norte não ficou alheio aos acontecimentos que marcaram o período modernista no Brasil, com suas tensões e elementos inovadores, transformando a realidade cultural do país, por isso mesmo repercutindo nas regiões que ficavam distantes do centro, ou seja, exclusivamente das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Entretanto, será necessário esclarecer que, primeiramente, esse contato com a repercussão da agitação modernista nos grandes centros do país ficará restrito a um grupo de intelectuais, pois a incorporação dos atributos estéticos desse movimento ocorrerá em tempo mais prolongado. Cirne (2014, p. 16) nos esclarece a respeito desse assunto, comentando: “[...] a Semana de Arte Moderna, em 1922, passaria despercebida em seu nascedouro. Natal, de certa forma, continuava a mesma cidade de sempre: entre o jornalismo literário, a poesia dos bardos das esquinas da cidade e a politicagem”. Entretanto, não se pode deixar de reconhecer que, tendo a Semana de Arte Moderna sido realizada na capital paulista, no ano de 1922, o movimento modernista irradiou para outros contextos e realidades, como, inclusive, o Nordeste brasileiro, embora de forma incipiente. Nesse caso, o intercâmbio de informações entre intelectuais nordestinos e do centro do país, principalmente de São Paulo, cidade brasileira de maior poder econômico, aconteceu de maneira muito produtiva, apesar dos descompassos previsíveis quanto a essa interação.

Considerando esse intercâmbio, reconhecemos que “Câmara Cascudo exerceu, durante toda a década de 20, o papel fundamental de colocar a intelectualidade da província atualizada em relação às transformações que se processaram na esfera cultural do país” (ARAÚJO, 1995, p. 48). Isso indica que a província não estava completamente isolada ou deslocada dos eventos fundamentais relacionados ao pensamento, à crítica e à produção literária que, em consonância com os centros mais avançados do mundo, nesse caso os países

da Europa, tendo como destaque a França, entrava em conexão, com o que era mais inovador em se tratando de manifestações de caráter vanguardista. Com isso, deve-se entender que, com as inovações modernistas, altera-se completamente a concepção de arte, seja na nova visualidade apresentada pela pintura moderna ou com a ruptura de uma noção inventiva em que a literatura (a poesia, o romance etc.) passam a questionar os elementos formadores e constituintes de uma estética literária conservadora, ancorada em valores tradicionais.

Para compreender a importância da atividade cultural modernista no Rio Grande do Norte, é necessário, inicialmente, conhecer a relevância do agenciamento cultural promovido por Câmara Cascudo. Segundo Araújo (1995, p. 46): “Em 1922, já com um livro publicado (*Alma Patrícia*, 1921), Câmara Cascudo trazia para Natal as novidades editoriais do Sul do país, resenhando livros, divulgando revistas literárias e incentivando o intercâmbio de publicações com outros estados”. Então, com essa atuação, o escritor angariava esforços para estabelecer uma nova produção cultural no Estado, a qual estava, intrinsecamente, ligada às manifestações inovadoras que aconteciam na esfera da cultura nacional. Em sua *História da Cidade do Natal* (1947), Cascudo, no capítulo “Musa, canta os poetas e escritores”, discorre, exclusivamente, a respeito da produção literária local, procurando mostrar uma panorâmica das obras, manifestações, eventos que representam a vida intelectual da cidade. Entretanto, podemos afirmar que a importância de Cascudo como intelectual não se restringiu a atividades literárias, mas se desdobra em suas pesquisas em diversas áreas das humanidades, o que o torna conhecido como historiador, etnógrafo, jornalista e professor.

É assim que, para os nossos objetivos, enfatizar aqui a presença de Cascudo ao longo desse período que atravessa a chamada “belle époque” natalense e os promissores anos 20, definidos por toda essa movimentação, requer apontar, pelo menos, as ações principais desenvolvidas pelo nosso renomado intelectual. Assim, podemos nos referir à realização dos primeiros estudos das manifestações literárias ocorridas em território potiguar, graças à brilhante atuação cascudiana, após as incursões de Henrique Castriciano, no exercício da crítica literária, uma vez que o autor de *Alma Patrícia* ainda estabeleceu uma significativa correspondência com importantes nomes do modernismo de feição paulistana, como é o caso do escritor Mário de Andrade.

Por outro lado, a figura do poeta Jorge Fernandes (1887-1953), o poeta mais importante dos anos 20, considerando-se o contexto da produção literária dessa época, apresenta-se de forma mais modesta, mesmo que, embora fosse pertencente à família importante do Estado, o poeta tinha uma vida mais simples, trabalhando como caixeiro viajante e também como proprietário de um café, o famoso Majestic, no qual havia um espaço denominado Diocésia

em que os boêmios e intelectuais da cidade realizavam suas proezas lúdicas e experimentais. Seu *Livro de Poemas*, publicado em 1927, constitui um marco para a nossa historiografia literária. Para se ter ideia da importância do poeta, vejamos o que afirma Cirne (2014, p. 14):

Com a obra jorgiana, o Rio Grande do Norte insere-se na contemporaneidade de uma prática literária modernista que, àquela altura, atingia quase todo o país. Sua significação expressional iria alcançar o cerne de um modernismo de vertente marioandradina, transgredindo as normas culturais (e estéticas) até então vigentes.

A poesia de Jorge Fernandes constituía uma crítica à estética parnasiana e a tudo que se referisse a valores artísticos do passado, estruturando-se a partir de elementos composicionais que fazem remissão aos tempos modernos, inserindo na fatura de seus poemas os signos mais visíveis na discreta modernidade da província: o *ford* bigode, a luz elétrica, o bonde novo etc. É com essa compleição que sua obra se insurge como transgressora.

De acordo com Garcia (2009, p. 33):

O **Livro de Poemas** é uma produção poética moderna de um homem com quase 40 anos, experimentado, conhecedor da vida e dos segredos da natureza, que não exauriu suas forças para compor sonetos duros, usava as técnicas parnasianas com humor e crítica, ao mesmo tempo em que fazia a apologia da beleza da velocidade. Sua poesia, apesar de ser considerada o signo moderno da Literatura do Rio Grande do Norte, foi desprezada pela sua geração de 1920/30 como produção de poeta futurista.

Assim, vejamos um exemplo de sua produção poética:

TÉ-TÉO

Té-téo — canela fina —

Vive pra despertar todos os bichos do campo...

Cochila seguro numa perna só

Num descuido desce a outra

Desperta logo: — Té-té-téo!

Todos respondem: — Té-té-téo!

— Sentinela das matas... dos campos...

Sineta suspensa badalando na noite: — Té-té-téo!

Sobre o açude

Pinicando no terreiro

Perseguindo gaviões badalando dezenas de sinetas
Revoando em bando no espaço incendiado do sertão sem nuvens
Num alvoroço de alarme:

Té... téo!... Té... téo!...
Téo... te-téo!...
Té... téo!... Té... téu!
Té... téo...Té-téo!
Té... téo!... Té... téo!

(GARCIA, 2009, p. 112)

O poema acima transcrito é, ao lado do icônico *Rede*, um dos mais representativos de sua produção radicalmente modernista. Nele, o poeta utiliza-se de procedimentos linguísticos que procuram, num trabalho de associação entre os recursos sonoros e de imagem, representar, em sua última estrofe, a revoada de pássaros na paisagem sertaneja.

Embora um pouco mais adiante, ou seja, na década seguinte, um outro nome importante da produção modernista norte-rio-grandense é o poeta, romancista e crítico currais-novense José Bezerra Gomes (1911-1982). Autor dos romances *Os Brutos* (1938), *Por que não se casa, doutor?* (1944) e *A porta e o vento* (1974), ele também produziu poemas que foram reunidos em *Antologia Poética* (1974) e publicou o ensaio *Retrato de Ferreira Itajubá* (1944). Esses são os títulos mais importantes de sua obra publicada. De acordo com o crítico Onofre Jr.: “A obra ficcional de José Bezerra Gomes insere-se no Regionalismo Nordestino de 30. Está para este movimento assim como a obra poética de Jorge Fernandes está para o Modernismo” (2010, p. 65). O autor de *Os Brutos* tinha a intenção de desenvolver uma sequência de narrativas que correspondesse a um projeto do “romance do ciclo do algodão”, o que não aconteceu, em função de alguns problemas de saúde que interromperam o seu projeto.

No que diz respeito à sua produção poética, reconhecemos, em concordância com o crítico Moacyr Cirne, que José Bezerra Gomes é autor de poemas que seguem a trilha da lírica radical e minimalista proposta por Oswald de Andrade, mas observamos que a repercussão dessa obra é mínima em alcance de recepção, mesmo em contexto local. Conforme o crítico, registramos que seus poemas possuem uma radicalidade que supera mesmo os procedimentos

literários já realizados por Jorge Fernandes em sua poesia modernista. Para efeito de exemplificação, veja-se este poema:

Limite

Marido e mulher.

(GOMES, 2017, p. 55)

O recurso da síntese é levado ao extremo em que o poema é composto por apenas um verso, resultando num texto construído com quatro palavras, em sua curta extensão configurada por título e verso. Esse minimalismo lembra, formalmente, a poética radical de Oswald de Andrade, cujo poema *amor/humor* constitui um exemplo.

3 A PROSA MODERNISTA POTIGUAR E A PRODUÇÃO DO PERÍODO 1940-1950

Quanto à prosa modernista produzida em território potiguar, além do já mencionado José Bezerra Gomes, há dois romancistas cuja obra é significativa para o período, Aurélio Pinheiro (1882-1938) e Polycarpo Feitosa (1867-1955), ambos publicam seus romances mais importantes no ano de 1930, respectivamente *Macau* e *Gizinha*. Em relação a esses romances, pode-se comentar que, quanto ao primeiro, a crítica (GURGEL, 2001) faz a seguinte observação: ao recriar por meio de personagens fictícios algumas pessoas do universo local representado, é possível classificá-lo como um *roman à clef*. E a respeito do segundo, compreende-se como sendo de “natureza realista”, pois efetua um recorte do cenário provinciano através da descrição e análise de seus tipos mais interessantes.

Não se pode deixar de observar com Alves (2014, p. 100), que “[...] as publicações de autores norte-rio-grandenses no período 1930-1950 traçam um perfil ainda de tradicionalismo lírico em meio às gradativas mudanças poéticas advindas a partir do Modernismo de 1922”, ou seja, mesmo com o legado da inovação provocada por Jorge Fernandes, a poesia potiguar retrocede a esse “tradicionalismo lírico”. Entretanto, apesar de dialogar com essa tradição, há dois autores que, sem a radicalidade dos modernistas, produzem com a incorporação de elementos inovadores que pertencem às conquistas dos anos 20.

Destacamos, no período que equivale à produção das décadas de 40 e 50, os nomes de Zila Mamede (1928-1985) e de Newton Navarro, entre aqueles/as que tiveram seus textos

literários publicados no período mencionado. Em relação ao primeiro nome, reverenciada como a mais importante poeta do Estado, publicou vários livros, entre os quais podemos citar *Rosa de Pedra* (1953), *Salinas* (1958), *Arado* (1959), *Exercício da Palavra* (1975) e *Navegos* (1978). Sua poesia, nessa obra, percorre o caminho que segue do soneto a formas mais livres, exercitando-se de procedimentos literários que vão do estilo da Geração de 45 até a prática de versos que estabelecem relação com as manifestações poéticas mais inovadoras. Graduada em Biblioteconomia, realizou estudos nessa área na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Zila organizou a Biblioteca Central da UFRN, que tem seu nome, e a Biblioteca Pública Câmara Cascudo, além de ter sistematizado a bibliografia e o trabalho intelectual de Câmara Cascudo e também do poeta João Cabral de Melo Neto. Transcrevemos um poema representativo de sua lírica:

A MESA

Posta a mesa e o gesto
(entre a manhã, a louça, o linho)
da multiplicação.

Grave o rosto e a espera
(vinho, relógio, tarde, pressa)
de ter, cozido, o grão.

Cresce o tempo e a faina
(que é litania) de trazer,
multiaquecido, o pão.

(MAMEDE, 2003, p. 75)

No que se refere a Navarro, podemos dizer que se trata de um artista múltiplo, pois, além de poeta, é contista, cronista e artista plástico. Gurgel (2001, p. 115) comenta que “Em 61, Newton Navarro, artista de múltiplas facetas, lançou em Natal o seu primeiro livro de contos. Leitor e entusiasmado admirador da ficção curta americana e logo atraído pelo existencialismo francês, ele estreia com algo de novo no conto potiguar”. Nesse caso, o crítico Tarcísio Gurgel está fazendo menção ao livro *O solitário vento de verão*, cuja linguagem tem marcas salientes da escrita jornalística.

Dessa fase da produção literária norte-rio-grandense, podemos citar nomes cuja obra é também de grande relevância, como é o caso do romancista Eulício Farias de Lacerda, da poeta Myriam Coeli e dos poetas Deífilo Gurgel, Luiz Rabelo, Othoniel Menezes e Homero Homem, que publicam seus livros nesse período, que corresponde ao intervalo entre as décadas de 50 e 60.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo que as comemorações da Semana de Arte Moderna de 1922 não se limitam a um acontecimento literário fixo no tempo, principalmente porque a Semana, impulsionadora do modernismo no Brasil, é uma referência artística ampla e multicultural, refletir, então sobre esse acontecimento constitui, como afirmava o poeta Waly Salomão (1981, p. 36), um “projeto de superação do provinciano”. Então, podemos concluir que, escrever sobre a Semana, é inteirar-se desse projeto como uma forma de estar atento aos seus programas e manifestos, já que os textos produzidos, posteriormente, após 1922, por seus escritores e poetas, reiteram, permanentemente, a “força fatal” do movimento, de acordo com a expressão de Mário de Andrade.

Por isso, nossa intenção, neste artigo, foi a de trazer a discussão sobre a importância da Semana, evidenciando seu aniversário de instituição cultural centenária, procurando mostrá-la como um elemento vivo e produtivo, à medida que nos impulsiona à reflexão sobre o fazer artístico em nosso país, conscientes da relevante implicação teórica entre localismo e cosmopolitismo, a fim de relativizar o olhar centralizador da metrópole. Assim, estabelecer relações entre a produção modernista nacional e a local coloca-se como um exercício crítico e não meramente descritivo, objetivando uma leitura que atualize os pressupostos da visão modernista numa perspectiva não provinciana. Entendemos, com esta leitura, que a produção local, da década de 20 aos anos 50, responde, criativamente, a esse olhar.

Referências bibliográficas

ALVES, Alexandre. **Poesia submersa**. Poetas e poemas no RN:1900-1950. V 1; V 2. Mossoró: Queima-Bucha, 2014.

ANDRADE¹, Mário de. **Aspectos da literatura brasileira**. 4 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora; Brasília: INL, 1972.

ANDRADE², Oswald de. **Ponta de lança**. São Paulo: Globo, 1991. (Obras completas)

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte**. Natal: Editora Universitária, 1995.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. (Coleção Ensaio)

CASCUDO, Câmara. **Alma Patrícia**. 2 ed. Natal: Fundação José Augusto, 1998.

CASCUDO, Câmara. **História da Cidade do Natal**. 4 ed. Natal: EDUFRN, 2010.

CIRNE, Moacy. **A poesia e o poema do Rio Grande do Norte**. 2 ed. Natal: Sebo Vermelho, 2014.

COELHO, Frederico. **A semana sem fim**. Celebrações e memória da Semana de Arte Moderna de 1922, 2012.

FONSECA, Maria Augusta. **Oswald de Andrade**. Biografia. São Paulo: Art Editora; Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

GARCIA, Maria Lúcia de Amorim. **Jorge Fernandes: o viajante da alegria**. Obra completa. Natal: RN Econômico, 2009.

GOMES, José Bezerra. **Antologia Poética**. 2 ed. Natal: Sebo Vermelho, 2017.

GURGEL, Tarcísio. **Informação da Literatura Potiguar**. Natal: Argos, 2001.

MAMEDE, Zila. **Navegos/A herança**. Natal: Editora da UFRN, 2003.

MONTEIRO, Maria da Conceição Silva Dantas. Crônica: registro da modernização. **Imburana**. Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-rio-grandenses/UFRN, n° 2, nov. 2010, p. 20. Disponível em:///C:/Users/JOOBAT~1/AppData/Local/Temp/848-Texto do artigo-2853-1-10-20101223.pdf. Acesso em: 07 de abr/2021.

ONOFRE JR., Manoel. **Ficcionistas potiguares**. Biografia e crítica. 2ª edição revista e ampliada. Natal: 2010.

SALOMÃO, Waly. Por um projeto de superação do provinciano. **Arte em revista**, São Paulo, n° 5, p. 36, maio de 1981.

CONTRIBUTOS DE 22: IDEÁRIO MODERNISTA E MUDANÇA SOCIAL NO RIO GRANDE DO NORTE

Francisco Carlos Oliveira de Sousa³

1 INTRODUÇÃO

As comemorações do centenário da emblemática Semana de Arte Moderna de 1922 –evento ocorrido na cidade nomeada por Mário de Andrade como a *Paulicéia Desvairada* e que, de certa forma, sedimentou o modernismo no Brasil –, estimularam múltiplas discussões sobre a sua relevância no centro do cenário sociocultural brasileiro. Neste artigo, entretanto, se investiga as relações existentes entre os desdobramentos desse evento para além das fronteiras dos principais centros urbanos do País, notadamente São Paulo e Rio de Janeiro. Mais precisamente, o propósito é a investigação de impactos provocados por seu ideário na ocorrência de mudança social no estado do Rio Grande do Norte, sobretudo em sua capital.

A pesquisa realizada se justifica pelas lacunas existentes na bibliografia conhecida sobre a temática delimitada no objetivo deste estudo. A hipótese aqui proposta é que os desdobramentos desse movimento modernista entre os potiguares não se limitaram às inovações verificadas nos aspectos formais, estéticos, artísticos e literários.

O recorte temporal corresponde em sua essência àquele definido na historiografia brasileira como a Primeira República (1889-1930), com destaque para a década de 1920, na qual ocorreram os principais fatos estudados. Por conseguinte, o marco inicial é a proclamação da República e as expectativas modernizadoras ocorridas com a mudança na forma de governo. No marco final, temos como baliza os impactos causados pela difusão de ideias modernistas às vésperas da denominada Revolução de 1930.

Esta investigação se apoia nas reflexões de Antonio Cândido (1999, 2000), principalmente naquelas que discutem duas questões primordiais: a função do conhecimento na edificação de processos de mudança social e o impacto que determinadas ideias, a exemplo daquelas emanadas do modernismo, têm na constituição da compreensão da sociedade e de seus complexos problemas estruturais. E como desnudar essas questões se não por intermédio da produção e da disseminação do conhecimento crítico, reflexivo? Afinal, segundo Cândido (1999, p. 6), “sem o conhecimento da verdade não se muda nada”.

A partir dessa compreensão, as contribuições desse autor abarcaram questões sobre cultura, identidade e sociabilidade e são de expressiva relevância para a “sistematização

³ Doutor em História da Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Professor de História do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus NatalCentral. Orcid: 0000-0002-4303-5019. .E-mail para contato: francisco.sousa@ifrn.edu.br

da noção de **mudança social** que atravessa os seus textos ao longo da segunda metade do século XX” (REZENDE, 2007, p. 222, *grifo nosso*). Assim, suas análises sobre as condições complexas e conflitantes verificadas na sociedade brasileira, seja nas esferas política ou cultural, que desencadearam movimentos de ideias e atitudes inovadoras, capazes de estimularem mudança social, como aquelas estimuladas pelo modernismo, fundamentam a base teórica deste artigo. A investigação realizada se apoia, também, nas pesquisas de Araújo (1995), para quem a reverberação do pensamento modernista no Rio Grande do Norte contribuiu de forma decisiva para a constituição daquilo que se definiu conceitualmente como brasilidade nordestina.

A estrutura do texto está organizada basicamente em quatro itens: no primeiro, a **introdução**, define-se os elementos centrais da pesquisa empreendida. Em síntese, objetivo, justificativa, recorte temporal e referencial teórico. No segundo, **O cenário: a capital do Rio Grande do Norte nas primeiras décadas do século XX**, o foco se direciona para a análise das características do panorama urbano no qual as ideias do movimento modernista, sob o alvorecer do século passado, adentraram ao Rio Grande do Norte. Ou seja, examina Natal, a capital potiguar, em algumas de suas variadas facetas, desde o final do século XIX ao início do século seguinte. No terceiro, **Entre a vanguarda e o provincianismo: impactos do modernismo no Rio Grande do Norte**, o destaque se concentra na investigação de como determinados aspectos do pensamento intrínseco ao movimento modernista foram apropriados por nomes representativos da intelectualidade local, a exemplo de Câmara Cascudo e Jorge Fernandes, e repercutiram na sociedade potiguar. Em particular, como essas ideias que circularam no estado, a partir de então, contribuíram para o processo de mudança social nos termos propostos por Antonio Cândido (2000). No quarto, as **considerações finais**, se busca retomar as bases da argumentação apresentadas nos limites deste trabalho de modo a demonstrar a plausível efetivação do objetivo central proposto.

Os argumentos que se seguem adiante e fundamentam este artigo procurarão trilhar a sequência mencionada na estruturação do texto e estabelecer nexos entre as veredas teórico-metodológicas enunciadas. Para tanto, o passo inicial sugerido ao leitor é conhecer o espaço e o contexto histórico impactados, neste estudo, pelo ideário modernista norteador da Semana de Arte Moderna de 1922.

2 O CENÁRIO: A CAPITAL DO RIO GRANDE DO NORTE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

No início do século XX, o mundo ocidental, cujo centro irradiador ainda era a Europa, vivenciava período de relativa paz nas sociedades capitalistas centrais, definido na historiografia como *Belle Époque*. Naquela época, escolarização, modernização, tecnologia e progresso eram termos considerados indissociáveis, especialmente em ambientes urbanos (HOBSBAWM, 1995). Entre nós, a República brasileira prometia integrar ordem social e progresso material (NAGLE, 1974).

Em que medida o Rio Grande do Norte e, em particular sua capital, foram influenciados por esse contexto? Por essa época, Natal se dividia em dois bairros oficiais: Cidade Alta e Ribeira, pouco depois acrescidos de Cidade Nova e Alecrim, circundados por agrupamentos adjacentes, como, por exemplo, Rocas, Guarita, Refoles, Passo da Pátria, Quintas e Barro Vermelho, além daqueles situados na faixa litorânea: Praia do Meio e Areia Preta (CASCUDO, 1999).

O primeiro bairro era basicamente residencial, mas também sediava repartições e entidades da administração pública. O segundo, iniciado no final da ladeira que os separava, compreendia uma região alagadiça que, posteriormente urbanizada, rivalizou, em importância, com a Cidade Alta. Na transição do século XIX para o século XX, a Ribeira passou a concentrar as atividades mercantis e de lazer, “os hotéis, a alfândega, o porto, as casas exportadoras e a estação ferroviária”, além da maioria dos homens abastados da cidade (CLEMENTINO, 1995, p. 191).

Conforme Câmara Cascudo (1999), o contato entre moradores da Cidade Alta e da Ribeira foi ampliado a partir das benfeitorias implementadas nas primeiras décadas do século XX, a exemplo dos bondes. Sob a visão de republicanos, os melhoramentos realizados colocavam Natal nos rumos da modernidade. Desde o governo de Pedro Velho de Albuquerque Maranhão (1892-1896), a oligarquia sob sua liderança controlou a política estadual até a década de 1920 (MONTEIRO, 2000) e comandou as obras realizadas em Natal, principalmente nas administrações de seu irmão e sucessor, Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão (1900-1904 e 1908-1913).

Os anseios modernizantes da elite natalense foram expressos simbolicamente na palestra *Natal Daqui a Cinquenta Anos*, proferida por Manoel Dantas, em 21 de março de 1909. Nela, o jornalista e educador⁴

⁴ Exerceu a Diretoria Geral da Instrução Pública em dois períodos: 1897-1900 e 1911-1924.

mesclou ficção, humor e previsões ufanistas sobre o futuro da cidade. Não por coincidência, exaltou realizações ocorridas entre nós sob o contexto da *Belle Époque* (LIMA, 2000). De acordo com Arrais (2009), as ações exaltadas por Manoel Dantas trouxeram para Natal alguns símbolos da modernidade; entre outros, a eletricidade, o bonde e o cinema.

Não obstante, “se Natal recebeu o quinhão de progresso que lhe coube na posição de periferia do mundo capitalista, também conheceu, na mesma medida, as pulsações trágicas do progresso” (ARRAIS, 2009, p. 186) e as ambiguidades do mundo moderno. Nesse sentido, se a reforma de 1908 na instrução pública foi, por exemplo, um avanço significativo, a carência de professores e o analfabetismo eram mazelas visíveis. Além disso, as instituições escolares, na própria capital do estado, foram outra limitação observada. Natal tinha apenas dois grupos escolares: o Augusto Severo, criado a 12 de maio de 1908, na Ribeira, e o Frei Miguelinho, instituído em 21 de abril de 1913, no Alecrim. O Atheneu Norte-rio-grandense, fundado em 3 de fevereiro de 1834, era a única instituição educativa que ministrava a instrução secundária, acessível a poucos jovens da sociedade natalense (CASCUDO, 1999).

Naquela conjuntura, controlar os excluídos do processo modernizador republicano (entre estes, menores pobres em idade escolar) era uma das principais preocupações para as elites locais, em desafio análogo àquele que sobressaltava autoridades no âmbito nacional (CUNHA, 2000). Com um agravante: o ideário industrialista propagado no Sudeste do Brasil – segundo o qual, a industrialização seria a alavanca para o progresso e a inserção social das massas pauperizadas – encontrou, nas condições reais existentes no Rio Grande do Norte, consideráveis obstáculos.

A partir da década de 1920, o crescimento da cotonicultura promoveu a ascensão política da elite agrária seridoense vinculada à produção e comercialização do algodão. Nesse contexto, ocorreu o declínio da oligarquia Albuquerque Maranhão e o fortalecimento da oligarquia Bezerra de Medeiros, que assumiu o controle do Executivo estadual. “A transição entre as oligarquias, é claro, manteria inalterado o quadro da dominação econômica e social [...], uma vez que os mecanismos eleitorais do sistema coronelístico-oligárquico permaneceriam inabaláveis” (MONTEIRO, 2000, p. 177). Se essa era a situação nos primeiros decênios do século XX como, então, a sociedade potiguar recebeu as influências do movimento modernista, cujas ideias centrais se disseminaram pelo Brasil, ao menos com maior intensidade, a partir da Semana de Arte Moderna de 1922?

Na sociedade com as características elencadas, algumas ideias inerentes ao modernismo, sobretudo aquelas que, para Antonio Cândido (2000), tinham potencial para promoverem

mudança social, o terreno existente era improvável para a sua disseminação. Para muitos, essas ideias não encontrariam guarida possível. Caíram em solo estéril e pereceram com facilidade. Mas, em alguns, essas ideias encontraram solo fértil e germinaram. Entre esses encontramos, por exemplo, Câmara Cascudo e Jorge Fernandes. Quais registros sinalizam nessa direção? Os argumentos a seguir buscam esclarecer como – por intermédio das evidências coletadas – aspectos do pensamento modernista foram semeados no Rio Grande do Norte, a partir de obras e ações desenvolvidas por esses intelectuais.

3 ENTRE A VANGUARDA E O PROVINCIANISMO: IMPACTOS DO MODERNISMO NO RIO GRANDE DO NORTE

Situado na região Nordeste do Brasil, o Rio Grande do Norte se insere em espaço geográfico e cultural que, nas primeiras décadas do século XX, ainda era visto por muitos como área atrelada às tradições de arcaico regionalismo, distante das ideias modernistas que circulavam, em especial, no Sudeste do País. Muito embora, como alerta Albuquerque Jr. (1999, p. 307), “*O Nordeste, assim como o Brasil, não são recortes naturais, políticos ou econômicos apenas, mas, principalmente, construções imagético-discursivas, constelações de sentido*”, como desvelam as contribuições do autor na obra *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*.

Na contramão de concepções que ainda se verificam na historiografia brasileira que privilegiam investigações centradas no Sudeste do País, Araújo (1995) estudou as influências do movimento modernista no Rio Grande do Norte e identificou seus vínculos com o ambiente cultural nordestino, no contexto da década de 1920. Em sua análise, constatou a proeminência de dois atores sociais nesse cenário: Luís da Câmara Cascudo e Jorge Fernandes, autores cujas produções intelectuais foram identificadas como indícios de uma vanguarda artístico-cultural na capital do estado. Sendo assim, em que medida o modernismo impactou esses autores e a sociedade potiguar?

A compreensão desse questionamento, naquele contexto histórico, requer o conhecimento daquilo que representou o movimento modernista no Brasil, expresso simbolicamente na Semana de Arte Moderna, ocorrida de 13 a 18 de fevereiro de 1922, no recinto do Teatro Municipal de São Paulo, onde se destacaram, entre outros intelectuais inovadores, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Anita Malfatti. Juntos eles conquistaram apoio para novas concepções, nas artes e nas letras, cuja amplitude abrangia desde aspectos

étnicos e estéticos até percepções políticas e culturais (REZENDE, 2007). Realizada com entusiasmo pelos idealizadores, foi defendida pelos paulistas como marco fundante do movimento no Brasil.

Entretanto, novas pesquisas contestam a centralidade atribuída à Semana de 1922 como baliza temporal para a emergência do modernismo no Brasil. Essa avaliação é corroborada, dentre outros estudiosos, por Ana Magalhães, dirigente do Museu de Arte Contemporânea (MAC) da Universidade de São Paulo, para quem atualmente essa idealização não tem mais sustentabilidade. De acordo com essa historiadora da arte, investigações recentes revelaram a prévia existência de múltiplas experiências de modernismos disseminadas pelo País, manifestadas em publicações, grupos de literatos e na promoção de atividades artísticas (QUEIROZ, 2022). No entanto, essa constatação, é evidente, não desmerece a relevância daquele evento paulistano.

A centralidade da Semana de 22 também foi, de certa forma, questionada por Araújo (1995) ao identificar em suas pesquisas fatos e iniciativas que, no Rio Grande do Norte, precederam as atividades realizadas em São Paulo sob o beneplácito de parcela da elite econômica da cafeicultura nacional. Nesse caso específico, para surpresa de pesquisadores dos grandes centros urbanos do Brasil, o Futurismo – movimento vanguardista europeu – “foi noticiado em Natal concomitantemente ao seu aparecimento na Itália” (QUEIROZ, 2022, p. 39). Em seu impacto inicial, aquele movimento de tal modo agitou o mundo literário que Joaquim Inojosa, expoente do modernismo em Pernambuco, o definiu como “bolchevismo das letras” (MELO, 1924, apud ARAÚJO, 1995, p. 34), conforme matéria transcrita no jornal *A Imprensa*, de 29 de agosto de 1924. Justamente o ano inicial da correspondência de Cascudo com Mário de Andrade, que perdurou por cerca de duas décadas (MORAES, 2010). Mas como, então, aspectos do pensamento modernista, com destaque para as influências de sua principal liderança paulista, impactaram a sociedade local?

A pista para a resposta a esse questionamento requer a compreensão da seguinte ferramenta interpretativa: sob a concepção que norteia esta investigação, o modernismo caracterizou-se por um movimento de ideias, não restrito aos campos das artes e da literatura, ao modificar de forma expressiva o pensamento então vigente no Brasil, nos seguintes termos:

O nosso modernismo importa, essencialmente, em sua fase heróica, na libertação de uma série de recalques históricos, sociais, étnicos, que são trazidos triunfalmente à tona da consciência literária. Esse sentimento de triunfo, que assinala o fim da posição de inferioridade no diálogo secular com Portugal e já nem o leva mais em conta, define a originalidade própria do modernismo na dialética do geral e do particular (CÂNDIDO 2000, p. 110).

É com base na compreensão do conceito de modernismo exposto na obra de Antônio Cândido que Humberto Hermenegildo de Araújo (1995) constatou que também no Rio Grande do Norte ocorreu essa renovação cultural na década de 1920. Entretanto não deixa de ser curioso que, segundo esse pesquisador de Teoria Literária, a primeira informação registrada em Natal sobre a Semana de Arte Moderna ocorrida em São Paulo, somente foi de fato publicada na imprensa local em 1924, em texto assinado por Câmara Cascudo.

Na pesquisa que fundamentou a sua dissertação, Araújo (1995) analisou essa renovação cultural como caracterizada por imbricações de caráter peculiar. Afinal, ocorrera a partir das repercussões tanto do regionalismo quanto do modernismo. Porém, de acordo com os dados coletados nos jornais *A Imprensa* e *A República*, então editados na capital potiguar, a presença do regionalismo, naquele contexto, é creditada mais às tradições arraigadas na sociedade que a qualquer movimento supostamente articulado. Todavia, o modernismo se propagou a partir das ideias de um movimento claramente organizado que, no estado, esteve sob a condução de Luís da câmara Cascudo.

Ainda segundo Araújo (1995), como desdobramento das influências do modernismo no âmbito estadual, temos o *Livro de Poemas de Jorge Fernandes*, cuja publicação, em 1927, representou expressiva mudança no formato de produção e recepção de obras literárias no Rio Grande do Norte. Esse livro adquiriu relevância a partir do relativo pioneirismo de seus subsídios para a constituição daquilo que se definiu como brasilidade nordestina, inovação desenvolvida na medida em que Fernandes poetizou nuances da realidade social regional. Decorre daí nova vertente nas pesquisas literárias no Brasil, atrelada às imbricações existentes entre as abordagens regionalistas e aquelas de natureza cosmopolita. Essa obra tornou-se, assim, fonte proeminente para pesquisas sobre aspectos do modernismo no Nordeste do País (ARAÚJO, 1995).

Na década de 1920, Jorge Fernandes conciliou suas atividades na literatura com a propriedade do Café Majestic, espaço no cenário urbano natalense que se notabilizou ao receber a frequência de artistas e intelectuais de renome nacional, a exemplo de Manuel Bandeira e Mário de Andrade. Naquele ambiente de efervescência cultural, se “materializava o desejo modernista de romper com o ambiente academicista e exaltar a cultura popular” (ARAÚJO apud QUEIROZ, 2022, p. 39), como se pode ver na obra de Fernandes já apresentada a Mário de Andrade por Câmara Cascudo, em carta datada de 1925 (MORAES, 2010). Seria essa exaltação às crenças e saberes populares – ao valorizar conhecimentos outrora menosprezados em ambientes elitizados –, prenúncios para a compreensão do pensamento modernista como possível alavanca para a mudança social? Como seria esse autor, de longínquo território nordestino, observado em outros espaços da constelação modernista em expansão?

Apesar das barreiras existentes para autores de estados periféricos da federação, a produção intelectual de Jorge Fernandes ultrapassou fronteiras. Foi publicada em periódicos da imprensa nacional, a exemplo da Revista de Antropologia, de São Paulo, e a revista Verde, de Minas Gerais, e teve poemas traduzidos para o espanhol (PEREIRA, 1985; GURGEL, 2001). O próprio Mário de Andrade, estrela de primeira grandeza na constelação modernista, em carta endereçada para Câmara Cascudo, seu principal (e admirado) interlocutor no Rio Grande do Norte, expressou entusiasmo pelo talento do autor norte-rio-grandense (MORAES, 2010).

A maior proximidade entre o expoente do movimento modernista e Câmara Cascudo remonta a 1928, quando Mário de Andrade permaneceu em Natal durante um mês sob a hospitalidade daquele que, segundo Araújo (1995), foi dos principais estimuladores do diálogo promovido entre intelectuais nordestinos e seus congêneres de São Paulo. Junto com Cascudo, Mário de Andrade viajou para várias regiões do território potiguar. Na ocasião, sempre cercado pelo anfitrião, visitou terreiros de Catimbó, áreas de produções salineiras, terras de carnaubais⁵, distritos algodoeiros; conheceu trabalhadores tiradores de coco e assistiu manifestações culturais, como ensaios de Pastoril, atividades descritas na obra *O Turista Aprendiz* (ANDRADE, 2015). Cabe o registro que, naquela época, a religiosidade expressa no Catimbó e na Umbanda era hostilizada por muitos e via de regra era tratada como caso de polícia. De tal modo, Cascudo e Mário de Andrade deram testemunhos públicos de repúdio a preconceitos e sinalizaram, assim, o interesse em conhecerem traços da cultura popular cujas características mesclam contribuições africanas e indígenas e a realidade de grupos sociais marginalizados. Ou seja, conhecimentos até então em grande medida negligenciados por setores elitizados da sociedade brasileira.

A relevância dessa proximidade de Cascudo com um dos principais nomes do modernismo paulista é mais bem avaliada quando se observa a magnitude das manifestações culturais por eles registradas durante o itinerário do simbólico périplo denominado como “‘Viagem de descobrimento do Brasil’”. Nesse momento, viram nas manifestações populares que lhes foram apresentadas uma temática que seria de forte influência sobre ambos, revelada, tempos depois, nos estudos que realizaram sobre a cultura popular” (LIMA, 2008, p. 179-180, grifo nosso). Ora, se a mencionada descoberta é fundamental para a compreensão da realidade social brasileira e, por conseguinte, ferramenta indispensável para o fomento da mudança social, então temos aí admissível comunhão com o referencial teórico que norteia este artigo.

⁵ Plantações de carnaúbas, espécie de palmeira da qual se extrai um tipo de cera que, à época, tinha considerável importância na economia do Rio Grande do Norte.

Dessa forma, a postura e os interesses em comum desses autores, que deram robustez às ideias intercambiadas entre Natal e São Paulo, indicam similaridades com as reflexões de Antonio Cândido expressas na obra *Literatura e Sociedade*, segundo as quais determinadas percepções do movimento modernista colocaram em xeque, entre nós, tanto a hipotética inferioridade da população brasileira, supostamente deturpada por sua natureza mestiça, quanto a fictícia supremacia étnica europeia, representada como “natural” estágio civilizatório que se contrapunha ao primitivismo existente nos trópicos. Por essa ótica, “O modernismo rompe com este estado de coisas. As nossas deficiências, supostas ou reais, são reinterpretadas como superioridades” (CANDIDO 2000, p. 110).

Essa interpretação era algo até então impensável para quem se nutria da visão ortodoxa eurocêntrica de mundo e que, a partir dessa perspectiva, enxergavam negros, pobres e indígenas como seres inferiores. Decorre daí a evidente contraposição de aspectos do movimento modernista às ideias eugenistas, adeptas do darwinismo social então ainda em evidência no Brasil durante a década de 1920, inclusive entre escritores (MACIEL, 1999). Mas o movimento modernista, assim como outros, não era homogêneo. Teve diferentes fases e vertentes cujos mecenas, autores e artistas expressavam distintas visões de mundo.

Nesse sentido, Berriel (2013) desnudou como a decantada Semana de Arte Moderna de 1922 também auxiliou contraditórios interesses oligárquicos, entre os quais se encontravam reacionarismo, racismo e modernismo, presentes na influência exercida pelo principal mecenas do evento: Paulo Prado, à época, situado entre os maiores exportadores de café do mundo. Sendo assim o modernismo não foi, por óbvio, algo unívoco. Como já destacado, autores e obras tiveram características, sentidos e percursos distintos. Exemplo disso é que o pensamento de Mário de Andrade divergia da corrente mais próxima do conservadorismo. Sua posição de destaque no movimento deveu-se, entre outros aspectos, ao fato dessa figura emblemática do modernismo paulista “escancarar que o projeto estético era também um projeto ideológico. Sua obra produzia, assim, uma enorme tensão assentada na busca tanto de uma linguagem nova quanto de meios de participar na vida social” (REZENDE, 2007, p. 235). Essas tensões ficaram evidentes em suas argumentações em prol da educação política, de mudanças sociais, de modificações nos costumes e no combate às mentalidades deturpadas pelas práticas vinculadas a interesses oligárquicos.

No Rio Grande do Norte, Câmara Cascudo, apesar de seus vínculos com a elite estadual e, mais tarde – fora do recorte temporal desse artigo –, sua efêmera adesão ao integralismo⁶ na década de 1930, posteriormente renegada (LIMA, 2008), assimilou contribuições da concepção modernista defendida por Mário de Andrade. Ideias que, gradualmente, influenciaram seus

⁶ Movimento político de influência fascista que, no Brasil, teve como principal liderança o modernista Plínio Salgado. Para maiores informações sobre o Integralismo no estado ver: CORTEZ, Luiz Gonzaga. Pequena história do Integralismo no RN. Natal: Clima/Fundação José Augusto, 1986.

estudos sobre grupos sociais historicamente desprestigiados, além de crenças e tradições populares de múltiplas regiões do Brasil, de modo que a sua obra multifacetada, sobretudo na área da cultura popular, passou a contribuir para o arrefecimento de arraigadas concepções preconceituosas existentes no território nacional, disseminadas, principalmente, em mentes colonizadas arredias às mudanças sociais que colocassem em riscos suas convicções supostamente superiores (CÂNDIDO, 2000).

Alguns escritos, inclusive, apresentaram surpreendente teor político para um legítimo representante da conservadora sociedade local. Chama a atenção, por exemplo, a crônica publicada no jornal *A Imprensa*, na edição de 19 de outubro de 1924, quando o jovem Cascudo, aos 26 anos, exortou os trabalhadores de todo o Rio Grande do Norte a se autofinanciarem em suas associações e evitarem recursos advindos de supostos benfeitores, que os colocariam sob tutela (CASCUDO; ARRAIS, 2005), ou seja, estimulou a busca pela autonomia das entidades de classe dos trabalhadores, nesse caso, representadas pelo Centro Operário Natalense, a quem dedicou a crônica citada. Não se trata de atribuir-lhe inexistente conotação revolucionária. Embora não seja admissível romantizar essa postura, quando associações de trabalhadores tinham características essencialmente mutualistas, também não é adequado negligenciá-la em contexto no qual as forças políticas – na transição do domínio das oligarquias Albuquerque Maranhão para a Bezerra de Medeiros – controlavam cargos, informações, ideias e mentes (MONTEIRO, 2000).

Em outra de suas crônicas, publicada em 17 de janeiro de 1929, no jornal *A República*, discorreu sobre a necessidade de o governo do Estado e da Prefeitura Municipal de Natal protegerem os protagonistas nas manifestações da cultura popular. Entre essas, o Bumba-meu-boi, a Chegança e os Congos que, de acordo com o pesquisador potiguar, deveriam ser reconhecidas como expressões do espírito coletivo, conforme exemplos verificados com tradições populares existentes em diferentes países da Europa. Com certa indignação, criticou a falta de apoio nos seguintes termos: “Entre nós há o inverso [...] possuímos um solempne desprezo pelo espírito popular” (CASCUDO, ARRAIS, 2005, p.131). E, na mesma crônica, acrescentou: “Não haverá quem ajude esta gente? Será o seu caracter popular quem nos afasta della, a nós autofalantes da Democracia⁷?” (CASCUDO, ARRAIS, 2005, p.133).

O teor das citações extraídas daquelas crônicas escritas na década de 1920, sob contexto caracterizado pelo domínio oligárquico (MONTEIRO, 2000), apresenta evidências que as preocupações de Cascudo superavam os limites da análise cultural, formal, estética, etnográfica. Em certo sentido, sugerem a rejeição à erudição supostamente isenta e definem seu posicionamento em defesa de mudanças necessárias no pensamento hegemônico existente naquela sociedade.

⁷ Citações conforme a grafia original.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Rio Grande do Norte, o início do século XX, assim como nos demais estados brasileiros, foi recebido com alentadas expectativas. De forma especial, em Natal, aquele contexto histórico das primeiras décadas da República no Brasil parecia finalmente trazer o progresso e o desenvolvimento que arautos da modernidade anunciavam ao mundo ocidental. Os avanços técnicos ocorridos nos melhoramentos urbanos pareciam confirmar as aspirações acumuladas por diferentes setores da sociedade, com predominância nas elites e na classe média.

Contudo, características do passado persistiam e se mesclavam entre as melhorias materiais ocorridas. Essas características se verificavam no desprezo pelos mais humildes e por suas manifestações culturais; na exaltação ao etnocentrismo e na persistência do analfabetismo; na manutenção de preconceitos seculares, entre outros, de natureza étnico-raciais, ideológicos, religiosos, estéticos e linguísticos. Na década de 1920, esse reservatório de concepções arcaicas foi ameaçado por diferentes razões. Dentre essas, pela circulação de ideias oriundas do movimento de vanguarda cujo símbolo no Brasil, sob a ótica da elite paulista, foi a Semana de Arte Moderna de 1922.

A conexão que se estabelece entre determinadas concepções disseminadas em uma dada sociedade e grupos sociais não se constitui de forma maquinal, automática, nem exprime, de imediato, aquilo que se espera da relação entre extratos sociais e expressões de diferentes ideias. Não obstante, no embate ocorrido no Rio Grande do Norte, o confronto do arcaísmo com ideias modernistas – que se propagaram em diferentes domínios da vida social (político, econômico, cultural) – encontraram acolhida em Câmara Cascudo e Jorge Fernandes. As ideias modernistas foram, em grande medida, estimuladas pela proximidade estabelecida com Mário de Andrade, mentor e propagador do modernismo, como se revelou na sua visita ao estado e na correspondência por décadas com Cascudo. As evidências expostas revelaram que os posicionamentos desses autores, registrados em seus escritos e jornais da época, abriram fendas nas represas da ignorância e dos preconceitos.

Em defesa de nossa identidade, tanto Cascudo quanto Jorge Fernandes rejeitaram o etnocentrismo e exaltaram a singular brasilidade no conjunto das nações, mas destituída de ufanismo. Contestaram variados tipos de intolerância e arrogância. Estudaram e defenderam o respeito a múltiplas expressões da cultura popular, inclusive das mais discriminadas, como Cascudo fez em relação ao Catimbó. De forma deliberada ou não, esse intelectual potiguar

estimulou a autonomia de classe dos trabalhadores manuais e procurou conhecer seus ambientes de labuta, como ocorreu na visita que realizou com Mário de Andrade às insalubres salinas e plantações de carnaúba do Rio Grande do Norte. Unidos do referencial modernista, Câmara Cascudo e Jorge Fernandes levaram ao centro de seus trabalhos temas e personagens outrora solenemente menosprezados. Enfim, expressaram ideias e atitudes dotadas de caráter inclusivo em contraposição à natureza do pensamento excludente predominante na sociedade oligárquica de então.

Pode-se questionar em que medida tudo isso é mensurável. Todavia é razoável inferir, à luz das evidências apresentadas, que suas contribuições, por intermédio das ideias modernistas, expressas em suas ações e seus escritos, tornaram-se alavancas para potenciais mudanças sociais, conforme preconizara Antonio Cândido. Afinal, o conhecimento crítico a respeito da realidade precede o desejo de mudança.

Embora marcadas por reiterados avanços e recuos, verificados nas esferas da cultura, das identidades e da sociabilidade, as mudanças provocadas pela emergência e difusão do ideário modernista foram capazes de combaterem e abalarem, em variados graus de magnitude, como se procurou demonstrar, algumas das concepções circulantes na sociedade potiguar durante a chamada República Velha.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo; Leandro Raniero Fernandes, colaborador. Brasília, DF: Iphan, 2015.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 1995.

ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. O mundo avança! Os caminhos do progresso na cidade de Natal no início do século XX. In: BUENO, Almir de Carvalho (Org.). **Revisitando a história do Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 2009, p. 159-192.

BERRIEL, Carlos. **Tietê, Tejo, Sena: a obra de Paulo Prado**. 2 ed. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

CÂNDIDO, Antônio. **Para pensar o problema da fome**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 1999, 29 nov. C6, p.6.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CASCUDO. Luís da Câmara. **História da cidade do Natal**. Natal: RN Econômico, 1999.

CASCUDO, Câmara; ARRAIS, Raimundo (Organização e estudo introdutório). **Crônicas de origem: a cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20**. Natal: EDUFRN, 2005.

CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. **Economia e urbanização: o Rio Grande do Norte nos anos 70**. Natal: UFRN/CCHLA, 1995.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização**. São Paulo: Editora UNESP, Brasília: Flacso, 2000.

GURGEL, Tarcísio. **Informação da Literatura Potiguar**. Natal: Argos, 2001.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIMA, Matheus Silveira. **Percorso intelectual de Luís da Câmara Cascudo: modernismo, folclore e antropologia**. *Perspectivas*, São Paulo, v. 34, p. 173 - 192, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/2242/1847>. Acesso em: 20 jan. 2022.

LIMA, Pedro de. **O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas**. Natal: Cooperativa Cultural, Sebo Vermelho, 2000.

MACIEL, Maria Eunice de S. A eugenia no Brasil. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 11, julho de 1999. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31532/000297021.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 jan. 2022.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 2000.

MORAES, Marcos Antônio de. (Org.). **Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas, 1924-1944**. São Paulo: Global, 2010.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1974.

PEREIRA, Francisco das Chagas. **Leitura de Jorge Fernandes: contribuição ao estudo do modernismo na província**. Natal: Nordeste Gráfica, 1985.

QUEIROZ, Cristina. Centralidade contestada: Pesquisas trazem à luz experiências modernistas espalhadas pelo Brasil. **Revista Pesquisa FAPESP**. Edição 311. Janeiro 2022. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/revista/ver-edicao-editorias/?e_id=445. Acesso em: 21 jan. 2022.

REZENDE, Maria José de. **A análise de Antônio Cândido: O papel das ideias e do pensamento no processo de geração da mudança social no Brasil**. Disponível em: <http://www.moe-bio.uchile.cl/29/rezende.html>. Acesso em: 17 de jan. 2022.

HELEN INGERSOLL: UMA VOZ MODERNISTA SILENCIADA NO RN

Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva⁸ (IFRN)

Raquel de Araújo Serrão⁹ (IFRN)

Laysi Araújo da Silva¹⁰ (IFRN)

Em agosto de 2021, a poesia viva, pulsante e afrontosa da poeta mossoroense Helen Ingersoll



Helen Ingersoll

Fonte: Acervo da família (2022)

(1930-2010) deixou de se restringir às páginas em tom sépia do extinto jornal natalense “A República”, ganhando uma edição que reúne 19 poemas sem métrica nem rimas e 4 crônicas, publicada pela Amigos da Pinacoteca com lançamento na 10ª Feira de Livros e Quadrinhos de Natal - FLIQ. Essa reaparição às portas do centenário da Semana de 22 chega em um momento de contestação da centralidade modernista atribuída à região sudeste, uma vez que pesquisas pelo Brasil têm trazido à tona experiências modernistas espalhadas em vários estados.

Diante disso, algumas perguntas nortearam a pesquisa: qual(is) o(s) motivo(s) do silenciamento dessa importante voz literária feminina por 71 anos? Existem materiais inéditos e/ou publicados no Rio de Janeiro, onde passou maior parte da vida? Palmyra

Wanderley e Zila Mamede são contemporâneas de Helen Ingersoll e tiveram seus poemas comentados pela crítica, sendo assim, por que não existe uma crítica da época sobre os poemas ingersollianos?

Com intuito de trazer algumas respostas, dada a brevidade do artigo científico, este pequeno estudo tem por objetivo reivindicar uma reparação desse apagamento, visibilizando vida e obra da autora. Tal reivindicação visa provocar mudanças no campo da pesquisa em Literatura, especificamente nos rumos da história literária norte-rio-grandense.

⁸ Doutora em Estudos da Linguagem (2019) pela UFRN, professora de Língua Portuguesa de Literatura, vinculada ao NUPEL – Grupo de Pesquisa do IFRN, coordenadora do Projeto de Pesquisa Enquanto houver Soll, a poesia pede passagem. E-mail para contato: kalina.paiva@ifrn.edu.br / kalinissima@yahoo.com.br

⁹ Doutora em Estudos da Linguagem (2017) pela UFRN, professora de Língua Espanhola do IFRN, vinculada ao NUPEL – Grupo de Pesquisa do IFRN, membro do Projeto de Pesquisa Enquanto houver Soll, a poesia pede passagem. E-mail para contato: raquel.serrao@ifrn.edu.br

¹⁰ Mestre em Linguística (2017) pela UFCE, professora de Língua Espanhola do IFRN, vinculada ao NUPEL – Grupo de Pesquisa do IFRN, membro do Projeto de Pesquisa Enquanto houver Soll, a poesia pede passagem. E-mail para contato: laysi.araujo@ifrn.edu.br

Por meio da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, foi possível reunir peças de um quebra-cabeças. Alguns poucos artigos, publicados mais recentemente em jornais e blogues potiguares de cultura, colaboram para uma folclorização da imagem da poeta mossoroense e poucos informam sobre sua vida de fato. Sendo assim, a pesquisa bibliográfica nos deu suporte para a análise dos poemas, trazendo resposta sobre essa invisibilidade; e a pesquisa de campo permitiu que coletássemos informações com a família da poeta, já que esta já é falecida.

Dito isso, o artigo está dividido em três seções: (I) Feições de uma poeta modernista: a vida de Helen Ingersoll, na qual são partilhadas informações biográficas, entrelaçadas ao contexto da época; (II) O desmantelamento da métrica no RN: rupturas com a tradição e estranhamento do público leitor, na qual são discutidos fatos que implicaram no silenciamento da poética ingersoliana; finalmente, à guisa de análise geral dos resultados, as (III) Considerações finais.

FEIÇÕES DE UMA POETA MODERNISTA: A VIDA DE HELEN INGERSOL

Para se entender a mentalidade social da época e o modo como a modernidade aparece na construção estética do período, é necessário ancorar a perspectiva adotada para este estudo, qual seja, articulação entre contexto social, biografia e discurso, já que a relação entre lírica e sociedade é complexa. A exemplo disso, insta dizer que tanto Mossoró quanto Natal, duas cidades do RN em que a poeta mossoroense, respectivamente, nasceu e viveu – da Revolução de 1930 até o final dos anos 1940 – já experimentavam um novo ritmo imposto pela modernidade, exceto em um aspecto: o conservadorismo que se mantinha como traço perene. Candido nos dá subsídio para esse percurso crítico e metodológico:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos valores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CANDIDO, 1967, p. 4)

Feitos os devidos esclarecimentos, apresentamos a filha do canadense William John Ingersoll, um engenheiro viúvo, que chega a Mossoró para trabalhar na prospecção da gipsita em 1915, e da professora Maria Elisa da Silva: Helen Ingersoll, que nasceu em 13 de março de 1930. A escritora era bisneta do abolicionista caraubense radicado em Mossoró, Aderaldo Zózimo de Freitas, comerciante e político. Sua experiência com a morte de pessoas queridas tão próximas deixaria marcas em sua poética. Sua irmã Clyte Ingersoll faleceu aos 7 anos de idade, em 1937. Em sua pré-adolescência, o suicídio interrompeu a vida do seu pai.

Quando se diplomou em Mossoró, atuou como docente por dois anos, em seguida, transferindo-se para a capital do estado, aos 18 anos, para estudar no Atheneu Norte-Rio-Grandense. A terra natal da poeta estava em descompasso com a sua poesia – o que não tardaria acontecer em Natal, provinciana demais.

Os indícios do seu talento literário se revelaram ainda aos 8 anos, quando escreveu uma peça para ser encenada na escola. Depois, as leituras e a fluência em inglês a aproximariam desse universo cultural. Em 1947, estreia com *Revelação*, no jornal “A República”.

Em 1949, passa a frequentar a casa de Aníbal Machado, um dos melhores contistas brasileiros do século XX, entusiasta da cultura, cuja residência era o ponto de encontro de artistas nacionais e internacionais nas memoráveis tertúlias, ocorridas aos domingos. Lá, conhece a filha do escritor, Maria Clara Machado, fundadora do Tablado. Sobre essa experiência, ela escreve uma crônica, intitulada *Gente do Rio I*, que fora publicada no jornal natalense em 28 de agosto de 1949. Concurada, muda-se definitivamente para o Rio e assume sua função no Banco do Brasil. Casa-se com o maranhense Edson Sá e, com ele, tem uma filha.

IMAGEM 02



Helen Ingersoll e Clyte Ingersoll

Fonte: Acervo da família (2022)

Em alguns blogues de cultura da atualidade, especula-se a respeito do prematuro encerramento de sua vida literária. No início dos anos 1950, familiares relataram que a poeta partiu em busca de um grande amor a quem ela dedicou o poema *Quando se der a morte do olhar verde*, desiludindo-se. (INGERSOLL, 2021). Tal fato interferiu em sua decisão de encerrar definitivamente a sua carreira literária, extraviando vários poemas que não chegaram a ser publicados.

No ano de 1972, Antônio Maia, irmão do músico Tim Maia, escreve uma crítica em tom de defesa da poética de Helen Ingersoll. Em alguns poemas, tocados pelo erotismo, o

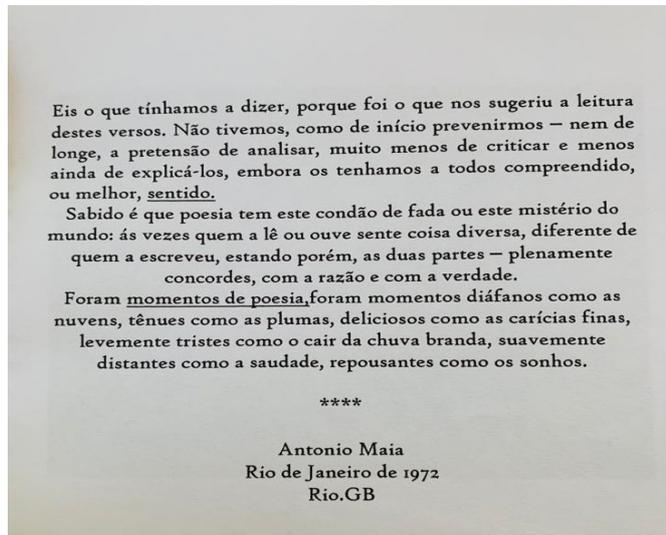
crítico ressalta o caráter fictício e verossímil como traços que compõem a escrita literária. O que nos leva a enxergar como resposta a possíveis críticas recebidas por ser uma mulher, escrevendo sobre o corpo feminino longe dos fins reprodutivos e próximo ao prazer. Sobre essas composições, comentaremos na próxima seção.

No final dos anos 1970, ela se torna bacharel em Direito.

Saudosa e apaixonada pelas águas termais do RN, ela sempre regressou com a filha para passar os verões.

Participou ativamente de feiras literárias, contudo não voltou a escrever. Faleceu no Rio, sendo sepultada na capital carioca em 2010.

IMAGEM 03



Críticas produzidas por Antônio Maia

Fonte: Acervo da família (2022)

O DESMANTELAMENTO DA MÉTRICA NO RN: RUPTURAS COM A TRADIÇÃO E ESTRANHAMENTO DO PÚBLICO LEITOR

O ano é 1947, quando a poesia ingersolliana ganha as páginas do jornal. Jorge Fernandes já havia publicado seu *Livro de Poemas* vinte anos antes da estreia de Helen Ingersoll. Para entender a recepção dos leitores à estética modernista daquele que a inaugura, começamos com uma referência de Tarcísio Gurgel citando Cascudo:

A repercussão obtida com o lançamento praticamente inexistiu nos jornais locais. E esta indiferença há de ter sido determinante para o fato de Jorge Fernandes se desinteressar gradativamente de futuros empreendimentos editoriais, limitando-se a publicações cada vez mais esparsas na imprensa de Natal. (CASCUDO *apud* GURGEL, 2001, p. 64).

A obra recebeu críticas por seus textos não conterem métrica regular e nem rimas. (CASCUDO, 1953). O fato desanimou o modernista que passou quase 30 anos em um jejum poético. Já na região sudeste, ele colaborava com as revistas literárias *Antropofagia*, de São Paulo, e *Verde*, de Minas Gerais. (GURGEL, 2001), recebendo o devido reconhecimento. O potiguar, aliás, despertara a atenção do poeta Mário de Andrade em 1925, de quem recebeu elogios, conhecendo-o pessoalmente em 1928, por intermédio de Câmara Cascudo.

Acontece que o seletor público leitor estava acostumado a ler poemas parnasianos ou com características do romantismo tardio, cuja linguagem “cultu” era símbolo de prestígio. A maioria da população era composta por uma quantidade considerável de analfabetos no Rio Grande do Norte. Na verdade, a arte da palavra era inacessível para muitos brasileiros, conforme Quadro 1 abaixo:

Quadro 01 - Evolução do número de analfabetos no Brasil (1872, 1890, 1920)

CENSO	POPULAÇÃO	
	População na faixa etária 5 anos ou mais	Número de analfabetos
1872	8.854.774	7.290.293 82,3%
1890	12.212.125	10.091.566 82,6%
1920	26.042.442	18.549.086 71,2%

Fonte: Ferreira e Carvalho (2018, p. 5).

Quando os artistas da Primeira Fase propõem o dismantelamento da métrica e a incorporação das falas populares e os leitores, em geral da elite, percebem o cheiro de gente simples povoando os versos naquela proposta de ruptura que visava uma formação da literatura nacional – não podemos perder de vista que o contexto da Semana de 22 propositalmente coincidiu com o centenário de Independência – o estranhamento e a não aceitação foram as reações.

Notadamente, por trás dessa predileção, existe uma relação de enaltecimento aos modelos eurocêntricos sobre o qual Candido (2017) detalha em *Literatura e subdesenvolvimento*. Com a chegada da modernidade, na transição da República Velha até 1930, o Brasil é tomado

pelo sentimento de país novo de olho no progresso e no futuro. Com a Revolução de 30 e a constatação de que essa grandeza não se realizou, a noção de subdesenvolvimento passa a ser percebida e sentida pelas pessoas. Isso nos ajuda a compreender a literatura escrita nos países latino-americanos. O gosto pelo exótico advém da “(...) ideia de que a América constituía um lugar privilegiado se exprimiu em projeções utópicas que atuaram na fisionomia da conquista e da colonização.” (CANDIDO, 2017, p. 140). Esse alumbramento, repleto de euforia, foi uma herança dos intelectuais românticos que transformaram a arte em instrumento de afirmação nacional com justificativa ideológica. Então, quando o Modernismo traz uma visão das debilidades humana e das mazelas sociais, mostrando uma visão pessimista do presente e problemática do futuro, semeia uma literatura tanto incômoda quanto convidativa à reformulação desse presente. A consciência do subdesenvolvimento manifestou-se claramente nos anos 1950, embora a ficção de 1930 já tenha servido como termômetro em face do desmascaramento do pitoresco.

É importante pontuar que o estranhamento com os poetas da Fase Heroica, a primeira, não se restringiu ao RN. Na ocasião da Semana de 22, o público paulista não reconheceu a liberdade formal como fenômeno poético. Ao buscarmos relatos semelhantes sobre a recepção da arte, encontraremos essa reação em outros estados brasileiros.

Se com Jorge Fernandes a reação foi hostil, com Helen Ingersoll a situação se agravou ainda mais a ponto de ela ser silenciada. Poucos foram os críticos da época que comentaram suas produções. Estamos falando de uma poeta que mantém o projeto literário da Primeira Fase no período em que os poetas da Geração de 1945 negaram a liberdade formal, retomando os moldes clássicos na forma, embora o conteúdo trouxesse uma visão crítica sobre a sociedade.

Sem um cronograma fixo de publicações, a surpresa a conta gotas sem data nem hora marcada trazia temáticas recorrentes: o amor erótico, a religiosidade desconstruída, a morbidez. Em textos específicos, é possível encontrar questões metafísicas, críticas ao patriarcado e aos padrões morais da época, além de um sensível olhar sobre a morte como pulsão para o *carpe diem* horaciano. A poesia ingersolliana era febril e escandalizava a tradição.

É bem verdade que os ventos artísticos do modernismo provocaram uma mudança notória no comportamento artístico da sociedade brasileira. Neste contexto histórico, a imagem da mulher também se transformou e exerceu um papel importante na construção ideológica da modernidade no Brasil. Sob a inspiração de novos modelos estéticos, o surgimento de uma “mulher moderna” aparece como um arquétipo diferenciado, acompanhando a evolução da modernização brasileira. Esse pensamento fica bem claro nas palavras da autora Castro

(2019) que diz

Tanto na classe popular quanto na burguesia, a “mulher moderna” era o símbolo da emancipação e do desprendimento da tutela e do controle masculinos. No entanto, quais seriam os desejos das mulheres brasileiras ao modificarem suas formas de agir, pensar e se comportar para se enquadrarem ou se afastarem da “mulher moderna”? (CASTRO, 2019, p. 92)

A ascensão artística dessas duas mulheres só é possível se considerarmos o estudo do movimento feminista da passagem do século XIX para o XX que reposiciona o lugar da mulher na esfera pública e não mais ao papel reservado, restrito à esfera privada. Se antes as mulheres procuravam escrever para os homens, para serem aceitas no cânone masculino, agora elas querem suprir uma lacuna da fala e vivência feminina, silenciada por tanto tempo.

No Rio Grande do Norte, quando falamos de poesia modernista escrita por mulheres, temos duas principais vozes reconhecidas: Palmyra Wanderley¹, escritora de transição, considerada pré-modernista, apoiada por Câmara Cascudo, recebeu menção honrosa da Academia Brasileira de Letras com sua *Roseira Brava*; Zila Mamede, poeta da Geração de 1945, reconhecida por João Cabral, uma espécie de “padrinho literário”. Já Helen Ingersoll, autora que incorpora a liberdade em seus escritos, sequer aparece em alguma crítica no período, mesmo sendo pioneira do Modernismo em Mossoró e a primeira mulher a escrever poesia erótica no estado do RN.

Ignorada pela crítica, sua voz não é ouvida. Isso é um dado importante no que tange à luta pela igualdade civil que se reflete nesse tipo de recepção. Seus versos livres incomodavam tanto quanto as boas novas do modernismo. Vejamos um exemplo, extraído de um dos campos trabalhados por Helen Ingersoll – do amor e do erotismo. *Canto do amor na selva* mostra um eu-lírico que busca sentir “(...) dentro da selva o verdadeiro grito secular do sexo. / Do sexo que sempre está em formação / E é puro e forte como algo inconsciente” (INGERSOLL, 2021, p. 53), reforçando ser este o espaço “onde estremece a vida nos animais / Sem consciência e sem Deus. / Verei o Amor em sua forma primitiva e brusca, / De coisa sem dono. / De coisa encontrada por acaso no caminho / E perdidamente possuída.” (INGERSOLL, 2021, p. 53)

Tais versos são afrontosos pelo fato de empoderar a linguagem feminina que expõe um desejo que existe na condição velada e não é verbalizado em rodas públicas, prática comum nos círculos masculinos. Além disso, o fato de excluir Deus desse momento de prazer. O nome grafado com letra maiúscula personifica a noção de pecado que impede a

1 À semelhança de Othoniel Menezes, Palmyra Wanderley se torna “moderna” nos anos cinquenta, por isso ambos são tidos como poetas de transição. Quando esses poetas de tradição parnasiana decidem adotar traços da estética modernista, Jorge Fernandes e Helen Ingersoll já haviam publicado seus versos.

entrega. Os homens da época que detinham o domínio do cânone não estavam interessados na voz feminina, principalmente quando disposta a romper com a forma sutil que as mulheres vinham buscando se fazer presentes na literatura. Sobre isso, Oliveira (2017) afirma

A autoria feminina é tão sufocada pelo sistema ideológico literário que é preciso uma reivindicação de espaço, é preciso justificar essa escrita como se ela não encontrasse razão de ser sem a permissão do cânone ou daqueles nele seguramente inseridos. O campo literário é cenário dessa luta, pois constitui um espaço onde se definem as relações de legitimação e reconhecimento entre os seus agentes – escritores/as, editoras, crítica, meios de comunicação, escolas. Com isso queremos dizer que o estudo de uma obra literária de autoria feminina preferencialmente dialoga com estudos sobre a condição da mulher. (OLIVEIRA, 2017, p. 20)

As poesias escritas por Helen Ingersoll podem ser tematizadas em discussão sobre feminismo e o universo feminino. Grande parte do seu trabalho se deu quando ainda era jovem, deslumbrada com a vida, em uma sociedade que estava se acostumando à modernidade. Helen estava se adaptando, tornando-se mulher. Foi moderna à sua maneira. Sua voz é marcadamente feminina e transgressora, ao escrever poemas fortemente sobre o universo feminino. O eu-lírico se apresenta pela perspectiva das mulheres. A voz lírica que emerge nos seus poemas evidencia os anseios e as tensões que se estabelecem no campo cultural marcado por uma sociedade patriarcal.

Partiremos para uma breve análise comparativa entre seu primeiro poema, publicado em 1947, e seu último, de 1949. O primeiro poema, intitulado *Revelação*, que também abre a sessão do livro organizado pelo historiador Cláudio Galvão, antecipa desde o seu título a abrangência da temática cotidiana que norteiam os questionamentos da geração da época. Utilizando uma linguagem coloquial, com versos livres e brancos, a poeta nos apresenta seu prelúdio, antecipando a experiência prévia de suas emoções traduzidas em versos com toda a convicção. Através da adjetivação, a imagem que se forma é clara e otimista sobre seus anseios como poeta.

Não percebemos medo de se colocar no texto, o poema possui várias marcas de primeira pessoa “eu”, “meu”, “mim”, deixando claro que a revelação não acontece apenas para nós leitores mas também para ela que, enquanto mulher, enxerga-se com poeta que compreende seu destino. Vejamos:

Revelação

Tenho a íntima convicção
De que meu destino será belo,

Belo como a noite no seu silêncio.

- Suprema revelação!

Ó quietas estrelas

no espaço sem princípio,

Eu vos seguirei, cantando

O meu canto de glória e de amor.

E eu serei forte e feliz!

E a montanha do tempo!

Ou o pássaro que grita mansamente!

Palpita em mim mesmo.

O coração do destino.

-Destino claro e pleno.

(INGERSOLL, 2021, p. 45)

É próprio dizer que a noção de “mulher moderna” foi construída a partir das profundas transformações decorridas na cultura e na sociedade ocidental, as quais se desenrolaram perante o processo modernizador, iniciado no final do século XIX. Nos poemas *Revelação* e *Quando se der a morte do olhar verde*, evidencia-se o contraste de sua poesia, que nos interessa por ser uma pioneira das temáticas modernistas no Rio Grande do Norte.

Em seu último poema *Quando se der a morte do olhar verde*, Hellen Ingersoll nos revela a face de uma outra autora que não conhecíamos. Publicado dois anos após sua estreia nos jornais, em 1949, temos aparentemente o que parece ser sua despedida:

Quando se der a morte do olhar verde

Cantarei ainda o milagre

De ter sentido a dança das carícias,

A volúpia alegre do mergulho profundo:

Junta as mãos

Assistirei, simplesmente,

Ao amadurecer da memória no tempo

Não esquecerei contudo
Que os meus próprios olhos
Dançaram no olhar verde

Esperando inquieta
Estarei
Se os sinos tocarem
Não haverá comoção.
Saberei no momento propício
Recolher-me
Isenta de queixas
E do passado

Não esquecerei contudo
Que os meus olhos
dançaram no olhar verde

(INGERSOLL, 2021, p. 61)

No poema, o eu-lírico se coloca numa posição passiva e pessimista de quem tem poucas esperanças e agora vai, apenas, assistir ao amadurecimento do tempo. É um eu-lírico que fala de recolhimento e de não se queixar do passado. Com esse poema, ela se despede da vida literária, após uma intensa desilusão amorosa, junto com a realidade social que exigia um padrão para a escrita feminina e a própria resistência do público leitor aos versos modernistas.

A predominância dos verbos conjugados no futuro do presente – “cantarei” “assistirei” “saberei” “esquecerei” – marcam o desejo do eu-lírico e da autora em expressar suas emoções do que ela gostaria que se concretizasse após deixar de escrever, publicar ou até mesmo viver. Sua poesia também estava amalgamada às suas vivências.

Destacamos o poema acima por se distanciar da poesia romântica ou parnasiana que a crítica da época esperava encontrar nos versos femininos. O poema traz metalinguisticamente elementos modernos que buscam justamente se afastar do sentimentalismo piegas. O título *Quando se der a morte do olhar verde* possibilita, pelo menos, três interpretações, uma externa, associando o verde como representação da esperança e, dessa forma, a aniquilação

de toda e qualquer esperança no seu fazer artístico; e duas internas, sendo a morte do olhar verde como representação da sua própria morte, visto que a autora Hellen Ingersoll possuía olhos verdes ou mesmo a morte do amor que ele nutria por um jovem mossoroense que também tinha olhos verdes. Essa morbidez habita o poema, tecido com profundidade na dor, nos sentimentos e emoções.

Dentro da coletânea de poesia, por fim, é possível ainda encontrarmos poemas afrontosos que colocam o conservadorismo na mira e trazem questionamentos sobre o sistema patriarcal que molda as mulheres no comportamento social. É uma poesia sobre a qual vale a pena se debruçar, passeando pelas pulsões de amor e de morte, dicotomias que dão sentido à existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é por acaso que o topônimo Mossoró (do tupi *mo-çoroc*), segundo Teodoro Sampaio na obra *O tupi na geografia nacional*, é uma palavra que traz consigo o sentido de fazer romper, rasgar, promover uma ruptura (SAMPAIO, 1987).

Em termos de ruptura, Mossoró é uma cidade pioneira sob vários aspectos: antecipou-se na abolição da escravatura; protagonizou um levante feminino contra as medidas arbitrárias de recrutamento do governo, liderado por Ana Floriano que reuniu 300 mães, esposas, noivas, namoradas; que foi pioneira no voto feminino, antecipando-se ao movimento sufragista ao permitir que a professora Celina Guimarães votasse aos 29 anos, em 1928, recebeu Helen Ingersoll, poeta admirável, apaixonada por filosofia e metafísica.

Mesmo não tendo sido reconhecida em vida pela sua obra, entendemos que a poesia de Hellen Ingersoll necessita de visibilidade pela sua verve modernista, carecendo de estudos nas pós-graduações. Esse pequeno artigo cumpre a função de partilhar na esfera acadêmica informações sobre essa poeta mossoroense que construiu versos com abrangência temática e promoveu questionamentos que acompanharam uma geração de mulheres da sua época.

É importante mencionar, por fim, que a Semana de 22, ocorrida em São Paulo, figura como uma referência por ter sido organizada nos espaços acadêmicos e elitizados, conforme detalha Ruy Castro (2019). Nos demais estados brasileiros, ocorreu nos espaços boêmios, como é o caso do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e do Rio Grande do Norte. Mesmo não estando ligada a um grupo específico de escritores no RN, a poética ingersolliana carrega o dna modernista no contexto potiguar.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 1995.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a História de Mossoró**. (1953) Projeto Acervo Virtual Oswaldo Lamartine de Farias. Coleção Mossoroense. Disponível em: <https://colecaomossoroense.org.br/site/wp-content/uploads/2018/07/Notas-e-Documentos-Pa-ra-a-Hist%C3%B3ria-de-Mossor%C3%B3.pdf> Acesso em: 06 Nov 2021.

CASTRO, Ruy. **Metrópole à beira-mar: o Rio moderno dos anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CASTRO, Tatiana de Carvalho. A construção da imagem da “mulher moderna” no início do século XX no cinema e na imprensa. In: **Revista Ars Historica**, ISSN 2178-244X, nº18, Jan/Jun 2019, pp. 87-103.

DUARTE, Constância Lima; MACEDO, Diva Cunha Pereira de. **Literatura do Rio Grande do Norte**. Natal: Governo do Estado do RN, 2001.

FERNANDES, Jorge. **Livro de poemas**. Edição fac-similar de 1927. Natal: Fundação José Augusto, 1997.

FERREIRA, Ana Emília Cordeiro; CARVALHO, Carlos Henrique. **Escolarização e analfabetismo no Brasil: estudo das mensagens dos presidentes dos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Norte (1890-1930)**. [2018] Disponível em: https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/Ana-Em%C3%ADlia-Cordeiro-Souto-Ferreira_-_Carlos-Henrique-de-Carvalho.pdf

Acesso em: 05 Jan de 2022.

GALVÃO, Claudio. **Helen Ingersoll: poesia**. Mossoró: Sociedade Amigos da Pinacoteca, 2021.

GURGEL, Tarcísio. **Informação da Literatura Potiguar**. Natal-RN: Argos, 2001.

GURGEL, Tarcísio. Helen Mulher e Mito. In: GALVÃO, Claudio. **Helen Ingersoll: poesia**.

Mossoró: Sociedade Amigos da Pinacoteca, 2021.

OLIVEIRA, Tássia Tavares de. **Corpo e erotismo na poética colombiana**: questões de gênero e literatura. 2017. 163 f. (Tese) Doutorado em Letras - Universidade Federal da Paraíba, 2017.

RAMOS JR., José de Paula. Mário de Andrade e a lição do Modernismo. In:

Revista USP • São Paulo • n. 116 • p. 97-106 • janeiro/fevereiro/março 2018

Disponível em: <https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/8-textos-Jose-de-Paula.pdf> Acesso em: 01 Nov 2021.

SÁ, Heloíse Ingersoll. **Entrevista** concedida ao Projeto de Pesquisa Enquanto houver Soll, a poesia pede passagem. Natal: NUPEL-IFRN, 30 dez. 2021.

SAMPAIO, Teodoro. **O tupi na geografia nacional**. Brasília: Editora Nacional, 1987.

SILVEIRA, Marília Gonçalves Borges. A cidade Natal entre os espinhos de uma Roseira Brava. **Imburana: Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses**, v. 6, n. 12, p. 24-44, 8 set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/imburana/article/view/10039> Acesso em: 01 Nov 2021.

A MODERNIDADE NA PROVÍNCIA: UMA FLOR DE ALGODÃO LITERÁRIA

Mylenna Vieira Cacho (IFRN)²

1 INTRODUÇÃO

As primeiras manifestações literárias no Rio Grande do Norte (RN) partem-se de experiências isoladas no final do século XIX até a segunda década dos anos XX, predominantemente, no campo da poesia. O destaque desse período é a literatura do RN impressa nos jornais de circulação da época, como *O Recreio*, que circula na capital potiguar no ano de 1861, com publicações dos versos de quem, na visão de Câmara Cascudo, é considerado o primeiro poeta potiguar: Lourival Açucena (1827-1907), cujos poemas são marcados por uma diversidade de tendências artísticas, entre o clássico e o romântico, além de forte influência da oralidade e da poesia da dicção popular.

A produção literária no RN, após a proclamação da República do Brasil, em 1889, obtém maior difusão com o incentivo da oligarquia Albuquerque Maranhão. Segundo Tarcísio Gurgel (2001), trata-se da “nossa *Belle Époque*”, com surgimento de muitos periódicos, como *A República* e a revista cultural *O ásis*.

Tal oligarquia tem como representante de destaque, inicialmente, Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, cuja imagem é exaltada em livros e jornais como exemplo de homem que luta pelo povo norte-rio-grandense para a vitória da causa republicana (CASCUDO, 1956). Ele também é o fundador do Partido Republicano no Rio Grande do Norte, em janeiro de 1889, e o criador do jornal *A República*, órgão oficial do novo partido – que começa a ser editado em julho do mesmo ano, procurando, com isso, consolidar mecanismos que possibilitassem a ele e a sua família o domínio do poder no estado, o que foi constatado pela alternância de cargos políticos entre os familiares até, pelo menos, 1914 (LINDOSO, 2010). Dessa maneira, segundo Bueno (2002), Pedro Velho inaugura a oligarquização republicana no RN.

2 Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora efetiva de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)/ *Campus* São Gonçalo do Amarante. Vencedora, em 2021, da 7ª Edição da Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP) na categoria documentário. E-mail para contato: mylenna.vieira@ifrn.edu.br

Neste mesmo período, outros poetas tornam-se visíveis com as suas produções, como Segundo Wanderley (1860-1909), Henrique Castriciano (1874-1947), Auta de Souza (1876-1901), Ferreira Itajubá (1876 -1912), Gothardo Neto (1881-1911) e Palmira Wanderley (1894-1978). Tais autores são considerados poetas pós-românticos, porque produzem poesia romântica quando a produção literária nacional já se configura seguindo outras correntes. Nos anos de 1920, a produção poética de Jorge Fernandes (1877-1953) se destaca com o *Livro de Poemas*, no limite entre o Movimento Modernista, originado no Sul do país, e o Movimento Regionalista nordestino.

O primeiro momento da Literatura Potiguar é direcionado quase que totalmente para a produção poética, dependente do talento individual de cada artista mais do que uma consciência estética apurada. Nesse contexto, não se pode afirmar que há um sistema literário, conforme propõe Candido (2000), ao se referir a um conjunto de obras que dialoga entre si, com perspectiva de continuidade entre os escritos, isto é, porque não há entre elas uma consistente ligação do ponto de vista estético, histórico ou formal. Essa afirmação é sustentada pela inexistência de livros publicados que representassem correntes literárias diversas, bem como a crítica literária equivalente.

Em outra perspectiva de entendimento, Oliveira Neto (2015, p. 58) assinala que há sim um sistema literário no RN. No entanto, ele se encontra em um estágio primitivo decorrente de sua recente maturação em relação a outros sistemas, existindo lacunas nos seus elementos constituintes (autor-texto-leitor): “Num sistema literário como o nosso não há escassez de leitores, temos escassez de formação de leitores o que se reflete deficiência da crítica literária e dos espaços de circulação dessa crítica”.

Destaca-se, em 1898, a publicação, na revista cultural *A Tribuna*, do primeiro esforço de observação historiográfica e análise crítica da Literatura Potiguar, escrito por Antônio Marinho. Este crítico também aponta, em 1901, comentários negativos sobre o artista consagrado pelo público da província, segundo Wanderley, por esteredigir seus versos ao estilo do poeta do Romantismo Castro Alves (GURGEL, 2001). A respeito do Romantismo, trata-se de um dos movimentos que exerce forte influência sobre os antigos poetas natalenses, seja pela atuação de alguns deles na atividade boêmia das serenatas, seja pelo destaque para a produção em versos, na literatura norte-rio-grandense, até as primeiras décadas do século XX, por um vasto número de poetas que publicam em diversos jornais e/ou revistas de Natal, validando os versos sobre a cidade: “em cada rua um poeta/em cada esquina um jornal”.

Nesse cenário, de uma certa forma, Natal é uma cidade pacata e quase sem atrativos intelectuais. Os que aqui moram levam uma vida típica de lugar provinciano, é o retrato de um “Brasil pré-burguês, quase virgem de puritanismo e cálculo econômico” (SCHWARZ, 1997b, p. 13), diferentemente, de alguns centros, que contribuem para a sistematização, a organização e a compreensão da atividade artístico-literária como um produto engendrado dentro de um projeto de nação, como São Paulo, Rio de Janeiro e Recife.

Ao final dos anos 1920 até a metade dos anos 1940, percebe-se uma redução da publicação de obras poéticas no Rio Grande do Norte, o que não demonstra, efetivamente, a existência de uma diminuição de produções poéticas ou que deixem de surgir nomes na poesia potiguar. O fato é que, neste período, diversos fatores políticos e sociais influenciam nas transformações da vida cultural da capital e, ao mesmo tempo, colaboram para o desenvolvimento da prosa.

Nesse direcionamento, Lukács (2009a) afirma que, diferente da poesia, o romance consegue representar a dimensão humana, psicológica e social do indivíduo através das personagens, uma vez que suas ações e conflitos estão ligados à verossimilhança da essência da vida. E sobre a prosa, acrescenta:

somente a prosa pode então abraçar com igual vigor as lamúrias e os lauréis, o combate e a coroação, o caminho e a consagração; somente sua desenvolta ductibilidade e sua coesão livre de ritmo captam com igual força os liames e a liberdade, o peso dado e a leveza conquistada ao mundo, que passa então a irradiar com imanência o sentido descoberto. (LUKÁCS, 2009a, p. 58).

Sobre a historicidade da produção da prosa em terras potiguares, tem-se, na segunda metade do século XIX, em 1873, a publicação da primeira parte de *Mistério de um homem rico*, Luiz Carlos Wanderley (1831-1890), com a segunda parte publicada dez anos depois, em 1883. Tal obra é classificada como tétrica e de enredo.

No início do século XX, o destaque para a produção de prosa no Rio Grande do Norte é o conto, com notoriedade, neste período, para Kerginaldo Cavalcante (1895 – 1984), com *Contos do Agreste* (1914), e Luiz Potyguar Fernandes, com *Alma Alegre* (1915). Sobre essas duas obras, Cascudo (1991, p. 165, grifo do autor) argumenta que “nada temos feito em livros de prosa. Os dois únicos volumes de contos são fracos e mal observados ou simplesmente ‘mal contados’”.

Diante dessas produções, o RN ainda carece de romance, de uma prosa que registre a essência da terra. Câmara Cascudo só reconhece, de fato, como o primeiro romancista

potiguar, Polycarpo Feitosa, ao se referir ao primeiro romance do ficcionista, *Flor do Sertão*, publicado em 1928 (ARAÚJO, 1995).

No início dos anos 20, do século passado, o Modernismo chega ao RN por Câmara Cascudo (1898-1986), que difunde as ideias desse movimento no estado e está empenhado em sistematizar, organizar e registrar a produção literária potiguar. Sobre isso, Monteiro (2003, p. 22) declara:

Foi somente a partir do Modernismo – movimento cultural amplamente divulgado no Brasil –, através da ação cultural de Câmara Cascudo e do intercâmbio com os grandes centros urbanos, que os potiguares passaram a ter consciência de seu papel, enquanto escritores, e a partir de então poder-se-ia dizer que se iniciou um maior diálogo com a literatura produzida em outros centros de difusão cultural.

Em sintonia com o que ocorre na literatura nacional, o Modernismo potiguar caminha para a segunda fase, cujas temáticas associadas à região Nordeste estão em evidência, direcionando-se, assim, a uma tendência nacional responsável por criar o chamado “Romance de 30”. Nesse período, destacam-se Polycarpo Feitosa (1867- 1955), Aurélio Pinheiro (1882-1938) e José Bezerra Gomes (1911-1982).

Sobre este último escritor norte-rio-grandense citado, José Bezerra Gomes, é o que apresenta a região do Seridó/RN, como destaque na produção de algodão, no quadro da ficção brasileira. Dentre as suas obras têm-se: *Por que não se casa, doutor?* (1944), *Retrato de Ferreira Itajubá* (1944), *A Porta e o Vento* (1974), *Ouro Branco* (não publicado), seu único livro de poemas *Antologia Poética* (1974), *Sinopse do Município de Currais Novos* (1975), *Teatro de João Redondo* (1975), *Retrospectiva da vida do presidente Tomás de Araújo Pereira* (1981). Porém, *Os Brutos* (1938) é a obra de maior repercussão devido, segundo Nei Leandro de Castrono, no prefácio do referido livro, à sua potencialidade criativa e força narrativa, o que faz José Bezerra Gomes ser considerado, por este estudioso, como o mais importante romancista potiguar.

Os Brutos aborda a impossibilidade de sobrevivência no sertão castigado pela seca, assim como outras obras na esteira do Regionalismo de 30, nas quais, conforme afirma Gurgel (2001, p. 109), “a situação enfocada desdobra-se em duas perspectivas: a falência na sucessão patriarcal [...] e os dramas dos despossuídos, forçados a se retirarem das terras para não morrer de fome”.

Nesse entendimento, a denúncia social do romance *Os Brutos* não revela nada novo em dimensão e intensidade diante de tantas obras regionalistas de 30. No entanto, tal produção

literária tornou-se objeto de curiosidade do público leitor potiguar, segundo Gurgel (2001), por apresentar agilidade narrativa, tom de algo naturalista e, sobretudo, por tomar modelos vivos como referência. Assim, poderia José Bezerra Gomes comparar-se aos grandes escritores regionalistas? Fato que, quando da reedição do romance, em 1981, escreveu Paulo Dantas, no Suplemento Literário do Minas Gerais – já mais distanciado no tempo:

Os Brutos é novela que não deve favor a ninguém, podendo, como bem escreve o comunicador universitário, Nei Leandro de Castro, figurar ao lado da trilogia nordestina: *Menino de Engenho*, 1932, *Cacau*, 1933, e *São Bernardo*, 1934, seu parente mais próximo ou, espiritual e estilisticamente, mais chegado. [...] Escreve como um grande desgraçado, escreve bem e certo, direto e nada apavonado. Suas penas são outras, suas buscas foram outras. (DANTAS, 1982, p. 8).

Nessa discussão, no Prefácio às *Obras reunidas: Romances (1998)*, Luís Carlos Guimarães afirma que *Os Brutos (1938)*, *A porta e o vento (1974)* e o romance inédito e inacabado *Ouro Branco* comporiam um ciclo do algodão, o que proporciona ao RN, no plano da ficção, um ciclo semelhante ao da cana-de-açúcar, que José Lins do Rego deu à Paraíba, e ao do cacau, que Jorge Amado deu à Bahia. Porém, ao contrário dos regionalistas José Américo de Almeida e José Lins do Rego, que têm como temática a decadência da cultura da cana-de-açúcar na Paraíba, Bezerra Gomes narra uma cultura de algodão em franca expansão.

Em *Os Brutos*, tem-se a saga de uma família ambientada num espaço e num momento dos mais produtivos, como fica patente no início do romance (apesar de o curso da história tomar outro rumo), em que a safra de algodão estava dando muito lucro e movimentando as feiras de Currais Novos. Além disso, no enredo são perceptíveis outras temáticas como as relações de desigualdades, a hipocrisia, os privilégios, a espoliação, a violência e a exclusão.

Nenhum dos personagens de *Os Brutos* apresenta um desfecho na história, tendo em vista a projeção de valores de constante mudança, sem um fim determinado, fazendo com que a obra seja uma fonte para se pensar a sociedade, o que torna possível pensar o diálogo entre a história e a literatura.

2 O OURO BRANCO DO SERIDÓ: TUDO O QUE RELUZ É MODERNO

A Região do Seridó³ é formada em torno das fazendas de gado. No RN, sobretudo

3 Com uma área de 10.954,50 Km², o Seridó é constituído por 25 municípios: Acari, Bodó, Caicó, Carnaúba dos Dantas, Cerro Corá, Cruzeta, Currais Novos, Equador, Florânia, Ipeuira, Jardim de Piranhas, Jardim do Seridó, Jucurutu, Lagoa Nova, Ouro Branco, Parelhas, Santana do Matos, Santanado Seridó, São Fernando, São João do Sabugi, São José do Seridó, São Vicente, Serra Negra do Norte, Tenente Laurentino Cruz e Timbaúba dos Batistas. A população total do território é de 295.748 habitantes, dos quais 70.676 vivem na área rural, o que corresponde a 23,90% do total. Possui 11.266 agricultores familiares, 1.007 famílias assentadas e 3 comunidades quilombolas. Seu IDH médio é 0,69. Fonte: Sistema de Informações Territoriais. Disponível em: <<http://sit.mda.gov.br>>. Acesso em 01 Mai 2019.

na referida região, a plantação de algodão, pelos produtores rurais, tem início com a grande seca de 1845. Entretanto, é com a diminuição da produção do açúcar, em 1900, que a cultura do algodão tem o maior impulso de plantio, incentivada pelos governos estadual e federal com políticas públicas de favorecimento de infraestrutura para a comercialização do produto, decorrente da industrialização do Brasil.

As indústrias têxteis brasileiras, sobretudo no Sudeste, diante de um cenário de dificuldades vivenciadas por alguns países em importar tecidos, após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), passam a confeccionar tal produto e encontram nos estados nordestinos, entre eles o RN, a matéria-prima de que precisam (MONTEIRO, 2002).

Outro importante acontecimento para a produção de cotonicultura no Nordeste é a criação do primeiro órgão a estudar a problemática do semiárido: Inspetoria de Obras Contra a Seca (IOCS)⁴, através do Decreto nº 7.619, de 21 de outubro de 1909, editado pelo então Presidente Nilo Peçanha.

O referido órgão favorece os produtores de algodão em troca de apoio à política do café-com-leite. Suas verbas são destinadas à resolução da falta de mão-de-obra decorrente do êxodo rural e à facilitação do escoamento da produção pelos meios de transporte, surgindo, assim, as frentes de trabalho com o emprego de verbas públicas.

No estado do RN, na década de 20, algumas ações políticas foram instituídas para melhoria da qualidade e comercialização do algodão. No segundo governo de Antônio José de Melo e Souza (1920-1924), é sancionada a Lei nº 563, de 30 de novembro de 1923, que institui a criação da Bolsa Estadual do Algodão, responsável pela classificação comercial do produto.

No governo José Augusto (1924-1928), o destaque é a criação do Serviço de Algodão do Estado, cuja finalidade é executar serviços relacionados à produção do produto, destacando, nesse período, a Estação Experimental de Acari, que visa estudar, selecionar e melhorar a qualidade produtiva do tipo mocó, considerado uma das melhores fibras de algodão do mundo, e os Campos de Demonstração no vale do Ceará-Mirim-Jaçanã e outra no vale do Potengi-Jundiá.

A continuidade da política de valorização do algodão é percebida no governo subsequente, a do governador Juvenal Lamartine (1928-1930). Este é o principal interlocutor

4 Passa a ser denominada de Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), pelo Decreto 13.687/1919. Sua denominação atual é o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), através do Decreto-Lei 8.846, de 28/12/1945, vindo a ser autarquia federal em 1963, através da Lei nº 4.229.

político na defesa de que tal produto é de muita importância para a economia nordestina, devido à conjunção de fatores naturais e humanos encontrados nessa região brasileira, sobretudo no Seridó do RN.

Em um contexto nacional, na década de 1930, com os investimentos de fazendeiros paulistas e a instalação no país de multinacionais (usinas de beneficiamento e fábricas de óleo de algodão), que passaram a fornecer sementes selecionadas e financiar os comerciantes de algodão, há um significativo desenvolvimento na produção deste produto.

São dois os tipos de algodões plantados no RN: o arbóreo (mocó ou Seridó) e o herbáceo. No entanto, o primeiro apresenta relevantes vantagens em relação ao segundo, pois adapta-se melhor aos sertões por ter suas raízes profundas, é menos suscetível à praga e apresenta um ciclo vegetativo de mais sete anos. Além desse comparativo, ainda ocupa lugar de excelência no mercado exportador internacional por confeccionar tecidos finos.

Nesse entendimento, o algodão mocó torna-se um elemento de referência do Seridó, decorrente de sua excelente qualidade e resistência à seca. A produção intensa deste item é de fundamental importância para o desenvolvimento econômico da região seridoense potiguar, cujo tripé da identidade sertaneja se sustenta no solo, no homem e no algodão. Assim, beneficiamento do algodão é, superiormente, visível no campo, através da aristocracia rural, que comercializa o produto na referida região e manda-o para a capital potiguar, a fim de ser exportado em embarcações no porto. Por outro lado, também, o Seridó passa a aparecer como um território de disputa estratégica de monopólio de poder no discurso político. As elites aproveitam este cenário para propagar, através de diferentes meios (jornais, memórias, romances) a sua versão ideológica de poder de regionalismo seridoense, em que a construção identitária de região é baseada na relação do homem com o meio e seus símbolos.

Conforme afirma Macêdo (2002, p. 110), “O algodão foi cultivado com melhor proveito seja no solo, seja no discurso, na esteira do movimento republicano”. Percebe-se, com isso, a ausência, nos discursos da elite, da evocação aos índios tapuias e aos colonizadores, em detrimento ao enfoque na imagem do homem sertanejo guerreiro, corajoso, e na força de trabalho deste, atrelada ao elemento simbólico de maior poder econômico da região: algodão (MACÊDO, 2002).

Toda essa enunciação identitária do sertanejo para enfrentar as astúcias do inimigo é justificada pela ameaça do poder da elite seridoense, a partir do conflito político entre o litoral e o sertão no fim do império, dentro do próprio grupo do Partido Liberal Potiguar. Assim, tem-se uma construção do imaginário social (o povo sertanejo é ordeiro e manso, porém quando se vê ferido em sua dignidade,

é terrível) com o objetivo de defender que o Seridó é o lócus de desenvolvimento do RN.

Segundo Macêdo (2002), aqueles que detêm a manipulação da palavra utilizam-se de um conjunto de valores simbólicos, a fim de designar uma identidade coletiva que os fazem manter-se no poder. Incute-se, então, a ideia de que o sertanejo, diante da natureza árdua, trabalhe com mais afinco e mais predisposição à inteligência de superar as dificuldades do trabalho, ao contrário dos que vivem no litoral.

Nesse contexto, depreende-se, então, que a produção de algodão é muito significativa para a economia do RN, por ocupar quinhentos mil hectares em todo o estado e por contribuir para a criação de rodovias e na prosperidade de pequenas comunidades e municípios.

Durante muito tempo, o algodão do Seridó mantém a reputação de excelente qualidade. No entanto, fatores como as devastadoras secas que atingem as lavouras sertanejas, a infestação do bicudo-do-algodoeiro (praga de maior incidência de causar danos ao algodão) e a abertura do mercado nacional às importações subsidiadas de países da Ásia contribuem para o declínio da cotonicultura, a partir da década de 1970. Sobre esse declínio da produção do algodão, Pereira (2000, p. 3, grifo do autor) acrescenta:

A necessidade do agricultor, apoiado no desconhecimento genético do algodão mocó o fez tentar superar a ignorância oficial [do Governo, que ofereceu créditos impagáveis para agricultores da região, pois desconsideravam as características do algodão mocó, que nada ou quase nada produzia na primeira safra], usando a sua própria ignorância e as duas juntas causaram todo o trágico desaparecimento do ‘Ouro Branco’, neste desastre, o bicudo [praga que atingiu e dizimou as plantações] foi apenas o tiro de misericórdia final.

E, apesar da ausência, atualmente, de paisagens das plumas brancas, o *ouro branco*, como é conhecido o algodão, persiste no regionalismo seridoense e continua a gerar valores simbólicos de um produto cuja excelência de qualidade é reconhecida no Brasil e no exterior. Esse símbolo econômico, tão significativo para o RN, trouxe visibilidade para a região do Seridó e é base para discursos regionalistas intelectuais desta área geográfica.

Inserida nesse contexto, está a cidade de Currais Novos, localizada no Seridó do RN, terra natal de José Bezerra Gomes. Historicamente, os índios cariris (um grupo dos Tapuias) habitam a localização e praticam o cultivo da mandioca, o plantio do algodão, com o fio do qual teciam redes, bem como utilizam a cerâmica para a fabricação de objetos caseiros e domésticos. Segundo o próprio Gomes (1975, p.8, grifo do autor), “a denominação cariri, segundo observa a autoridade de Francisco Adolfo Varnhagem, Visconde de Porto Seguro, quer dizer ‘tristonho’, ‘calado’, ‘silencioso’, caracterizando a feição somática do elemento indígena cariri”, além, também, apresentavam “cabeçachata”. Todos esses atributos, curiosamente, são atribuídos a Gomes em sua vida.

Em 1719, quando grande parte dos índios cariris são expulsos da região, inicia-se o processo de concessão da primeira sesmaria a Antônio Rodrigues Moreira, o que principia o surgimento da cidade de Currais Novos, em 1755, com a fundação da fazenda de gado pelo coronel Cipriano Lopes Galvão, ascendente de José Bezerra Gomes (MEDEIROS FILHO, 2000).

A pecuária é a atividade mais antiga e de fundamental importância para o desenvolvimento econômico local. Segundo Gomes (1975, p. 44), “O gado foi elemento fixador na conquista da terra seridoense [...] caracterizava os hábitos de vestuário e habitação”. Apesar da referida relevância, a produção agrícola do algodão concentra a maior visibilidade à cidade e orgulho aos seridoenses, além de provocar o deslocamento do mando político do RN do litoral para o sertão.

Em relação a aspectos da geografia física, a cidade de Currais Novos apresenta predominância de vegetação formada pelo bioma Caatinga, de caráter seco e subdesértico. Sobre essas características, Dantas (2000, p. 30) acrescenta informações ao descrever aspectos da vegetação diante de um clima seco:

Cenário de manchas desnudas, vegetação agressiva e retorcida, que se estende por depressões, chapadas e encostas de serras, imperando espécies arbustivas e esparsadas, com acentuado xerofitismo, árvores baixas e ralas, com moitas de xiquexique, jurema-preta, macambira, mussambê, marmeleiro, mandacaru, juazeiro, facheiro, coroa-de-frade, palmatórias, velame e pinhão. O sol derrama intensos raios abrasadores sobre labirintos de vales petrificados, com mil sombras e contornos áridos.

Esse cenário é o lugar ideal para a inspiração de José Bezerra Gomes, que, diante do aspecto retorcido da vegetação, não se detém ao sofrimento decorrente da seca, ao contrário, enfatiza o regozijo da abundância da colheita e da prosperidade. Foi, assim, nessa perspectiva que ele direcionou a sua literatura para o Ciclo do Algodão, como é perceptível em *Os Brutos*, *Ouro branco* e *A porta e o vento*.

Em *Os Brutos*, o enredo apresenta, em um primeiro momento, a ascensão econômica da região seridoense com a alta do algodão e a presença de elementos da modernidade, advindos dessa atividade rentável. Em um segundo momento, a seca e a crise da cotonicultura são apresentadas e, como consequência, a decadência do poder financeiro dos senhores de terra. Nesta obra, também, são perceptíveis ações de personagens tipicamente regionais, decorrentes da memória biográfica de seu autor, embora não se possa confundir autor-pessoa (José Bezerra Gomes) com autor-criador (consciência exotópica responsável pelo material constituinte literário). Bakhtin (2014), mesmo criticando o uso da biografia do autor para o entendimento da obra, afirma que

O autor deve ser compreendido, acima de tudo, a partir do acontecimento da obra, em sua qualidade de participante, de guia autorizado pelo leitor. Compreender o autor no mundo histórico de sua época, compreender seu lugar na sociedade, sua condição social. Aqui saímos dos limites de uma análise do acontecimento da obra e entramos no domínio da história; o estudo puramente histórico tem de levar em conta todos esses fatos. [...] Sua individuação [do autor] enquanto homem é um ato criador secundário, um ato do leitor, do crítico, do historiador, um ato que é independente do autor enquanto princípio ativo de uma visão – e é um ato que o torna passivo. (BAKHTIN, 2014, p. 220).

Os enunciados, então, tanto do cotidiano como os literários, estão sempre impregnados de ideologias, desmembrados em diferentes vozes, que resultam das forças sociais atuantes em uma dada época, reiterando, com isso, valores por estarem inseridos em uma cadeia da comunicação verbal dos processos históricos. Assim, obra literária é produzida em determinado tempo e espaço, em uma sociedade específica, e (re)atualiza-se ou modifica os sentidos já estabelecidos, ao ser incorporada à experiência do autor-pessoa (o leitor) e do autor-criador (o cocriador e o herói), que habitam, respectivamente, o mundo da vida e o mundo da cultura.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Modernismo é um movimento literário que aprofunda o conceito de literatura a partir de vivências fases e tensões relacionados aos mais variados aspectos relacionados à cultura e ao contexto social brasileiro.

Por outro lado, tem-se, também, que a realização do Modernismo, como sistema literário brasileiro, ocorre entre a tensão entre o local (substância da expressão) e os moldes herdados da tradição europeia (forma de expressão), o que Candido (2014, p. 117) denomina de “dialética do localismo e do cosmopolitismo”.

Tal dialética, encontrada na poética do modernismo e relacionada com as angústias da modernidade, remete ao seguinte questionamento: Como entender a realidade mais ampla, mundial, e, ao mesmo tempo, assimilar os elementos restritos de uma realidade local, identificada pelo atraso e pelo subdesenvolvimento?

Nesse contexto, é perceptível o imbricamento de alguns elementos, como a relação entre passado e presente; a apreensão das realidades regionais; e a compreensão da realidade urbana em processo de modernização. A apreensão das realidades regionais possibilita que elementos, até então ausentes e/ou menosprezados na Literatura Brasileira, ganhassem visibilidade, como: a linguagem local como objeto de poetização, a província como tema literário, a cultura regional e a temática rural modernizada pela forma literária. Esses fatores

possibilitam que o homem simples, de diversas regiões brasileiras, passe a fazer parte da literatura como personagem.

Dessa forma, o Movimento Modernista encontra um contexto de facilidade de assimilação em diversas regiões do país. Por outro lado, percebe-se, ao mesmo tempo, que há um procedimento utilizado pela estrutura lírica moderna, tem-se o seu conteúdo veiculado relacionado a uma realidade periférica.

Nesse entendimento, nos discursos políticos regionalistas, a cultura do algodão é empregada como forma de articulação entre o espaço seridoense com a própria nação, ou seja, “o algodão seria o *deus ex machina* que teria a virtude de integrar o ignoto e longínquo sertão à nacionalidade” (MACÊDO, 2002, p. 110).

Diante disso, o escritor potiguar, José Bezerra Gomes, está vinculado a uma conjuntura intelectual e de projeto estético cujo contexto é marcado por fortes transformações com perspectivas para o social e o humano. Alguns escritores têm a região Nordeste como o *locus* da ficção da prosa regionalista da década de 1930, a qual direciona as narrativas para a valorização das tradições, a busca por uma identidade (com presença de temas como seca, cangaço, coronelismo, misticismo, luta pela terra) e uma intensa preocupação com problemas sócio-políticos.

Neste cenário literário, o escritor potiguar produz *Os Brutos*, o qual tem o Seridó como lugar de suas construções discursivas, a partir de suas vozes e de suas configurações do eu, empregando as suas memórias de infância e a sua crítica sobre a sociedade da época, ora pela voz do narrador-personagem Sigismundo, ora pela voz de um narrador observador, tendo em vista que “a escolha de um ponto de vista ao se escrever ficção é, no mínimo, tão crucial quanto a escolha da forma do verso ao se compor um poema” (FRIEDMAN, 2002, p. 180).

No auge de seu sucesso como escritor, José Bezerra Gomes é discriminado pela sociedade currais-novense. Isso é constatado pelo fato de não ter recebido nenhuma visita enquanto esteve enfermo. Nos seus últimos dias em vida, em plena solidão, não goza de prestígio algum, apesar de sua trajetória, decorrente de sua contribuição social e cultural, não apontar para esse silenciamento de sua história. Aos 71 anos de idade, no dia 26 de março de 1982, morre no bairro da Ribeira, localizado na capital potiguar, onde é sepultado. Em julho de 1994, é trasladado para Currais Novos, permanecendo enterrado lá até os dias de hoje.

Segundo Silva (2004, p. 37), o escritor potiguar “foi um homem de ideias avançadas para a sua época e, como todo vanguardista, ele também não foi compreendido, durante a sua existência, cabendo às futuras gerações reconhecer o seu talento”. Essa incompreensão deve-

se, de alguma forma, aos tabus que estabelece para si, devido às possibilidades de perseguição: falar sobre o seu livro de estreia (*Os Brutos*) e expor a sua filosofia política.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini *et al.* 7.ed. São Paulo: HUCITEC Editora, 2014.

BUENO, Almir de Carvalho. **Visões de República: ideias e práticas políticas no Rio Grande do Norte (1880-1895)**. Natal: EDUFRN, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. v. 2.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 13 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vida de Pedro Velho**. Natal: Departamento de Imprensa, 1956.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Alma Patrícia**. Edição Fac-similar de 1921. Mossoró: ESAM, Fundação Guimarães Duque, 1991. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 743).

DANTAS, Paulo. Romancista nordestino do ciclo do algodão. **Suplemento Literário**, Belo Horizonte, ano XV, n. 824, p. 8, 17 jul. 1982.

DANTAS, Rosáfico Saldanha. Um império no sertão: o Seridó, a seca e a caatinga. **Currais Novos em revista**. Novembro de 2000.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 166-182, mar.-maio 2002.

GOMES, José Bezerra. **Sinopse do município de Currais Novos (monografia ilustrada)**. Natal, Gráfica Manimbu, 1975.

GURGEL, Tarcísio. **Informação da literatura potiguar**. Natal, Argos, 2001.

LINDOSO, José Antônio Spinelli. **Coronéis e oligarquias no Rio Grande do Norte (Primeira República) e outros estudos**. Natal: Editora da UFRN - EDUFRN, 2010.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance** – Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. 2.ed. São Paulo: Duas Cidades, 2009.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. Tudo que brilha é ouro-branco – as estratégias das elites algodeiropecuarísticas para a construção discursiva do Seridó norte-rio-grandense. **Publica-**

ção do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. V. 03. N. 06, out./nov. de 2002.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. Proto-história da cidade de Currais Novos. **Currais Novos em Revista**. Novembro de 2000.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal: Cooperativa Cultural Universitária, 2002. p.203-247.

MONTEIRO, Maria da Conceição Silva Dantas. **Crônica Literária**: registros da modernização do Rio Grande do Norte na década de 20. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

OLIVEIRA NETO, Pedro Fernandes de. A Literatura Potiguar ou um sistema dissimulado. *In*: **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**. n. 42, Natal: Offset Editora, 2015. p.52-60.

PEREIRA, Cortez. O calvário do Seridó. *In*: **Currais Novos em revista**. Novembro de 2000.

SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das letras, 1997.

SILVA, Vilma Nunes da. Retrato 3x4 de um escritor da província: José Bezerra Gomes. *In*: **Currais Novos em Destaque**. Ano 2, n. 2. Julho de 2004.

DIÁLOGOS – PARTE II

NOTÍCIA SOBRE A POESIA DE MÁRIO DE ANDRADE

Marcel Lúcio Matias Ribeiro⁵

“Há com efeito muitos Mários de Andrade, além dos já conhecidos, que irão se revelando aos poucos”

Antonio Candido

Neste ano de 2022, mais uma vez a obra de Mário de Andrade está em evidência na grande mídia, pois ocorre o centenário da revolucionária Semana de Arte Moderna, momento decisivo para a cultura e a literatura no país. Mário de Andrade, com sua produção poética e teórica, é considerado um dos pilares desse movimento artístico. Devem surgir no ano corrente muitas novidades acadêmicas e editoriais sobre a Semana de 1922 e sobre o artista da *Paulicéia desvairada*.

Em 2015, ocorreu um outro momento de realce da obra do escritor paulista na mídia tradicional. Essa exposição aconteceu a propósito da celebração dos 70 anos da morte de Mário de Andrade (1893-1945). Eventos e lançamentos editoriais evidenciaram esse fato: a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) homenageou o autor de *Macunaíma* e a Editora Nova Fronteira, desde então, vem republicando toda a sua obra.

Além disso, muitas “descobertas” acadêmicas sobre vida e obra do escritor movimentaram os debates nas universidades e espaços literários, como a divulgação de áudios inéditos com a voz de Mário de Andrade recitando e explicando canções da cultura popular e a publicidade de carta com a revelação da homossexualidade do autor. E, para coroar toda a atenção em torno do escritor em 2015, no ano seguinte (2016) sua obra se tornou de domínio público.

Poeta, romancista, contista, crítico literário, musicólogo, estudioso da cultura popular, ensaísta, mentor intelectual da Semana de Arte Moderna, pioneiro na poesia modernista brasileira com a publicação da obra *Paulicéia Desvairada em 1922*, agitador e gestor na área da cultura, é difícil classificar e especificar o campo de atuação de Mário

⁵ Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no IFRN - Campus Natal Cidade Alta. Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Desenvolve pesquisas nos seguintes temas: literatura do Rio Grande do Norte, poema/processo, obra de Graciliano Ramos.

de Andrade, dada a diversidade e versatilidade do intelectual. Mário de Andrade pode ser considerado um “talento poliédrico”, pois é capaz de atuar no limite de diferentes áreas do conhecimento, criando conexões entre elas⁶. Para o estudioso João Luiz Lafetá, a grande diversidade de interesses de Mário de Andrade o tornou um artista complexo, capaz de combinar seus conhecimentos com a sua capacidade inventiva (cf. LAFETÁ, 1988, p. 141).

O romance/rapsódia *Macunaíma* (1928), pela genialidade do conteúdo e pela originalidade da linguagem, e a militância/atuação, teórica e prática, nos debates sobre cultura e identidade nacional em alguns momentos ofuscaram a elaboração de Mário de Andrade em outros campos literários, como, por exemplo, na poesia. Além disso, em relação à obra poética em si, Eduardo Jardim assinala que “A poesia de Mário de Andrade não é a parte mais comentada de sua obra. Um dos motivos para esse relativo desconhecimento foi apontado por Carlos Drummond: muitos poemas não são de fácil leitura e não obtiveram o agrado imediato” (JARDIM, 2015, p. 187).

No entanto, Mário foi um exímio poeta! Para o crítico Antonio Candido, as características pessoais de Mário de Andrade (humildade, intuição, ternura, paciência) revelam sobretudo o perfil de um poeta (cf. CANDIDO, 2004 (a), p. 94). A fim de organizar didaticamente o percurso poético de Mário, observa-se que o artista publicou seis livros de poesia: *Há uma gota de sangue em cada poema* (1917); *Paulicéia desvairada* (1922); *Losango cáqui* (1926); *Clã do jabuti* (1927); *Remate de males* (1930); *Lira paulistana*, seguida de *O carro da miséria* (1946)⁷. Apesar de manter algumas constantes temáticas e formais, de modo geral, cada livro representa uma maneira diferente de trabalhar o texto poético.

Há uma gota de sangue em cada poema pode ser considerada uma obra periférica de Mário de Andrade. Pouco estudada na academia, há bibliografias do autor que inclusive a omitem. Quando referida, recebe classificação que atribui valor negativo, como “equivoco parnasiano”, “versos insignificantes” e “obra imatura” (algumas dessas expressões utilizadas pelo próprio poeta para se referir ao título).

6 Talento poliédrico é uma expressão adotada pelo semioticista russo Yuri Lotman para identificar pensadores capazes de atuar em regiões fronteiriças do conhecimento na ciência e nas artes (cf. LOTMAN, 1999, p. 149).

7 Os títulos *Paulicéia desvairada*, *Losango cáqui*, *Clã do jabuti*, *Remate de males*, *Lira paulistana* e outras produções poéticas de Mário de Andrade podem ser visualizados na obra *Poesias completas*, idealizada e supervisionada pelo próprio artista, publicada ainda em vida no ano de 1941. Nas *Poesias completas*, Mário de Andrade revisitou os textos já lançados e inseriu poemas até então inéditos. Em edições posteriores das *Poesias completas*, foram incorporados poemas publicados e identificados após a morte do autor. A obra *Há uma gota de sangue em cada poema* pode ser encontrada na coletânea *Obra imatura*, também idealizada por Mário de Andrade, mas publicada postumamente.

De fato, a referida obra não apresentava as inovações modernistas das obras posteriores. O jovem poeta, influenciado pela Primeira Grande Guerra Mundial, exercitava o verso e dialogava ainda com a corrente estética que antecedeu a explosão modernista. De acordo com Eduardo Jardim: “O primeiro livro de poemas de Mário de Andrade [...] refletia sua posição pacifista” (cf. JARDIM, 2015, p. 26). Sob influência do cristianismo e de poetas franceses, como Victor Hugo, pode ser considerada uma obra pré-modernista. Foi publicada sob o pseudônimo Mário Sobral, esse também um motivo para não ser citada na obra do artista maduro.

Apesar de todas as restrições da crítica e do próprio poeta, Mário de Andrade afirmava que não renegaria a obra *Há uma gota de sangue em cada poema*, pois a considerava representativa da visão de mundo dele e da relação entre o artista e a realidade social (cf. ANDRADE, 2013, p. 17). Mesmo não apresentando inovações estéticas, essa obra vem ganhando importância por revelar o comprometimento político e a preocupação social do artista.

Referência obrigatória para os modernistas, *Paulicéia desvairada*, livro de poemas publicado em 1922, apresentou-se repleto de inovações na linguagem (sem métrica e sem rima, verso livre e verso branco, utilização de elipses). A cidade de São Paulo, em efervescente processo de urbanização e industrialização, foi o ponto de partida para a temática predominante no livro. Foram utilizados o poema-piada, a poesia cotidiana, de modo que o gênero poesia se aproximava à prosa. A poesia circunstancial, que principia do fato aparentemente banal, foi explorada por outros poetas modernistas como Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade.

Nessa obra, Mário de Andrade revelou também a sua faceta de teórico: no “Prefácio interessantíssimo”, explicou a teoria poética do “desvairismo”, que consistia na livre associação de ideias e na escrita automática, aspectos que revelam a influência das vanguardas europeias sobre o poeta.

Os críticos consideram que o “Prefácio interessantíssimo” lançou as bases estéticas do modernismo, funcionando como um manifesto-programa para o modernismo brasileiro, plataforma teórica, que seria retomada e aprofundada pelo próprio Mário de Andrade no ensaio “A escrava que não é Isaura” (1924).

Os versos do poema “Ode ao burguês” sintetizam bem o espírito da obra *Paulicéia desvairada* e do momento histórico:

Eu insulto o burguês! O burguês-níquel,
O burguês-burguês!
A digestão bem-feita de São Paulo!
O homem-curva! o homem-nádegas!
O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,
É sempre um cauteloso pouco-a-pouco!

[...]

Morte à gordura!
Morte às adiposidades cerebrais!
Morte ao burguês-mensal!
Ao burguês-cinema! ao burguês-tílburi!
Padaria Suíça! Morte viva ao Adriano!
“– Ai, filha, que te darei pelos teus anos?
– Um colar... – Conto e quinhentos!!!
Mas nós morremos de fome!

[...]

Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!
Morte ao burguês de gíolhos,
Cheirando religião e que não crê em Deus!
Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!
Ódio fundamento, sem perdão!

Fora! Fu! Fora o bom burgês!...
(ANDRADE, 2013 (b), p. 87)

Na *Paulicéia desvairada*, elaborações poéticas arrojadas foram expostas de modo até então inédito na literatura brasileira. Por intermédio de uma poesia urbana, fragmentária e antirromântica, foi apresentada a imagem de uma São Paulo cosmopolita e egoísta com a população multifacetada e com a burguesia cínica.

Na obra seguinte, *Losango cáqui* (1926), Mário de Andrade manteve as inovações modernistas da *Paulicéia Desvairada*. Um aspecto interessante a ser observado, pois permaneceu na sua produção poética posterior, é a adoção das “notações líricas” e das “meditações”. As notações líricas eram composições inspiradas por sensações, ideias e momentos da vida. As meditações eram poemas longos nos quais o poeta discutia seu destino ou o destino do país.

Os livros *Paulicéia desvairada* e *Losango cáqui* são considerados a face *modernista* mais radical dentro da poética de Mário de Andrade. Cabe assinalar que, em 1925, antes da publicação de sua segunda obra com a acentuada influência da estética modernista, Mário publicou o ensaio teórico “A escrava que não é Isaura”, no qual, como já mencionado anteriormente, aprofundava suas especulações, iniciadas no “Prefácio interessantíssimo”, sobre a poética em construção de modo mais científico.

Em *Clã do jabuti* (1927), Mário de Andrade continuou, com uma linguagem menos agressiva e de maneira mais sutil, com as inovações modernistas ao seu texto literário, porém utilizou predominantemente referências à cultura popular de diferentes regiões do país, de modo que essa obra funciona cronologicamente como uma espécie de prenúncio para a narrativa *Macunaíma*, publicada no ano seguinte. Assim, *Clã do jabuti* assinalou as facetas do Mário estudioso da cultura popular e do intelectual preocupado com a busca de uma identidade nacional (brasilidade). O poema “Coco do major”, a partir de material folclórico coletado no Rio Grande do Norte e dedicado a Antonio Bento⁸, reflete bem a imersão do poeta no universo das manifestações populares:

O major Venâncio da Silva
Guarda as filhas com olho e ferrolho,
Que vidinha mais caningada

– seu mano –

8 “O paraibano Antonio Bento foi uma figura importante no cenário modernista nacional. Viveu a sua infância no engenho e fazenda Bom Jardim, situado no litoral do Rio Grande do Norte. Teve contato com intelectuais de todo o país, entre eles: Vicente do Rego Monteiro, Candido Portinari, Ismael Nery, Di Cavalcanti, Mário Pedrosa, José Lins do Rego, Raul Bopp e Mário de Andrade. Com este último participou de pesquisas folclóricas, fornecendo-lhes temas nordestinos, canções de Bumba-meu-Boi, cantos de dança dramática para *Macunaíma*. Diz-se que Mário de Andrade atribui a Mário Pedrosa e a Antonio Bento o estímulo para a publicação dessa rapsódia – inclusive Antonio Bento foi transformado em um dos personagens do famoso livro” (NUNES, 2006, p. 62). Antonio Bento (1902-1988) foi jornalista e crítico de arte, ciceroneou Mário de Andrade em sua visita ao Rio Grande do Norte entre dezembro de 1928 e janeiro de 1929 (cf. ANDRADE, 2013 (b), p. 274).

Elas levam no engenho do velho!

[...]

Vai um mocetão paroara
Destorcido porém sem cabeça
Apostou num coco de praia
– seu mano –
Que daria uma espiada nas moças.

Pois a fala do lambaceiro
Foi parar direitinho no ouvido
Do major Venâncio da Silva
– seu mano –
Que afinal nem seu por achado.

Bate alguém na sede do engenho.
– Seu major, ando morto de sede,
Por favor me dê um copo de água...
– seu mano –
– Pois não, moço! Se apeie de água.

Dois negrões agarram o afoito,
O major assobia pra dentro.
Vêm três moças lindas chorando
– seu mano –
Com quartinhas de barro cinzento.

– Esta é minha filha mais velha
Beba, moço, que essa água é de sanga.
E os negrões obrigam o pobre
– seu mano –
A engulir a primeira moringa.

– Esta é minha filha do meio
Beba, moço, que essa água é de corgo.
E os negrões obrigam o pobre
– seu mano –
A engulir a moringa já vesgo.

– Esta é minha filha mais nova
Beba, moço, que essa água é de fonte.
E os negrões afogam o pobre
– seu mano –
Que adubou os faxeiros do monte.

O major Venâncio da Silva
Tem as filhas mais lindas do norte
Mas ninguém não viu as meninas
– seu mano –
Que ele as guarda com água de pote.
(ANDRADE, 2013 (b), p. 274-275)

De acordo com a pesquisadora Ana Rosa Nunes, em *Clã do Jabuti* “[...] prevalece o registro de representações da cultura popular nacional através da citação e da apropriação de termos populares, trechos de cantigas, lendas e mitos, músicas e quadrinhas, danças e crenças religiosas” (NUNES, 2006, p. 10).

Ainda explorando a diversidade cultural do país, mas também se voltando para o seu mundo interior, Mário de Andrade publicou, em 1930, *Remate de males*. Nessa obra, está o famoso poema usado para descrever a personalidade múltipla de Mário de Andrade: “Eu sou trezentos”. O reconhecido poema “Louvação da tarde” expõe a capacidade do poeta desenvolver reflexões a partir da experiência imediata e das paisagens exteriores, assim como acontece no poema “Momento (abril de 1937)”⁹:

9 Conforme assinalado nas *Poesias* completas de Mário de Andrade, o poema Momento (abril de 1937) foi publicado inicialmente na *Revista Acadêmica* do Rio de Janeiro, em junho de 1937; posteriormente, foi incorporado à obra *Remate de males* (cf. ANDRADE, 2013 (b), p. 439).

O vento corta os seres pelo meio,
Só um desejo de nitidez ampara o mundo...
Faz sol. Fez chuva. E a ventania
Esparrama os trombones das nuvens no azul.

Ninguém chega ser um nesta cidade,
As pombas se agarram nos arranhacéus, faz chuva.
Faz frio. E faz angústia... É este vento violento
Que arrebenta dos grotões da terra humana
Exigindo céu, paz e alguma primavera.
(ANDRADE, 2013 (b), p. 439)

A partir das observações de Candido sobre a produção poética de Mário de Andrade, percebe-se que poemas como “Louvação da tarde” e “Momento (abril de 1937)” ocupam “posição-chave” na obra do poeta paulista, pois assinalam um movimento de desenvolvimento e ampliação da obra de Mário. Nos primeiros livros de poesia, o poeta se preocupa mais com a observação de elementos externos, enquanto nas obras finais, o artista busca acentuar o aspecto introspectivo de sua poética (cf CANDIDO, 2004 (b), p. 225).

Lira paulistana, seguida de *O carro da miséria* (1946), é considerada a obra madura do poeta. Publicada postumamente, não foi bem recebida pela crítica da época. A cidade de São Paulo foi retomada como tema literário nos poemas desse livro, constituindo-se uma espécie de fio condutor que permeia toda a obra poética de Mário mesmo em suas diversas fases, principiando na *Paulicéia desvairada* e finalizando na *Lira paulistana*. O famoso e complexo poema “A meditação sobre o Tietê” é considerado pelo crítico Antonio Candido como uma síntese das tendências expressas na poesia de Mário de Andrade, pois realiza a fusão entre o coletivo e o pessoal, articulando imagens advindas de sua obra poética anterior (cf. CANDIDO, 2004 (a), p. 95), conforme se pode observar nos versos finais do poema:

Na noite. E tudo é noite. Rio, o que eu posso fazer!...
Rio, meu rio... mas porém há-de haver com certeza
Outra vida melhor do outro lado de lá

Da serra! E hei-de guardar silêncio!
Deste amor mais perfeito do que os homens?...

Estou pequeno, inútil, bicho da terra, derrotado.
No entanto eu sou maior... Eu sinto uma grandeza infatigável!
Eu sou maior que os vermes e todos os animais.
E todos os vegetais. E os vulcões vivos e os oceanos,
Maior... Maior que a multidão do rio acorrentado,
Maior que a estrela, maior que os adjetivos,
Sou homem! vencedor das mortes, bem nascido além dos dias,
Transfigurado além das profecias!
Eu recuso a paciência, o boi morreu, eu recuso a esperança.
Eu me acho tão cansado em meu furor.
As águas apenas murmuram hostis, água vil mas turrona paulista
Que sobe e se espraia, levando as auroras represadas
Para o peito dos sofrimentos dos homens.
... e tudo é noite. Sob o arco admirável
Da Ponte das Bandeiras, morta, dissoluta, fraca,
Uma lágrima apenas, uma lágrima,
Eu sigo alga escusa nas águas do meu Tietê.
(ANDRADE, 2013 (b), p. 543)

A multiplicidade da produção poética de Mário de Andrade assinala a capacidade de diálogo de sua obra com vários momentos da história brasileira entre os anos 20 e 40 do século passado: principiando com a renovação da linguagem literária mimetizando a modernização e industrialização de São Paulo e, posteriormente, discutindo a identidade e os destinos do país. Lendo os poemas de Mário de Andrade se percebe que o romancista, contista, crítico literário, musicólogo, estudioso da cultura popular, ensaísta, mentor intelectual da Semana de Arte Moderna, agitador e gestor na área da cultura também possui uma poesia de múltiplas faces.

Em tempo, no que diz respeito à cultura potiguar, Mário de Andrade também foi uma figura central, pois desenvolveu pesquisas no campo do folclore e estimulou Câmara Cascudo, ainda nos anos 20 do século passado, a enveredar pelos caminhos da cultura popular. Na visita ao Rio Grande do Norte, “descobriu” e revelou para o Brasil o coquista Chico

Antonio. O estudioso Deífilo Gurgel afirma que: “Para se ter uma ideia do trabalho que Mário realizou no Rio Grande do Norte, na área da cultura popular, basta dizer que nenhum outro Estado brasileiro tem uma documentação tão completa como a que ele reuniu aqui, em 1929, no setor de danças folclóricas” (GURGEL, 1999, p. 197). Mário de Andrade, “embaixador do Modernismo”, em sua passagem pelo estado potiguar, conheceu pessoalmente o poeta modernista Jorge Fernandes e teve contato com a sua obra, ajudando a divulgá-la no sudeste e no sul do país (cf. GURGEL, 2001, p. 60-61).

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. **Obra imatura**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013 (a).

ANDRADE, Mário de. **Os melhores poemas de Mário de Andrade**. Seleção de Gilda de Mello e Souza. 4. ed., São Paulo: Global, 1997.

ANDRADE, Mário de. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013 (b). [Volume 1]

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41. ed., São Paulo: Cultrix, 2003.

CANDIDO, Antonio. “Lembrança de Mário de Andrade”. In _____. **O observador literário**. 3. ed., Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004 (a).

CANDIDO, Antonio. “O poeta itinerante”. In _____. **O discurso e a cidade**. 3. ed., Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, São Paulo: Duas Cidades, 2004 (b).

GURGEL, Deífilo. **Espaço e tempo do folclore potiguar**. Natal: FUNCART, 1999.

GURGEL, Tarcísio. **Informação da literatura potiguar**. Natal: Argos, 2001.

JARDIM, Eduardo. **Mário de Andrade: Eu sou trezentos, vida e obra**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

LAFETÁ, João Luiz. **Mário de Andrade**. 2. Ed., São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Literatura Comentada).

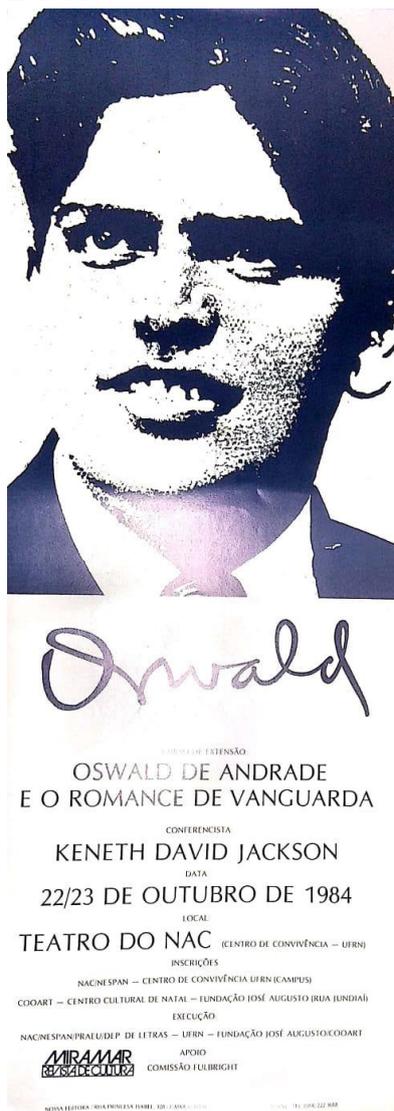
LOTMAN, Yuri. **Cultura y explosión**. Lo previsible y lo imprevisible em los procesos de cambio social. Tradução de D. Muscheti. Barcelona: Gedisa, 1999.

NUNES, Ana Rosa de Mendonça. **Modernismo e tradição da oralidade na poesia: uma leitura de Clã do jabuti, de Mário de Andrade, e Catimbó, de Ascenso Ferreira**. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

KENNETH DAVID JACKSON E A VANGUARDA MODERNISTA: NOTAS SOBRE A AMPLIAÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO

Ciro Soares dos Santos (IFRN)¹⁰

Figura 1 – Cartaz de conferência ministrada por Kenneth David Jackson intitulada Oswald de Andrade e o romance de vanguarda, realizada em 1984.



Fonte: Acervo pessoal.

10 É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Kursou Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. Concluiu Especialização em Leitura e produção de textos, pelo Departamento de Letras- UFRN. Defendeu a dissertação Deus e o diabo na poesia de Gregório de Matos no programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem-PPgEL/UFRN. Participou do programa de doutorado no exterior PDSE-CAPES como pesquisador visitante da universidade de Yale-EUA. Defendeu a tese A vertigem das antologias (PPgEL/UFRN). Realizou pesquisa de pós-doutorado para prática de antologia do barroco americano com leitura da obra de Juan Caviedes (PPgEL/UFRN).

1 KENNETH DAVID JACKSON E A VANGUARDA MODERNISTA

Kenneth David Jackson, brasilianista investigador há mais de cinquenta anos da cultura brasileira com atenção à vanguarda modernista e a seus desdobramentos, esteve em Natal-RN para ser conferencista do curso de extensão *Oswald de Andrade e o romance de vanguarda* em 22 e 23 de outubro de 1984, promovido, dentre outros, pelo Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Com apoio da Comissão Fulbright, o então docente da Universidade do Texas, atual integrante do Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Yale desde 1993, estuda a língua e a cultura brasileira desde, ao menos, 1965. Após, em 1964, haver visitado o Brasil como integrante da orquestra de sua universidade, ele se tornaria Ph.D. pela Universidade de Wisconsin-Madison em 1973 em estudos luso-brasileiros. Essa formação foi proporcionada por auxílio financeiro concedido pelo governo federal norte-americano, através do programa de bolsas inaugurado pelo *National Defense Education Act* (NDEA), lei de incentivo aos estudos latino-americanos promulgada nos anos finais de 1950. O evento teve o professor Francisco Ivan da Silva como organizador, que estudara com o professor Kenneth Jackson no Estados Unidos na década de 1980.

Na comemoração dos 100 anos da Semana de Arte Moderna, evento de celebração de ideais iniciadores de programa de renovação das artes brasileiras, uma questão pode ser levantada: como a inovação revolucionária dos modernistas como Mário de Andrade e Oswald de Andrade, junto com o rol de outros artistas conhecidos e reconhecidos hoje pela crítica a ponto de fazerem parte dos compêndios didáticos escolares, foram assim integrados ao cânone brasileiro a esse ponto? Na atuação de pesquisador, crítico, docente, tradutor e antologista de Kenneth David Jackson está uma parte da resposta a essa questão da assimilação do modernismo vanguardista e de seus desdobramentos na cultura letrada brasileira. As notas sobre os 100 anos de ampliação do cânone literário brasileiro são tecidas com base principalmente no estudo de Duarte (2006) sobre cânone literário na perspectiva de Bourdieu (2007). O objetivo principal das seguintes considerações sobre os 100 anos da Semana de Arte Moderna de refletir sobre o processo de canonização de obras tidas como revolucionárias presta-se também a concretizar a intenção de divulgar o valor da pesquisa do professor Kenneth David Jackson para esse mesmo processo histórico à luz da noção de cânone.

As ações acadêmicas e editoriais do brasilianista Kenneth David Jackson participam do processo de canonização do *corpus* literário constituído a partir da ação das vanguardas modernistas de atualização da linguagem literária e de ampliação do cânone e têm reconhecimento na crítica e na historiografia literária brasileira. Reconhecido de modo incontestável pelos estudos de literatura brasileira, os significados do trabalho de busca pelas raízes do Brasil realizado pelo grupo liderado por Mário de Andrade e por Oswald de Andrade, sob o patronato inicial de Mário Prado, nos anos heroicos do modernismo, sabe-se, fez aumentar o conjunto de obras consideradas bens simbólicos do patrimônio artístico brasileiro. Ilustram essa busca pela origem identitária brasileira não somente a metáfora da antropofagia para nomear a concepção de culturalmente o Brasil se nutrir e reprocessar o que haja de próprio em outras culturas, mas também a constatação de Manuel Bandeira (S/D) haver escrito *um Guia de Ouro Preto* e de Mário de Andrade (2012) haver estudado a obra do *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. O primitivismo temático e a libertinagem temática das vanguardas formam horizonte de expectativa capaz de permitir ampliar o cânone pela recepção da poesia barroca satírica de Gregório de Matos conforme demonstrado em *A vertigem das antologias: Gregório de Matos* (SANTOS, 2017) são indicativos da atuação dos modernistas de 1922 de contribuição para valorização das artes seiscentistas com conseqüente ressignificação estética de nossa herança da época colonial. A partir de diferentes formas de conceber a formação do cânone de uma literatura nacional, são tecidas as notas seguintes sobre a participação do professor Jackson na canonização do modernismo brasileiro. Chamar de notas os parágrafos aqui desenvolvidos implica pedir a ressalva de serem considerações tecidas como início de trabalho investigativo mais amplo ensejado pelos 100 anos da Semana de 1922.

Para pensar a noção de cânone, não se faz a defesa da existência de um conjunto de obras *a priori* e intrinsecamente de alto valor atemporal despida sua valorização de interferências historicamente construídas por diferentes agentes. Dizer que Kenneth David Jackson participa do processo de canonização da vanguarda modernista pressupõe aceitar a tese de que os estudos literários entram no estado da autorreflexão com o problema do cânone e da canonização como algo relativizado pela história. Com a problematização do cânone, o objetivo último dos estudos literários passa a ser os seus próprios protocolos e procedimentos de legitimação no espaço público tanto na academia quanto fora dela. As considerações aqui tecidas são de reflexão sobre o cânone mais focalizadas no processo de recepção canonizadora do que nos textos e nos autores. A aceitação do estabelecimento de um cânone da literatura brasileira como obras a serem bens culturais cujo estudo e indicação

ocorre por especialistas está aberta à consciência de haver historicidade ontológica das obras lidas em construção social do valor estético a presidir o elenco das possivelmente reputadas como grandiosas e universais.

Uma das instâncias sociais de constituição dos conjuntos de obras literárias com reputação tal que devem ser divulgadas, lidas e historicizadas é a crítica acadêmica, sabe-se, desde quando foi colocada em questão a existência do um cânone supostamente marcado por intemporalidade de seu valor, com as chamadas “Guerras dos Cânones” iniciadas pelos estudos culturais a partir dos anos 1980 (DUARTE, 2006, p. 59). Uma amostra do desenvolvimento de publicações para legitimação mundial do modernismo brasileiro evidencia a atuação canonizadora de David Jackson. O professor Jackson é autor de *50 anos de Serafim: a recepção crítica do romance* (1986); de *Oswald de Andrade: 100 Years of Invention* (1992); de *A prosa vanguardista na literatura brasileira: Oswald de Andrade* (1978); de *A vanguarda literária no Brasil: bibliografia e antologia crítica* (1998) e de *Certo Sertão: Sessenta anos de fortuna crítica de Guimarães Rosa* (2006). A legitimidade social da atuação crítico-investigativa impulsiona o brasilianista de Yale a não somente se dedicar aos modernistas, mas também a se voltar ao debate de obra já sacramentada pela crítica nacional, como a machadiana, estudada em *Machado de Assis: a literary life* (2015), o que infunde autoridade para o discurso de consagração, como o verificado em *The five seasons of Brasília* (2020) para o romance *As cinco estações do amor*, do escritor João Almino.

Kenneth Jackson traduz *Serafim Ponte Grande* de Oswald de Andrade para o inglês, *Seraphim Grosse Pointe* (1979), e *Parque industrial* de Patrícia Galvão, *Industrial Park* (1993), assim como publica os estudos *Patrícia Galvão e o realismo-social brasileiro dos anos 30* (1977) e *Novas receitas da cozinha canibal: O Manifesto Antropófago Hoje* (2013). O professor Jackson é o responsável pela bibliografia componente da edição de *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo: Oswald de Andrade*, publicada em 2014. O editor Kenneth Jackson pratica a composição de antologias para difusão da literatura brasileira no mundo: uma delas, a *Oxford Anthology of the Brazilian Short Story* (2006) dedica-se, em sua parte 2, intitulada *Modernism (1922-1945)*, a nomes como Mário de Andrade (1893-1945), Graciliano Ramos (1892-1953) e Rachel de Queiroz (1910-2003). A parte 3 da antologia, intitulada *Modernism at Mid-Century (1945-1980)*, é reservada para nomes como os de Clarice Lispector (1920-1977), João Guimarães Rosa (1908-1967) e Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

O rol exemplificativo, diga-se, em nada quer fazer algum tipo de menção elogiosa no sentido de querer argumentar que, sem tais estudos, os 100 anos de Semana de Arte Moderna

teriam testemunhado menor grau de canonicidade da vanguarda modernista. Kenneth Jackson tem, coexistente com o seu fazer crítico, nomes a serem mencionados como o de Haroldo de Campos com seus estudos, por exemplo, *Uma poética da radicalidade* (1972), *Miramar na Mira* (1990), *Serafim: um grande não-livro* (1992) e de *Réquiem para miss Ciclone, musa dialógica da pré-história textual oswaldiana*, texto de 1982, republicado por atuação do professor Jackson em 2014 como estudo de introdução à leitura de *O perfeito cozinheiro*. O acesso a essa bibliografia revela o professor de Yale como continuador da trajetória crítica de Haroldo de Campos em suas escolhas de autores-obras da literatura brasileira cuja contribuição é indispensável para uma compreensão da história da leitura poética em época de ascensão e consolidação da literatura modernista.

Percebe-se já a articulação de críticos pesquisadores como elemento prático no processo de aceitação de poetas e romancistas como parte do patrimônio literário em dada época se se considerar o fato de que o professor Kenneth Jackson e Haroldo de Campos atuaram juntos na Universidade do Texas-Austin, tendo sido recebidos pelo professor doutor Francisco Ivan na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O interesse do professor Francisco Ivan pelo modernismo data de décadas, graças ao que, no ano de 1994, por exemplo, em comemoração aos 70 anos de modernismo, o pesquisador, sem perder a concentração em sua pesquisa sobre o barroco, escreve o estudo *Oswald de Andrade e a consciência crítica na literatura brasileira*, para assim ensinar: “que é o barroco? Aí está um tema literário dos mais modernos. E Oswald de Andrade, o mais moderno dos modernistas, preocupou-se profundamente com este tema. É dele, como anota Haroldo de Campos, o ‘elogio do barroco, como **estilo utópico**, estilo das **descobertas...**” (IVAN DA SILVA, 1994, p. 36, grifos do autor).

A atuação de Kenneth David Jackson de estudo das vanguardas se prevalece do fato de que “cânone e canonização implicam sempre *processos de selecção* que determinam aquilo que é incluído e excluído [...], bem como os critérios” (DUARTE, 2006, p. 36, grifos originais). A canonização do modernismo ocorre com homens e livros em sua entrada para a tradição nacional como construção realizada por pessoas particulares em determinado momento. Se “cânone e canonização implicam a produção e a transmissão de juízo de valor, ‘clássico’, ‘obra prima’, ‘gênio’” como “frequentes materializações desse estatuto honorífico concedido a obras e autores através de processo de avaliação” (DUARTE, 2006, p. 36); então o melhor é fugir desses clichês e buscar o que pode haver de interesse para fruição da leitura e renovação da percepção para os leitores.

2 NOTAS SOBRE A CANONIZAÇÃO DO MODERNISMO

João Ferreira Duarte (2006), em *A lição do cânone: uma auto-reflexão dos estudos literários*, apresenta a concepção dos formalistas russos dos anos 1920 para noção de cânone sempre ligada a um paradigma formal. Embora se saiba que não há algo como trabalho literário ou tradição com valor em si sem interferência do que alguém pode ter dito sobre, porque o valor é um termo transitivo (tudo que é valorado por certa pessoa em uma situação específica ocorre de acordo com certo critério particular e à luz de propósitos vindouros), a forma dada aos romances e poemas modernistas vanguardistas pode ser pensada como fator de canonização. Para os formalistas dos anos 1920, “os fenômenos literários não se podem estudar isoladamente, mas antes em interrelações funcionais”, assim como “se o ponto de observação for unicamente um objeto – o texto ou o autor, por exemplo -, todo o conjunto de factores de ordem social que permitem que esse texto ou autor aceda ao conhecimento tornam-se inelutavelmente invisíveis” (DUARTE, 2006, p. 39).

Luiz Augusto Fischer, em *O fim do cânone e nós com isso - passado e presente do ensino de literatura no Brasil* (2014), indica a história do cânone brasileiro com o registro de que José Veríssimo e Silvio Romero fizeram a instauração do cânone da época do Brasil República e de que Alceu Amoroso Lima, entre 1940 e 1960, estabelece o paradigma de ensino de literatura em escolas em uma época em que o ideal republicano de educação pública é substituído por uma realidade de escolas privadas quase sempre católicas (o cânone é composto pelo nacionalismo de José de Alencar, pela exuberância de Ruy Barbosa e pela elegância de Machado de Assis). Essa era uma fase pré-teórica e pré-científica da canonização de Machado, época em que o que admira era o beletismo, apesar de o modernismo já haver combatido o bom combate de liberação do Brasil das amarras beletristas contrárias à criatividade.

As inovações formais modernistas dos anos 1920, somente entre os anos de 1967 e 1970, com os estudos da obra de Oswald e de Mário de Andrade, ganham compreensão mais sistematizada, com o pioneirismo de Antonio Candido, Haroldo de Campos e Kenneth Jackson. Mesmo diferentes entre si quanto à personalidade, o tímido Mário de Andrade contrasta com o carnavalesco Oswald de Andrade, em suas mais importantes obras para o legado do modernismo, a erótica na sátira brasileira é ponto comum em suas narrativas de Macunaíma-Miramar-Serafim, conforme demonstrado em *A sátira modernista como paródia em canto paralelo da poesia do barroco: Gregório de Matos, Mário de Andrade, Oswald de Andrade*

(SANTOS, 2016). Mesmo diante do fato de que uma “uma metodologia sistemática obrigamos a historicizar, logo a relativizar os objectos, o que qualquer investigação empírica pode comprovar, a literariedade não é uma a essência”; a preocupação modernista com “o estatuto do novo” como uma questão da aparição de “uma diferença de funções desempenhadas por objetos pré-existentes” [modernismo escapa à arte acadêmica feito sob encomenda e pré-modelada do parnasianismo] (DUARTE, 2006, p. 41) é fator para fazer dos vanguardistas da Semana de 1922 autores cujas obras merecem atenção. Os modernistas ainda são capazes de promover a experiência leitora como descoberta de “inovação-desfamiliarização” de poemas e romances escritos na periferia econômica, por isso põem a literatura brasileira à altura das revoluções inventivas europeias a que se chamam os “ismos”: Os vanguardistas da Semana de 1922 fazem uma arte essencialmente nacional, mas sintonizada com as inovações europeias dadaístas e cubistas. A crítica de Kenneth Jackson, assim como seu fazer didático, crítico, tradutológico e antológico, potencializa a canonização do modernismo ao mostrar a interatividade de Oswald de Andrade com a Europa, com livros de *Poesia Pau-Brasil* para a França ver, com sua antropofagia cultural para retomar as imagens coloniais de grande impressão para a Europa.

João Ferreira Duarte (2006) esquematiza a concepção de Pierre Bourdieu (2007) sobre *A economia das trocas simbólicas* em *O mercado dos bens culturais*, reflexão dos anos 1970. Os produtos simbólicos “recém-chegados” precisam de “agentes de consagração” para serem transpostos do “campo de produção restrita” para o “campo de produção em larga escala” (FERREIRA, 2006, p. 45). Desse processo é exemplo Oswald de Andrade com pequenas tiragens a reiteradas edições [biscoito fino distribuído largamente por editores] e é Mário de Andrade com sua tristeza por Macunaíma haver sido mal-recebido antes de ser símbolo de brasilidade. Segundo Duarte (2006, p. 45), “o campo de produção em larga escala é composto pelos produtores assalariados, pelos intermediários (empresas e empresários cuja finalidade é o lucro) e pelo público “em geral”, imperando aqui as leis dos mercados. O campo da produção restrita constitui-se em oposição ao primeiro, gerando sua própria lógica avaliativa, que é a distinção, isto é, a “posse” de bens simbólicos, ou de capital cultural, em contraposição à posse de capital econômico para que tende o campo da produção em larga escala.

Os modernistas dos anos 1920 tinham consciência concreta da guerra do cânone que travariam em debate público: marca maior é a Semana de 1922 com Mário de Andrade e Oswald de Andrade à frente. Os heróis de 1922 contariam com a participação contínua da pesquisa de Kenneth David Jackson na dinâmica teoricamente descrita pela abordagem social de Pierre

Bourdieu 50 anos depois. Nos termos de Duarte (2006), as obras recém-chegadas ocupam um espaço social da “incessante reconstituição do campo, em que o novo produtor pretende conquistar um lugar sempre já ocupado por uma hierarquia de concorrentes”, a “tomada de posição”, só possível pela “denegação do valor económico dos produtos oferecidos”, então “o novo produtor marca a sua diferença, a sua originalidade, a sua condição de criador de arte inovadora, experimental ou de vanguarda” (DUARTE, 2006, p. 46). Os modernistas sabiam dessa realidade desde antes da Semana de Arte Moderna, evento ao mesmo tempo inaugural e celebrativo do estabelecimento de uma pauta artístico-cultural e política, como narrado em *1922 – A Semana Que Não Terminou* (GONÇALVES, 2012).

Kenneth David Jackson é agente de consagração pela dedicação crítica de divulgar, interpretar e historicizar o legado modernista com prestígio de ser acadêmico de país economicamente hegemônico com potencializado poder consagrador por atuar em uma universidade como Yale. Exemplo indicativo do reconhecimento capaz de emprestar prestígio aos modernistas, nos 100 de comemoração da Semana de Arte Moderna, é ter sido David Jackson editor do volume 8 da revista *Santa Barbara Portuguese Studies* da Universidade da Califórnia - Santa Barbara, *Augusto de Campos at 90*, em homenagem aos 90 anos de vida do poeta, publicação na qual consta o artigo *Augusto de Campos non Serviam* (JACKSON, 2021). O brasilianista atua na dinâmica de conferir canonicidade ao tornar público seu conhecimento de autores e obras em preservação conservadora, como a obra de Camões, a quem dedicou estudo das primeiras edições de *Os lusíadas* (JACKSON, 2003), com abertura possível para novos candidatos a desafiar os ortodoxos, como os modernistas ainda estão nos limites do cânone após 100 anos da Semana de 22. Consoante a abordagem de Bourdieu (2007), após a denegação inicial dos autores de obter lucro devida à inovação excludente de suas obras do mercado, uma vez consagradas como valiosas, há ganho econômico pela entrada em sistema escolar ou pela exploração cinematográfica, por exemplo, ou mesmo pela venda de livros em larga escala. O caráter de arte vanguardista, “a que pode ser apreciada pelos poucos que detêm os códigos indispensáveis à decifração”, geraria negação de busca de lucro inicial para obtenção de lucro econômico posterior, promovido após a ação de “agentes de consagração” (DUARTE, 2006, p. 59).

Na crítica de Kenneth Jackson, o modernismo legou obras capazes de relevar o Brasil sem a estigmatização dos primeiros viajantes que davam notícia da terra colônia de Portugal, mas também produziu literatura com linguagem para quem deseje aprender o português com engenho poético criativo, mas sem preciosismo academicista na busca pelo falar brasileiro, marcadamente da fase heroica dos escritores de 1922. David Jackson toma partido desse

aspecto linguístico da poesia modernista. Com a comunicação artística dos modernistas, promove ganhos para seus estudantes internacionais ao ser um brasilianista conhecedor de música, artes plásticas, cinema a promover o diálogo com a literatura para quem queira aprender o português. No ensino do brasilianista, ocorre a prática de indicação do contexto de gênese das obras literárias com indicação do público leitor com o qual especificamente os artistas modernistas dialogavam. A leitura de poetas como Oswald de Andrade ou Carlos Drummond de Andrade ocorre na prática de formação de leitores da literatura brasileira e de ensino de falantes da língua portuguesa com abertura para a auto reflexividade com os estudantes alertados para os procedimentos discursivos dos poemas. Os grupos se tornam conscientes do proceder discursivo modernista como falantes de língua portuguesa à medida que comentam a leitura da literatura brasileira.

Os modernistas atuaram com atividades paralelas ao fazer dos críticos no intuito de canonizar seu *corpus* artístico com conferências e ensaios, com revistas e manifestos, com viagens e ciceroneamento de artistas. A ruptura inicial, porém, da chamada fase heroica foi tão marcadamente profunda que somente a pesquisa sistemática do que faz parte a formação e a profissão de acadêmicos como Kenneth David Jackson legitimou as obras ao longo de um século desde a Semana de 1922. Os modernizadores do romance brasileiro puderam fazer avançar as firmas de representação do humano na linguagem literária, propiciaram a liberdade temática das narrativas do romance de 30 até atingir a prosa poética de Guimarães como ápice. A forma de se fazer presente no mundo literário do que a Semana de Arte Moderna de 1922 é símbolo da interação com escritores, músicos e mecenas plantou raiz na ampliação do cânone literário brasileiro cujos frutos vieram pela investigação acadêmica a fazer circular e serem reconhecidas autorias como as do romance de 30, de forma que os modernos de 1922 não se auto canonizaram, embora tenham deixado documentada a reflexão sobre o seu fazer.

Diante do contexto de outra guerra do cânone posterior à travada no Brasil pelos modernistas, a virada do cânone dos anos 1980 em diante, a atuação crítica e tradutológica de Kenneth David Jackson para fazer conhecer *Parque industrial* de Patrícia Galvão é exemplo de uma sintonia com o debate acadêmico voltado a reconstruir o cânone com a inclusão de escritas de autoria feminina, de pessoas negras e de variadas classes sociais. Pagu apresenta um realismo social de valor artístico por sua irreduzível diferença de outras escritas em seus contextos de elaboração romanesca de valor criativo tanto pela dualidade de ser inventivo e realista quanto pelo valor de apresentar uma linguagem que interessa a quem queira fazer difundir a língua do povo brasileiro. Sem confrontar ressentidos, sem abrir mão do fator formal e da sintonia cultural, Kenneth David Jackson faz ensino, prática crítica e tradução

para fazer avançar conquistas sociais sem rótulos que implicam o risco de reduzir a obra literária a bandeiras de luta, mas sem reacionarismo, antes com colaboração com a “contínua afirmação e performance de identidades culturais que aspiram ao reconhecimento” (DUARTE, 2006, p. 60). A participação desse acadêmico de Yale, a julgar pelo que se diz aqui, nas “Guerras do cânone”, parece ter sido com a expressão de que o modernismo está para o que der e vier em termos de marcação de presença no campo progressista. A crítica interpretativa valorizadora da escrita de Patrícia Galvão implica não uma aceitação de tudo quanto seja expressão como sendo artístico, mas a contextualização histórica e formal de uma obra que quebra o “policiamento das fronteiras de verdade” (DUARTE, 2006, p. 72). Kenneth David Jackson atua em sincronia com o lema de “nada recusar”, caro ao modernismo antropófago cultural praticado por Oswald de Andrade e ao debate britânico sobre cânone tecido na segunda metade dos anos 1970 (DUARTE, 2006, p. 71). São publicações de David Jackson participantes desse processo ampliador do cânone *Uma evolução subterrânea: o jornalismo de Patrícia Galvão* (2011), *Parque industrial, romance da Pauliceia desvairada* (2015), *Translating Pagu's Industrial Park: São Paulo in 1933 - internationalizing the Modernist novel* (2019), assim como a tradução de Patrícia Galvão, *Industrial Park*, de Kenneth David Jackson e Elizabeth Jackson (1993).

Kenneth Jackson é crítico longe de ser solitário leitor agônico, pois ministra aulas regulares, recebe estudantes internacionais, publica artigos, organiza revistas, visita universidades (DUARTE, 2006, p. 76-77). Sua dedicação ao modernismo coexiste com os estudos de outros *corpora* literários sem que haja o estabelecimento de obras ou autores com supremacia estética em topo hierárquico. O cânone perceptível no fazer do acadêmico de Yale é permanentemente aberto a novas incorporações para as gerações de leitores poderem por si mesmas fazer diálogo do passado com o presente de elaboração literária. As narrativas e os poemas modernistas de vanguarda permitem a um leitor conhecer invenção formal e ruptura social nas escolhas linguístico-temáticas, de forma que aprendizes do português estão livres de alguma dicotomia de diferenciação de funções sociais variadas para diferentes variações linguísticas. A interação acadêmica de Kenneth David Jackson com divulgação crítica do modernismo é fiadora da leitura escolar-universitária do modernismo para aprendizes do português terem contato com escritores arredios a qualquer padrão elitista linguístico, como são Mário de Andrade e Oswald de Andrade, cujo fazer investigativo e inventivo foi deliberadamente de busca pelo português da gente brasileira. A inovação modernista, portanto, de cuja canonização participa o brasilianismo de Kenneth David Jackson, simultaneamente afasta-se de possibilitar o estabelecimento de um socioleto privilegiado de cunho parnasianista purista enquanto aproxima-se da pureza de uma linguagem brasileira

nas vozes de Macunaíma, de Miramar, de Serafim e de Corina, personagens de obras que obrigaram o cânone a se alargar sem se massificar no sentido de algum rebaixamento ao grau de elaboração literária que isso possa significar.

Embora o trabalho inicial do professor Kenneth David Jackson tenha se dado já nos estudos de pós-graduação com docência praticada na Universidade de Texas-Austin, a representativa vida social de um brasileiro na Universidade de Yale pesa no processo de canonização do modernismo. Diga-se isso com compreensão para além do fato de serem universidades de país central na ordem internacional a dedicar esforços para compreender e divulgar obras de escritores nacionais da periferia do capitalismo. Essas cogitações mostram-se aceitáveis frente aos argumentos contrários à *elegia do cânone* levantados por Harold Bloom, elencados de John Guillory diante das Guerras do Cânone (DUARTE, 2006, p. 81), segundo quem as obras produzem relações sociais, e a canonicidade é uma propriedade de sua transmissão (com destaque para a ocorrida em instituições escolares). Se a transmissão de uma obra faz sua canonização, a permanente busca por mais entender e por fazer conhecer o modernismo no brasilianismo de Kenneth David Jackson participa da valorização das obras modernistas como bens culturais de valor tal que conhecer o Brasil exige e passa por conhecê-las.

3 CONSIDERAÇÕES RETICENCIAIS

Desde sua pesquisa de doutorado, a atuação de Kenneth David Jackson dirige atenção para fazer das obras modernistas obras-primas a serem canonizadas em âmbito internacional, mais ainda com a representatividade social de atuar há décadas em uma instituição de renome como é a Universidade de Yale. Sua dialética de influência pelo contato crítico está aberta a avaliar obras, influenciar públicos, assessorar editoras, organizar antologias. O fazer acadêmico do professor Jackson torna a forma modernista de elaboração literária com lugar de relevância na hierarquia do cânone por ser ele um conhecedor do Brasil reconhecido como brasileiro pelo seu fazer, mas também por ultrapassar a especialização e saber da literatura em língua portuguesa de Camões a Machado de Assis, do cancionero medieval português ao romance social de Patrícia Galvão.

Kenneth Jackson segue a atuar na divulgação de poetas e romancistas já traduzidos – embora suas aulas sejam com leitura direta do português – mesmo com filmes como *O rei da Vela* de 1982 e *Macunaíma* de 1969 e mesmo com grande circulação com presença

de seus autores em todas as livrarias físicas ou *online* – não parece ter se tornado um rótulo que nomeia um conjunto de bens culturais já incorporado pela produção industrial. Mesmo se se considerar todas as chamadas fases do Modernismo, com produção cinematográfica de *Vidas Secas* em 1963 ou com um especial para a TV como *Morte e Vida Severina* de 1981, ainda assim as instâncias de consagração como a academia seguem a atuar para legitimar a consagração das obras da fase heroica e das demais gerações modernistas. O cinema e demais traduções interssemióticas das obras modernistas se afastam da mecânica de reprodutividade em massa com vistas a gerar pura e simplesmente o lucro, porque se aproximam mesmo de serem adaptações com uma visada criativa da realidade e do humano cujas formas correspondem às intenções.

O valor das obras modernistas quanto a aspectos intrínsecos ainda está em debate mesmo já sendo o legado consagrado como canônico tanto pelas instâncias de legitimação quanto pela produção em larga escala de livros distribuídos nacionalmente. Pode-se acrescentar como indicativa da consagração canônica a tradução de autores para várias línguas. As obras do modernismo seguem vivas, mais que outras obras do cânone, por estarem ainda em processo de decifração tamanho seu impacto criativo, por serem ainda representativas de um Brasil lamentável em seus aspectos sociais e humanos, bem como pelo caráter primitivista de artistas como Oswald de Andrade e Mário de Andrade, que trataram de refundar artisticamente a identidade nacional.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. **Padre Jesuíno do Monte Carmelo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ANDRADE, Oswald de. **Seraphim Grosse Pointe**. Trad. Kenneth David Jackson e Albert Bork. Austin: Nefertiti Head Press, 1979.

ANDRADE, Oswald de. Uma poética da radicalidade. In: ANDRADE, Oswald. **Obras completas de Oswald de Andrade**: poesias reunidas. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. p. 9-62. (Coleção Vera Cruz, v. 166)

BANDEIRA, Manuel. **Guia de Ouro Preto**. 4. ed. Ediouro: S/D.

BOURDIER, Pierre. O mercado dos bens culturais. In: _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 99-182.

CAMPOS, Haroldo de. Serafim: um grande não-livro. In: ANDRADE, Oswald de. **Serafim Ponte Grande**. 3. ed. São Paulo: Globo, 1990. p. 5-34.

CAMPOS, Haroldo de. Apresentação. In: JACKSON, Kenneth David. **A prosa vanguardista**

na literatura brasileira: Oswald de Andrade. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 7-8. (Coleção Elos 29)

DUARTE, João Ferreira. **A lição do cânone:** uma auto-reflexão dos estudos literários. (Cadernos de Anglística - 12). Lisboa: Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa e Edições Colibri, 2006.

FISCHER, Luís Augusto. O fim do cânone e nós com isso – Passado e presente do ensino de literatura no Brasil. **Remate de Males**, Campinas, v. 34, n. 2, p. 573-611, jul./dez. 2014.

GALVÃO, Patrícia. **Industrial Park.** Trad. Kenneth David Jackson e Elizabeth Jackson. Nebraska: University of Nebraska Press, 1993.

GONÇALVES, Marcos Augusto. **1922 – A semana que não terminou.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

IVAN DA SILVA, Francisco. Oswald de Andrade e a consciência crítica na literatura. In: DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.). **70 anos de modernismo.** Natal: UFRN-CCHLA. p. 31-37. (Coleção Humanas Letras)

JACKSON, Kenneth David. **A prosa vanguardista na literatura brasileira:** Oswald de Andrade. São Paulo: Perspectiva, 1978. (Coleção Elos 29)

JACKSON, Kenneth David. 50 anos de Serafim: a recepção crítica do romance. In: BOAVENTURA, Maria Eugenia (Org.). **Remate de Males**, Campinas, n. 6, p. 27-36, 1986.

JACKSON, Kenneth David. Patrícia Galvão e o realismo-social brasileiro dos anos 30. In: CAMPOS, Augusto. **Patrícia Galvão:** Pagu vida-obra – antologias. 3. ed. São Paulo: Brasileira, 1987.

JACKSON, Kenneth David. Afterward. In: GALVÃO, Patrícia. **Industrial Park.** Trad. Elizabeth and K. David Jackson. Lincoln: University of Nebraska: 1993. p. 115-153

JACKSON, Kenneth David. **Bibliografia e antologia crítica das vanguardas literárias:** Brasil. Frankfurt am Main: Velvert, 1998.

JACKSON, Kenneth David. **Camões and the First Edition of the Lusíadas.** 2003. (CD-ROM).

JACKSON, Kenneth David. Novas receitas da cozinha canibal. O manifesto antropófago hoje. **Antropofagia Hoje? Oswald de Andrade em cena.** São Paulo: Realizações Editora, 2011. p. 429-436.

JACKSON, Kenneth David. Certo sertão: sessenta anos de fortuna crítica de Guimarães Rosa. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, v. 12, 2006.

JACKSON, Kenneth David. Uma evolução subterrânea: o jornalismo de Patrícia Galvão. **Revista IEB**, n. 53, p. 31-52, mar./set. 2011.

JACKSON, Kenneth David. **Machado de Assis:** a literary life. New Haven: Yale University Press, 2015. (Major Figures in Spanish and Latin American Literature and the Arts)

JACKSON, Kenneth David. Parque industrial, romance da Pauliceia desvairada. **Teresa:** Revista de Literatura Brasileira, São Paulo, n. 16, p. 21-33, 2015.

JACKSON, Kenneth David. Translating Pagu's Industrial Park: São Paulo in 1933 - interna-

tionalizing the Modernist novel. **Gragoatá**, Niterói, v. 24, n. 49, p. 672-677, maio-ago. 2019.

JACKSON, Kenneth David. The five seasons of Brasília. **Matraga - Estudos linguísticos e literários**, v. 27, n. 51, 2020.

JACKSON, Kenneth David. Augusto de Campo's non Serviam. In: Augusto de Campos at 90. **Santa Barbara Portuguese Studies**, v. 8, 2021.

SANTOS, Ciro Soares dos. A sátira modernista como paródia em canto paralelo da poesia do barroco: Gregório de Matos, Mário de Andrade, Oswald de Andrade. In: SANTOS, Ciro Soares; TABOSA, Leila; BARROS, Alusio. (Orgs.). **Simpósio de estudos barrocos e neobarrocos: dobras da tradição criativa**. 1. ed. Mossoró: UERN, 2016. p. 58-105.

SANTOS, Ciro Soares dos. **A vertigem das antologias: Gregório de Matos**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

COMUNIDADES VIRTUAIS DE LEITORES EM SITUAÇÃO EMERGENCIAL: LITERATURA MODERNISTA EM FOCO

Alana Driziê Gonzatti dos Santos (UFRN)¹¹

Dayveson Noberto da Costa Pereira (IFRN/UFRN - PPgEL)¹²

1 INTRODUÇÃO

Desde março de 2020, quando a primeira morte por Covid-19 foi confirmada no Brasil, as pessoas precisaram se adaptar à nova realidade, seguindo orientações estabelecidas por médicos e pesquisadores, como manter o distanciamento social, usar máscaras, higienizar as mãos com álcool 70%, água e sabão. Com a determinação de fechamento temporário das instituições de ensino, até que uma vacina fosse produzida ou, ao menos, a curva de contágio fosse controlada, professores e alunos tiveram de se adaptar ao ensino remoto, por meio de projetos e aulas virtuais. Aqui, é válido afirmar que, dadas as circunstâncias que demandaram o ensino remoto, não se pode confundi-lo com a modalidade de ensino a distância (EaD), detentora de um *design* próprio e pensada como mais uma alternativa ao ensino presencial. Desta forma, o ensino remoto não é considerado uma modalidade, pois surge para contornar, pontualmente, os impactos de uma crise, como a pandemia do novo coronavírus.

Tal mudança levou professores a ampliar seus conhecimentos sobre gêneros digitais (*Tik Tok, podcasts, vlogs...*), plataformas (*Google Meet, Google Hangouts, Zoom...*) e recursos audiovisuais para gravação (*teleprompter, chroma key, ring light...*) além de conhecer termos utilizados com frequência no contexto da pandemia, a exemplo de “síncronas” e “assíncronas”, referentes aos métodos de transmissão. Ocorre que diversas iniciativas de ensino, pesquisa e extensão foram erguidas em todo o país, por meio do esforço de professores, estudantes, pais e gestão escolar.

11 Possui Doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Com sua Tese de Doutorado, recebeu o Prêmio Capes de Teses 2021 na área de Linguística/Literatura. É Professora de Práticas de Leitura e Escrita da UFRN. Foi Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) (2018-2022). E-mail para contato: alana.drizie@ufrn.br

12 Possui mestrado em Estudos da Linguagem, especialização em Literatura Afro-Brasileira e graduação em Letras, pela UFRN, e especialização em Literatura e Ensino, pelo IFRN, onde também é professor efetivo de Língua Portuguesa e Literatura. Atualmente, cursa o doutorado em Estudos da Linguagem na UFRN. Foi coordenador do projeto de extensão “Coronavírus, isolamento social e relações humanas: o que a literatura tem a nos ensinar?”, descrito neste artigo. E-mail para contato: dayveson.pereira@ifrn.edu.br

Este artigo tem por objetivo tornar público um projeto de extensão¹³ desenvolvido no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), em uma parceria entre professores e alunos dos *Campi* Ceará-Mirim e Macau, com o propósito de formar leitores literários no contexto potiguar. O projeto consistiu em criar uma comunidade de leitores virtual – a “Sociedade de Leitores em Época de Pandemia” (S.L.E.P.) –, na qual foram escolhidas e discutidas obras de diferentes naturezas, associadas a autores e gêneros diversos. Neste artigo, focalizamos na discussão de leitura da obra modernista “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa, concentrada na área de Linguística Aplicada, é de natureza qualitativa-interpretativista. Logo, não se pretende aqui levantar e comprovar hipóteses, mas sim realizar a leitura dos dados – registros escritos, pictóricos e em áudio – gerados em discussões do clube de leitura, o qual se erigiu em um grupo de *WhatsApp* e cujos encontros, no primeiro momento, ocorreram de maio a agosto de 2020. Do ponto de vista teórico, a análise será subsidiada, especialmente, pelas reflexões sobre leitura literária e comunidades de leitores (CHARTIER, 1998; CASADO ALVES & ROJO, 2020) bem como sobre a literatura modernista brasileira e norte riograndense (ANDRADE, 1974; CANDIDO, 2006; GURGEL, 2001).

O presente artigo encontra-se organizado, retoricamente, em quatro seções, além das considerações finais. Nesta introdução, são apresentados os objetivos e os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa. Logo em seguida, na segunda seção, serão problematizados, de forma articulada, os conceitos de comunidades de leitores e o letramento literário, contextualizando-se o clube em análise. Na terceira seção, dar-se-á continuidade à discussão teórica, abordando desta vez modernismo no Brasil, no Rio Grande do Norte e na obra de Clarice Lispector. Na quarta seção, com o suporte das duas anteriores, será apresentada a análise dos dados envolvendo a leitura da obra selecionada para análise. Por último, nas considerações finais, serão pontuadas contribuições e dificuldades para a implementação de comunidades de leitores a partir de mídias digitais.

13 O projeto “Coronavírus, isolamento social e relações humanas: o que a literatura tem a nos ensinar?” foi selecionado pelo edital de fluxo contínuo n° 01/2020 – PROEX/IFRN. Agradecemos aos monitores Marianne Stefani Miranda Plessem e Marcos Vinicius Gomes da Cruz, estudantes do *Campus* Ceará-Mirim do IFRN e integrantes do Grêmio Estudantil Madalena Antunes, pela divulgação do projeto antes do início de sua execução.

2 COMUNIDADES DE LEITORES E LETRAMENTOS LITERÁRIOS

O mundo digital originou novas práticas de letramento, mas também ressignificou outras tradicionais, sendo a leitura literária uma delas. Entretanto, antes de problematizá-la, faz-se necessário, de início, pensar nos papéis atribuídos à literatura ao longo da história, os quais, segundo Compagnon (2012), remontam aos períodos clássico, romântico, moderno e pós-moderno. De acordo com o autor, no período clássico, a literatura era um objeto de instrução e deleite; no romantismo, ela passa a ser encarada como um remédio que o livra da autoridade e do obscurantismo religioso; no período moderno, o texto literário ganha o reconhecimento de remédio contra as inadequações linguísticas, capaz de tornar o leitor apto a se desviar da linguagem ordinária; no pós-modernismo, a literatura supera o compromisso instrumental comum às outras épocas, tornado-se, principalmente para críticos e teóricos, um meio para o desenvolvimento da personalidade e da “educação sentimental” dos leitores.

Com o surgimento da pós-modernidade (e da cultura cibernética e convergente, acrescenta-se aqui), entender as especificidades do outro, por intermédio da leitura dos textos ficcionais, tem-se mostrado uma ação naturalizada para estes novos tempos, dado que “ela permite acessar uma experiência sensível e um conhecimento moral que seria difícil, até mesmo impossível, de se adquirir nos tratados filosóficos” (COMPAGNON, 2009, p. 59). O poder pós-moderno da literatura a que Compagnon (2012) se refere mostra-se, então, coerente quando observado o contexto mais amplo do meio literário atual, no qual autores produzem seus textos no que se intitula hoje “literatura de massa”, a fim de atender às exigências do mercado e dos leitores, e estes, por sua vez, “consomem” vorazmente as produções literárias como nunca antes visto.

O novo perfil do leitor, que nem sempre se sente confortável para ler os clássicos, é alvo de constantes críticas, formuladas, quase que exclusivamente, pelos adeptos de uma suposta literatura de excelência: os jovens leitores ora são encarados como não leitores, ora são avaliados como péssimos leitores. Inclusive, algumas pesquisas são contaminadas por tais críticas, como bem observaram Casado Alves & Rojo (2020). Ao invés de considerar, de forma exclusiva, a qualidade do que é lido – até porque, via de regra, não existem critérios bem delimitados para distinguir uma boa leitura de uma má leitura –, é mais indicado investigar as trajetórias de leitura desses sujeitos, pois, com isso, além de conhecer seus gostos, pode-se também compreender seus modos de agência, que, a propósito, estão longe de ocorrer individualmente.

Ainda no que diz respeito ao novo perfil do leitor e aos novos modos de ler, válidas são as contribuições de Chartier (1998), para quem o leitor é um insurgente, pois desloca e subverte o que o livro tenta lhe impor. Segundo o autor, “os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem” (CHARTIER, 1998, p. 77). Até o século XVIII, quando as limitações da comunicação impressa eram nítidas e as leituras estavam relacionadas ao sagrado, tal ação não se dava livremente, sem antes haver o preparo prévio e o impedimento da intervenção do leitor. Com a ampliação dos sistemas de representação, como a fotografia e o cinema, as práticas de leitura se tornaram, por extensão, mais desordenadas e menos controladas. A nova geração de leitores, ao romper com os precedentes de gerações passadas, cria novas formas de sociabilidade, passando, por exemplo, a compartilhar seus achados e construir comunidades, hoje reforçadas pelos textos eletrônicos que circulam no meio digital.

Nas comunidades de leitores, os textos não são recebidos da mesma forma entre seus integrantes, uma vez que cada leitura é única, haja vista entrar em contato com a subjetividade dos leitores. Sobre isto, Chartier (1991, p. 179) afirma: “os que podem ler os textos, não os lêem de maneira semelhante, e a distância é grande entre os letrados de talento e os leitores menos hábeis, obrigados a oralizar o que lêem para poder compreender, só se sentindo à vontade frente a determinadas formas textuais ou tipográficas”. Ademais, é possível se dizer também que tão diversos quanto os leitores são as comunidades de que eles fazem parte, dada a existência de regras e recomendações internas que organizam as práticas.

De maneira geral, as comunidades de leitores têm o intuito de promover encontros periódicos para socialização da leitura de uma obra, escolhida por uma pessoa mais experiente ou de forma democrática pelo grupo, com a mediação de um ou mais integrantes. Um exemplo de comunidade é o “Leia Mulheres”¹⁴, criado, em 2015, pelas brasileiras Julia Gomes, Juliana Leuenroth e Michele Henriques, com origem no projeto *#readwomen2014*, sendo este coordenado pela escritora inglesa Joanna Walsh, cujo propósito foi incentivar, por meio do amplo compartilhamento da *hashtag* no *Twitter*, a leitura de textos literários de autoria feminina. A ideia do clube se estendeu por todos os estados da federação mais o Distrito Federal e, no Rio Grande do Norte, em particular, encontra-se atualmente em cinco cidades: Apodi, Assu, Mossoró Natal, Parnamirim e Pau dos Ferros. Como esta comunidade, existem muitas outras no país, seja abordando recortes de leitura específicos, a exemplo

14 No site “Leia Mulheres”, o qual pode ser acessado pelo link <<https://leiamulheres.com.br/>>, é possível encontrar, com mais detalhes, as cidades onde há unidades do clube, os nomes das mediadoras, os sites parceiros, as resenhas sobre a obras lidas.

da “Glitteratura”¹⁵, na qual o foco são livros e histórias em quadrinhos (HQ) de conteúdo *LGBTQIAP+*, conforme descrição na página do Twitter de uma das coordenadoras, ou flexibilizando as indicações de obras, desde que estas atendam ao gosto dos participantes, como os clubes de leitura que surgem no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

Vê-se, portanto, que as comunidades de leitores são iniciativas que promovem o letramento literário, definido como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO & COSSON, 2009, p. 67). Pode-se ir além e afirmar que essas comunidades viabilizam letramentos literários, no plural, pois a literatura não existe apenas em livros físicos, como também as práticas em torno da leitura de textos ficcionais são diversas¹⁶. Algumas pesquisas, como a de Melo (2017), revelam que os sujeitos que participam de comunidades de leitores socializam suas experiências com a literatura, seja na condição de leitores ou produtores, em diferentes espaços e suportes: redes sociais, *webseries*, artigos de jogos, *fanfictions*. No ato da socialização, identidades também são reveladas, até porque os textos são escolhidos a partir da afinidade que os leitores têm com os autores ou com as temáticas abordadas.

3 “O GRANDE PASSEIO”: NOTAS SOBRE O MODERNISMO NO BRASIL¹⁷

No livro “Aspectos da Literatura Brasileira”, Mário de Andrade considera o Modernismo como o movimento responsável por prenciar, preparar e criar um “estado de

15 As informações sobre a comunidade foram extraídas do *Twitter* a partir da *hashtag* #Glitteratura. Elas, em sua maioria, estão disponíveis no perfil público de uma das mediadoras, a @ilustralu, a qual também é quadrinista.

16 Em oposição à perspectiva mais conservadora dos estudos literários e do ensino de literatura, Cosson (2014) apresenta um argumento com o qual os autores deste artigo concordam: a literatura pode ser encontrada em outros suportes, desde jogos de personificação (RPG) a canções populares, filmes, histórias em quadrinhos (HQ) e literatura eletrônica, todas marcadas por forte hibridéz de linguagens.

17 O título desta seção foi extraído de conto homônimo da Clarice Lispector, publicado na antologia “Felicidade Clandestina”. A narrativa traz a história de uma senhora misteriosa, conhecida como Mocinha, que nascera no Maranhão, mas vivia no Rio de Janeiro. Mocinha, sem filhos e marido, morava de favor com uma família em Botafogo, porém, sem nenhuma razão, foi conduzida para a casa de Arnaldo, filho dos donos dessa residência, em Petrópolis, que também não a queria por lá. Desprezada pelos moradores das duas casas, Mocinha, agora na rua e bastante cansada, encosta sua cabeça no tronco de uma árvore e morre. O conto enfatiza o “passeio” que a protagonista faz de Petrópolis para Botafogo. Nesta seção, por sua vez, a proposta é fazer um “passeio” temporal e espacial entre as primeiras décadas do século XX, em cidades brasileiras, especialmente São Paulo e Natal, onde o movimento modernista se fez presente.

espírito nacional”, em razão das mudanças por quais o mundo – e, claro, o Brasil – passou no início do século XX, acarretando mudanças na “Inteligência nacional”¹⁸. Ocorrida em São Paulo, no Teatro Municipal, em fevereiro de 1922, a Semana de Arte Moderna surge, assim, nesse contexto de efervescência intelectual, no qual um coletivo de artistas, constituído por compositores, escritores, pintores, escultores, dentre outros eixos da cultura, legitima uma estética renovada e, por esse mesmo motivo, reprovada pelos adeptos dos estilos que a antecederam, os passadistas.

É, especificamente, no capítulo “O movimento modernista”, que Mário de Andrade, em tom coloquial, como se estivesse a conversar de perto com seus potenciais leitores, discorre a respeito das dificuldades por quais ele e os demais modernistas, membros da aristocracia tradicional¹⁹ de São Paulo, passaram para levar adiante sua verdade, inclusive sendo alvo de constante escárnio proveniente de familiares, amigos e outros literatos. Apesar dessas dificuldades, o autor chegou a afirmar que “O movimento, se alastrando aos poucos, já se tornara uma espécie de escândalo público permanente” (ANDRADE, 1974, p. 234), consagrado em três fases.

Nesse sentido, em oposição ao que alguns escritores de literatura e críticos de arte – nitidamente ressabiados com as proposições do Modernismo – pregavam, Mário de Andrade defendia, ainda na primeira década do movimento, que, mesmo que não houvesse amadurecimento e progresso no que hoje se conhece como uma das mais importantes escolas de época brasileiras, o Modernismo cumpriu o seu papel por trazer um novo método de trabalho e, como consequência, um produto até então inexistente.

Creio ser prematuro decidir desde já o que vai ficar dos oito anos de vida ativa do Modernismo, mas si permanecerem dessa fase que foi eminentemente de ordem crítica, que foi de pesquisa e experiência, que foi um movimento preparatório destruidor de tabus, treinador do gosto público, arador dos terrenos, si restarem na permanência da literatura nacional três nomes que sejam, o Modernismo já terá feito mais do que lhe competia. Porque, conscientemente ou não [...], o Modernismo foi um trabalho pragmatista, preparador e provocador de um espírito inexistente então, de caráter revolucionário e libertário (ANDRADE, 2012, p. 186-187).

Sobre as duas primeiras fases, Andrade (1974) explica que a Semana de Arte Moderna

18 Para Mário de Andrade, “O modernismo, no Brasil, foi uma ruptura, foi um abandono de princípios e de técnicas consequentes, foi uma revolta contra o que era a Inteligência nacional”. (ANDRADE, 1974, p. 235).

19 Isso justifica, segundo o autor de “Paulicéia Desvairada”, a origem paulista para o movimento no Brasil, pois, no Rio de Janeiro, à época capital do país, não havia possibilidade de o Modernismo vingar, visto que nesse estado não existia aristocracia tradicional, mas sim uma alta burguesia riquíssima.

marcou a mudança da primeira fase, vista como um período heroico, para a segunda fase, encarada como um período destruidor, em vários sentidos. Esta fora destruidora até mesmo para os próprios artistas, que tinham sua liberdade criadora limitada pelas pesquisas que empreendiam, como aquelas que intencionavam entender os aspectos de uma suposta “língua brasileira” capaz de representar o povo que a fala²⁰.

Com o passar dos anos, os princípios do movimento – “o direito permanente à pesquisa estética”, “a atualização da inteligência artística” e “a estabilização de uma consciência criadora nacional”, segundo Andrade (1974) – ficaram ainda mais nítidos e seu propósitos foram sistematizados. Nessa direção, as liberdades de formas e técnicas, a representação linguística nacional, as reflexões sobre as relações das artes com tempo-espaço do artista e a descentralização intelectual são exigências que os modernistas passaram a considerar em seus processos de criação.

Contudo, a terceira fase, que ocorre a partir da década de 1940, especialmente em 1945, quando o mercado editorial se abre a um número considerável de novas publicações, trouxe um elemento que se opunha às anteriores, qual seja: o afastamento do local, algo recorrente no âmago do projeto modernista brasileiro, em suas duas primeiras décadas. Para os primeiros modernistas, o objetivo maior seria, nos termos de Candido (2006), erigir uma literatura universalmente válida, mas por meio de uma fidelidade ao local. Ocorre que as cores locais – bem como as marcas socioideológicas impressas na literatura – foram secundarizadas em razão da preocupação com a forma e pelo mergulho ao interior do ser, em diálogo com abordagens psicológicas e filosóficas.

Há quem defenda, inclusive, que o início do século XX foi um momento de preparação para o Modernismo, remarcando cronologicamente sua origem, portanto. Para Brito (1985 *apud* Simioni, 2013), por exemplo, dada a intenção que os autores tinham de representar a cultura nacional em suas produções, o Modernismo propriamente dito, com sua linguagem abstrata – inspirada nas vanguardas europeias – e sua postura cosmopolita – provocada pela expansão do mercado editorial –, concretiza-se, verdadeiramente, no meio do século, inaugurando uma estética que a todos impacta.

Embora São Paulo tenha sido o estado onde o Modernismo se principia, não se pode ignorar sua recepção nas demais regiões e unidades federativas. No Nordeste, Inojosa (1984), o responsável por implantar o movimento em Pernambuco, explica como caracterizou a chegada dessa revolução literária na região, salientando o árduo embate travado entre “passadistas” e “futuristas”. Acredita-se que a publicação do romance *Bagaceira*, do paraibano

20 No ensaio “Baile dos pronomes”, publicado no livro “O empalhador de passarinhos”, Andrade (2012) explica que algumas construções linguísticas de ampla circulação no Brasil, como o uso de pronome átono no início de período, são intencionais e possuem propósitos bem definidos, apesar de infringir a norma padrão. A respeito do pronome, especificamente, ele defende, por meio de vários exemplos extraídos de canções, literatura popular (cordel) e literatura erudita (José de Alencar), que sua utilização em posição proclítica é uma questão de ritmo, tanto ritmo no tempo quanto ritmo psicológico.

José Américo de Almeida, com quem Joaquim Inojosa mantinha profundo diálogo, marca o início do Modernismo na região. Inojosa, que regressava do Sudeste durante o estopim do movimento em São Paulo, amplia o canal de diálogo, a fim de dissipar, entre os intelectuais nordestinos da época, os princípios do “Futurismo”. Dentre esses intelectuais, destaca-se o potiguar Câmara Cascudo, que, igualmente entusiasta do Modernismo, correspondeu-se com Joaquim Inojosa e, de forma ainda mais ampla, como apontam estudos (GOMES, 1999), com Mário de Andrade, pioneiros do movimento em suas respectivas regiões.

No Rio Grande do Norte, Cascudo exerceu a função de “animador intelectual”, atividade antes desempenhada por Henrique Castriciano, como explica Gurgel (2001), sendo responsável por atualizar a provinciana Natal a respeito das mudanças por quais vinha passando a literatura brasileira – apesar da insistência dos escritores locais em se fecharem a uma produção parnasiana ou romântica. Além disso, coube também a Cascudo divulgar nomes ainda pouco conhecidos nacionalmente, como o do poeta Jorge Fernandes, cuja produção foi apresentada, em missivas, a Mário de Andrade. Sobre a literatura de Jorge Fernandes, autor de *Livro de Poemas*, Gurgel (2001, p. 63) diz:

A poesia produzida pelo “futurista” potiguar nos anos vinte tem certamente um sabor de novidade. Começa que despreza rima e métrica. Introduce o uso repetido de recursos onomatopéicos, que enriquece a sonoridade das idéias líricas, fala de coisas corriqueiras, do cotidiano da cidade, como operários e bondes, de paisagens do sertão, como se os seus versos fossem mais conversa, do que propriamente poesia. E avança no registro da modernidade, interessando-se por elementos do progresso material, como máquinas, velocidade, luz elétrica, aviões. E, até, utilizando-se do ideograma, ou seja: valendo-se ousadamente de uma insuspeitada grafia para a palavra *Suspensa*, sugere visualmente a forma do objeto que deve significar, como no poema REDE...

Infelizmente, ainda que tenha sido o precursor da nova estética em seu estado, o nome de Jorge Fernandes não era expressivo no cenário de escritores modernistas, tanto por se distanciar, geograficamente, do grupo mais agitado do movimento – concentrados, em sua maioria, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro – quanto por, provavelmente, ter publicado um único livro. A nível nacional, pode-se elencar nomes que, até hoje, representam os ideais compartilhados pelos “futuristas” em suas diferentes etapas, dentre os quais: Mário de Andrade e Oswald de Andrade, na primeira fase; Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, Jorge Amado e José Lins do Rego, na segunda fase (com maior reconhecimento de escritores pertencentes a outras regiões do país); João Cabral de Melo Neto, João Guimarães Rosa, Ariano Suassuna, Lygia Fagundes Teles e Clarice Lispector, na terceira fase (com maior reconhecimento da autoria feminina).

Dentre os escritores que mais se destacaram na terceira fase, pode-se citar Clarice Lispector. Sobre os romances que produziu, após mencionar outros nomes relevantes de autores e obras advindos daquele momento, Candido (2006, p. 134) afirma, indicando itens recorrentes na prosa clariceana: “Não menos significativo, o de Clarice Lispector (*Perto do coração selvagem*, 1944; *O lustre*, 1946), que situa os seus romances fora do espaço, em curiosas encruzilhadas do tempo psicológico”. Clarice, contudo, não se prendeu a um gênero ou público específico, tendo escrito, no âmbito da narrativa, crônicas, contos, novelas e romances, destinados a crianças ou adultos.

No que concerne aos contos de Clarice Lispector, gênero que compõe a antologia *Felicidade Clandestina*, lida e discutida pelos integrantes da Sociedade de Leitores em Época de Pandemia, Nunes (1973) observa que a autora seguia as características prototípicas do gênero, dentre as quais concentrar os acontecimentos em um único núcleo, denominada pelo pesquisador de *tensão conflitiva*, que, em muitos dos contos da escritora, ocorre quando o personagem rompe com o mundo em uma situação de confronto entre pessoas ou entre pessoas e coisas (objetos, plantas e animais).

Há, porém, como observa Nunes (1973), elementos da narrativa clariceana que podem ser vistos tanto em seus romances quanto em seus contos, a exemplo do *eixo mimético*, que é respaldado na *consciência individual*, responsável por estabelecer o elo entre o sujeito-narrador e a realidade. À própria *tensão conflitiva* mencionada anteriormente, aliás, associam-se elementos recorrentes em seus romances, como a *potência mágica do olhar* e o *descortínio contemplativo silencioso*. Considerar esses itens torna-se importante para ampliar o campo de visão para as obras de Clarice Lispector, dado que, ao se falar na estética da autora, na maioria das vezes, são mencionados – de forma exaustiva, inclusive! – o fluxo da consciência e a epifania, como se fossem esses dois itens suficientes para compreender seu projeto literário.

4 LEITURAS DE CLARICE

Discorrer-se-á na sequência a respeito do clube virtual Sociedade de Leitores em Época de Pandemia (S.L.E.P.), enfatizando, a partir das discussões levantadas com a leitura “Felicidade Clandestina, de Clarice Lispector, o que se mostrou mais recorrente na agência de alunos e professores.

A Sociedade de Leitores em Época de Pandemia (doravante S.L.E.P.) foi um projeto conduzido por três professores de Língua Portuguesa e Literatura do IFRN, dois deles autores deste artigo. Partindo do princípio de que o Instituto tem experiências exitosas

com clubes de leitura físicos, o desafio deste projeto foi desenvolver, de forma virtual, uma comunidade de leitores que viabilizasse a agência de alunos e professores dos *Campi Ceará-Mirim* e *Macau* em torno do ato de ler. Para tanto, criou-se um grupo no *WhatsApp*, onde seriam disponibilizados os *e-books* e se dariam as discussões, e formulários no *Google Docs*, para escolha das obras e avaliação dos encontros, os quais sofreram algumas alterações. Inicialmente, embora fosse decidido previamente o dia da discussão da obra, podendo a data variar a partir do ritmo de leitura do grupo, os diálogos contínuos sobre ela eram permitidos. Contudo, devido a constantes *spoilers* e ao número excessivo de mensagens para acompanhamento, foi acordado que as discussões se dariam na data escolhida.

Todas as ações se deram de forma colaborativa, a começar pela escolha do nome da comunidade. Houve um total de 19 sugestões e, ao final, a “Sociedade de Leitores em Época de Pandemia” foi escolhida com 27% dos votos. As sugestões, aliás, não foram aleatórias, havendo uma explicação para elas. No caso do nome escolhido, particularmente, a integrante que o indicou deu a seguinte justificativa: “Eu me inspirei em A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata”. Ela segue sua justificativa afirmando: “já que no livro o clube recebeu esse nome, e ele foi criado justamente para lidar com os tempos difíceis, em que as pessoas estavam mais afastadas umas das outras” (S.L.E.P., 04/04/2020).

AS.L.E.P., em sua primeira edição, contou com sete leituras e, conseqüentemente, sete encontros virtuais, abarcando uma diversidade de gêneros e escolas literárias. A segunda leitura, foco de nossas análises, foi, por votação dos membros, o livro “Felicidade Clandestina” de Clarice Lispector (1998), publicado em sua primeira edição em 1971.

Em uma comunidade de leitores, a escolha de uma obra se deve, em parte, a identificação dos integrantes com o enredo ou com as personagens, no caso dos textos em prosa, ou com o conteúdo dos poemas, no caso de textos em verso. Via de regra, são essas as primeiras informações a que eles têm acesso. Isso ocorre porque o ato de ler, conforme explicado por Freire (2011), inicia-se com a compreensão do contexto de que os sujeitos fazem parte, do seu questionamento e de sua transformação, daí eles realizarem, antes mesmo do início da leitura, a conexão do seu universo com o texto.

Entre 26 de abril a 08 de maio de 2020, o grupo realizou a leitura da obra, composta de vinte e cinco contos (entre eles, Felicidade clandestina, O ovo e a galinha, Amizade sincera) que versam sobre múltiplas temáticas. Em cada encontro, os integrantes do clube trouxeram vários tópicos de discussão a partir dos livros, dentre os quais comentários gerais sobre os textos (estrutura e conteúdo), sua relação com o contexto social, com aspectos de suas vidas

e com outras leituras. A discussão de “Felicidade Clandestina” no S.L.E.P. girou em torno de aspectos como preferências entre os contos lidos, elementos recorrentes na escrita da autora bem como dificuldades de leitura, especialmente relativas à interpretação.

Para início de conversa, procuramos, como mediadores, contextualizar a obra e a autora, um passo relevante, especialmente, devido à presença de elementos autobiográficos em alguns dos textos em análise. Em resumo, Clarice viveu no período de 1920 a 1977 e, aos vinte anos, iniciou sua produção literária, que teve como destaques, além do livro de contos *Felicidade Clandestina*, os romances *Perto do coração selvagem* (1944), *A paixão segundo G. H.* (1964) e *A hora da estrela* (1977). Como moderadores, selecionamos, considerando o contexto multimodal de nossa comunidade, uma entrevista²¹, em formato de vídeo, para apresentar a autora, enviada durante o período destinado para as leituras, de modo que o material pudesse enriquecer o processo de contato com a obra.

Nas comunidades de leitores, a avaliação dos textos, longe dos critérios de literariedade, está atrelada ao modo como os textos provocam sensações – avaliações subjetivas, portanto – em quem lê, sejam elas positivas ou negativas. O livro é bom ou ruim, instigante ou pouco atrativo se houver relação com a vida dos leitores, especialmente se essa relação for positiva. Nesse sentido, uma vez que a recepção não se dá de modo idêntico entre os leitores, por mais que estes façam parte da mesma comunidade e possuam afinidades de leitura, eles terão a oportunidade de explicitar suas impressões sobre a leitura a partir das experiências de vida que tiveram, as quais, como se sabe, são únicas. Considerando o exposto, apresentamos o diálogo inicial empreendido na comunidade acerca da obra em foco:

D. N.: Hoje é quarta, hein?!?! Alguém gostaria de compartilhar com a gente como está sendo a leitura de *Felicidade Clandestina*? Estão gostando? 😊 Odiando? 😞 Conta aí! 😊

M. L.: Já finalizei a leitura e simplesmente amei. Já havia lido alguns textos dela mais ler o conjunto da obra foi uma ótima experiência, principalmente porque havia tido contato breve com a obra e já ter conhecido o trabalho da Clarice Lispector.

M. A.: Eu conhecia muito pouco sobre ela, assisti aquele panorama de Clarice Lispector pra entender um pouco mais sobre o perfil dela tanto literário como pessoa, achei algo totalmente diferente do que eu pensava! A princípio tô gostando muito da leitura, tô bem surpreendido 😊 😊

M. L.: É ótimo. A leitura é prazerosa e flui bem rápido. Acho que são textos muito poéticos. A escrita dela é maravilhosa apesar de ser de difícil compreensão.

M. A.: Achei exatamente isso sobre a escrita, às vezes volto porque me perco do contexto mas tá dando certo kkkkk

M. L.: Também aconteceu isso comigo em alguns textos. Mas o prazer é tanto que

21 Utilizamos a última entrevista de Clarice Lispector, concedida à TV Cultural alguns meses antes de sua morte, disponível em <<https://youtu.be/pvIXndaoJQg>> Acesso em 28 abr 2020.

volto para ler feliz.

F. M. <https://youtu.be/dwla4txMOp0> (O ovo e a galinha) Um de meus textos favoritos.

I. P.: Eu já conhecia o trabalho de Clarice, já tinha lido boa parte desse livro, inclusive. Eu acho incrível a forma que ela escreve esses textos porque é muito muito poético. Pelo menos a meu ver, é muito difícil um desses textos ser sobre o que aparenta. Sempre tem algo por trás, sempre você tem que ir entendendo as entrelinhas pra realmente pegar o que ela tá querendo te dizer.

M. L.: Também sinto isso. Cada texto da Clarice é um poema novo a ser descoberto. São muito filosóficos e extremamente poéticos. Nunca são o que parecem ser.

M. A.: No começo eu não tive essa visão, quando eu fui lendo fui observando que tinha mais coisas por trás

L. M.: “Macacos”: o título por si só me chamou a atenção [...]

Outra história que gostei foi “A mensagem”

Em grande parte fiquei buscando temas escondidos

F. M. Normalmente eu demoro pra ler livros assim

Pq por ser vários textos eu acabo não me sentindo “preso” no livro

Diferente de um romance que eu ia ler até o fim pra poder entender todo o livro

M. L.: Deve ser por conta de não ter uma continuidade como nos outros livros

(S.L.E.P., 07/05/2020)

Percebe-se, por meio dessa troca de mensagens, que alguns leitores revelam suas trajetórias de leitura com experiências anteriores da ou sobre a autora, as quais criam afinidade e expectativas positivas sobre a obra, bem como a relatada sensação de prazer do leitor. Alguns contos são citados pelos leitores como preferidos, como “O ovo e a galinha”, “Macacos” e “A mensagem”. A estética modernista e a escrita clariceana começam a entrar em foco na sequência, a partir de que se percebe a dificuldade relatada por alguns leitores do grupo diante dos fluxos de consciência produzidos pela autora – uma característica própria de sua escrita –, nos quais a sequencialidade dos fatos não segue uma narrativa convencional:

F. M. – Eu acho q a sensação e a interpretação de “O ovo e a galinha” é beem diferente pra cada pessoa.

M. L. – A primeira vez que li tive uma interpretação e na segunda minha primeira idéia foi concretizada.

L. M. – O que conseguiram extrair na segunda leitura?

F. M. – Aqui uma das partes que grifei de o ovo:

“sendo impossível entendê-lo, sei que se eu o entender é porque estou errando”

“O que eu não sei do ovo é o que realmente importa”

Eu acho que não tem uma interpretação certa ou errada. Pode depender do q está dentro de você e do que te toca

M. L. – O ovo é o mundo. No instante em que nos prendemos a ele apenas com “mundo”, acabamos por nós tornar generalistas. O ovo pode ser - e ele é - muito mais que um ovo, e o mundo é muito mais que o mundo.

L. M. – Eu ficava me perguntando o que realmente era o ovo

M. L – Eu tentei ver como realmente acontece no dia a dia. Uma coisa raramente é o que parece ser

Eu via que ela usava uma palavra para se referir a um milhão de de outras palavras e sentimentos distintos.

L. M. –Essa eu tentei ao máximo juntar os sentidos das palavras

Mas n consegui kkk

(S.L.E.P., 08/05/2020)

O conto “O ovo e a galinha” foi aquele que gerou mais comentários por parte dos leitores, que se aprofundaram na interpretação de alguns dizeres nele presentes. O compartilhamento de relatos comuns aos integrantes do grupo, aliás, parece confirmar o princípio da comunidade de leitores, a qual reúne sujeitos com muitas afinidades. Para sustentar o diálogo sobre a obra, são remetidos trechos do conto, assim como hipóteses dos leitores acerca da construção. Nesse excerto das discussões, é possível remontar algumas das propostas modernistas por meio das falas dos leitores, como a abordagem psicológica, os planos narrativos que se entrecruzam e as múltiplas interpretações experimentadas e provocadas pelos diferentes modos de ler.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Planejar um trabalho sistematizado com a leitura literária é, em essência, uma atividade complexa, que exige supervisão constante dos professores. Quando uma situação emergencial é instaurada, o grau de complexidade é elevado, tendo em vista que novas estratégias devem ser mobilizadas por eles a fim de suprir a distância física que os separa dos alunos. Nessa direção, este artigo buscou analisar uma experiência com um clube de leitura desenvolvido virtualmente durante a pandemia de Covid-19. As ações, conforme apresentamos ao longo deste texto, foram definidas colaborativamente, o que levou a participação dos alunos em vários momentos: desde o convite à comunidade escolar, realizado por estudantes do grêmio que também participaram do clube, a escolhas de obras e dias para discussão. Isso nos leva a crer que o êxito desta experiência tenha se dado, em grande parte, às tomadas de decisão compartilhadas pelos integrantes do clube.

Os integrantes de uma comunidade de leitores, diferentemente do que pregoam os adeptos da ideia de que jovens não leem, trazem consigo suas bagagens de leitura, as quais são compartilhadas como sugestões nos encontros virtuais. As motivações são muitas, podendo ocorrer logo após uma leitura individual, com o propósito de socializá-la, mesmo não possuindo relação direta com a discussão; em razão da leitura de outras obras do autor; como consequência da intertextualidade que há na obra lida com outras a que ela se reporta; devido a semelhanças estilísticas do texto com outros.

Acerca de “Felicidade Clandestina”, desde a escolha da obra, sua contextualização pelos mediadores até sua discussão pós leitura, a receptividade foi positiva pelos leitores, que destacaram a forma de escrita e interpretações múltiplas como elementos cativantes das narrativas, sendo o fluxo de consciência próprio de Clarice alvo de discussões de sentido(s).

Evidentemente, alguns desafios surgiram, a começar pela leitura de *e-books*, que, para alguns alunos, foi dificultada por estarem realizando-a a partir de aparelho celular. Sobre este aspecto, as reclamações surgiam, sobretudo, em razão do tamanho das letras e da impossibilidade de ampliá-las sem o apoio de um aplicativo que servisse a tal propósito. Entretanto, alguns problemas, como este, foram solucionados, tendo em vista que juntos os alunos se ajudavam, seja motivando os colegas com a leitura ou lhes dando suporte técnico. Outros dois aspectos negativos, segundo os estudantes, foram o surgimento de *spoilers* antes da discussão, os quais, às vezes, também serviam de estímulo à leitura, e a dificuldade para ler em razão da interferência de familiares, elemento suscitado, possivelmente, pelo contexto pandêmico, dada a necessidade de isolamento social.

Ainda assim, apesar dessas limitações, acreditamos que a experiência merece ser replicada por seu potencial agentivo e pelas decisões democráticas que subjazeram as práticas de leitura. Para que isso ocorra, os professores, responsáveis pela mediação das ações, devem estar abertos à escuta e negociar com seus alunos, se assim for preciso, o que deve ser alterado, sempre com vistas a fortalecer a participação deles, a fim de que o clube ganhe um formato que atenda aos seus interesses de leitura.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Mário de. O movimento modernista. In.: _____. **Aspectos da literatura brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Martins, 1974, p. 231-255.
- ANDRADE, Mário de. **O empalhador de passarinho**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In.: _____. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p. 116-145
- CASADO ALVES, Maria da Penha; ROJO, Roxane. Comunidades de leitores: cultura juvenil e os atos de descolecionar. **Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso**, v. 15, p. 145-162, 2020.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Revista Estudos Avançados**, v. 5, n. 11, p.173-191, 1991. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152> Acesso em: 20 ago. 2020.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSSON, Rildo; PAULINO, Graça. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). **Escola e leitura: velha crise; novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. **Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade**. 1999. 354p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999.
- GURGEL, Tarcísio. **Informação da literatura potiguar**. Natal: Argos, 2001. 364p.
- INOJOSA, Joaquim. **A Arte Moderna**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1984
- LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MELO, Rosângela F. **O leitor de comunidades de literatura seriada: uma construção identitária sem fronteiras?** 2017. 175 f. Mestrado em Linguística Aplicada. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- NUNDES, Benedito. **Leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Quíron, 1973.
- SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Modernismo brasileiro: entre a consagração e a contestação, **Perspective** [Online], 2, 2013, Disponível em <http://journals.openedition.org/perspective/5539> Acesso em 10 jan 2022.
- S.L.E.P. **Diálogos da comunidade virtual de leitores**. Whatsapp: Grupo Sociedade de Leitores em Época de Pandemia. 04 abr 2020 a 08 mai 2020.

Alana Driziê Gonzatti dos Santos

Professora do Magistério Superior, área de Prática de Leitura e Escrita, na Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Foi Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Possui Doutorado em Estudos da Linguagem pela UFRN, Mestrado pelo mesmo programa, Especialização em Tecnologias Educacionais e Educação a Distância pelo IFRN e Licenciatura em Letras pela UFRN. Com sua Tese de Doutorado, recebeu o Prêmio Capes de Teses 2021 na área de Linguística/Literatura.

Ciro Soares dos Santos

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Kursou Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas na UFRN. Concluiu Especialização em Leitura e produção de textos, pelo Departamento de Letras da UFRN. Defendeu a dissertação Deus e o diabo na poesia de Gregório de Matos no programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN). Participou do programa de doutorado no exterior PDSE-CAPES como pesquisador visitante da universidade de Yale-EUA. Defendeu a tese A vertigem das antologias (PPgEL/UFRN). Realizou pesquisa de pós-doutorado para prática de antologia do barroco americano com leitura da obra de Juan Caviedes (PPgEL/UFRN).

Dayveson Noberto da Costa Pereira

Possui mestrado em Estudos da Linguagem, especialização em Literatura Afro-Brasileira e graduação em Letras, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e especialização em Literatura e Ensino, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), onde também é professor efetivo de Língua Portuguesa e Literatura. Atualmente, cursa o doutorado em Estudos da Linguagem na UFRN. Desenvolve pesquisas na área de Linguística Aplicada, atuando, principalmente, nos seguintes temas: letramentos, gêneros discursivos, ensino-aprendizagem de língua materna e interculturalidade.

Érika Bezerra Cruz de Macêdo

Formada em Letras (UFRN), com mestrado e doutorado em Estudos da Linguagem na área de Literatura Comparada (UFRN). Em 2006, tornou-se professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do IFRN, onde atualmente é lotada no Campus Natal-Central. Faz parte dos atuais mandatos do Núcleo Central Estruturante de Língua Portuguesa e da Comissão de Políticas Linguísticas do referido instituto. Tem experiência na área de Letras e Educação, com ênfase em Literatura e memória cultural, Poéticas da modernidade e da pós-modernidade, Literatura infantojuvenil e Letramento literário.

Francisco Carlos Oliveira de Sousa

Possui Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN (1996), Mestrado em Ciências Sociais (2002) e Doutorado em Educação (2015) também pela UFRN. Atualmente é professor de História no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte-IFRN, nos cursos Técnicos Integrados e no curso de Licenciatura em Geografia. Além da experiência no ensino é pesquisador com atuação, principalmente, nas seguintes áreas: mundo do trabalho, cidadania, espaço público, história da educação e história social.

João Batista de Moraes Neto

Professor aposentado de Língua Portuguesa e Literatura no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Atua nas modalidades de ensino presencial e EaD. Coordenou o Curso de Especialização em Literatura e Ensino na modalidade a distância (IFRN), no qual atua como professor. Possui mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (2001), com a dissertação *Uma poética da escritura em Dalton Trevisan* e doutorado em Estudos da Linguagem, na área de Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2008), com a tese *Caetano Veloso e o lugar mestiço da canção*. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira.

Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva

Pós-doutora (2021), Doutora (2019) e Mestre (2008) em Estudos da Linguagem pela UFRN - Área de concentração: Literatura Comparada. É graduada em Letras (2003) e especialista em Educação de Jovens e Adultos (2007), ambos pela UFRN. É docente efetiva da Educação

Básica e do Ensino Superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN - Campus Natal Central. Atua como orientadora e avaliadora do curso de Especialização em Literatura e Ensino - Campus EaD do IFRN. É membro do Núcleo Central Estruturante do IFRN e do Conselho do IFRN - Campus Natal-Central. Escritora, revisora e designer instrucional de material didático. É membro das seguintes agremiações literárias: Mulherio das Letras Nísia Floresta; Sociedade dos Poetas Vivos e Afins do Rio Grande do Norte (SPVA/RN); União Brasileira dos Escritores (UBE/RN); Movimenta Mulheres RN, onde atua como coordenadora de cultura, no segmento Letras e Literatura. Membro do Mulherio das Letras Zila Mamede de janeiro de 2020 a julho de 2022. Está vinculada ao Núcleo de Ensino e Pesquisa em Ensino e Literatura (NUPEL), desenvolvendo pesquisa no campo da História, da memória e da literatura.

Laysi Araújo da Silva

Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2017). Especialista em Teorias e Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2013). Possui graduação em Licenciatura em Espanhol pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (2011). Graduanda em Letras-Português pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente é professora efetiva de língua espanhola do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Integrante do Núcleo de Pesquisa em Ensino e Linguagens - NUPEL da mesma instituição. Realiza pesquisas na área Literatura, atuando em pesquisas com temas de Literatura de autoria feminina e Literatura Potiguar. Além disso, tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada atuando nos seguintes temas: metodologias e ensino de espanhol para brasileiros; novas tecnologias aplicadas ao ensino de línguas estrangeiras.

Marcel Lúcio Matias Ribeiro

Professor de Literatura e de Semiótica da Cultura no IFRN - Campus Natal Cidade Alta. Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; graduado em Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e graduado em Letras pela Universidade Potiguar. Desenvolve pesquisas sobre a literatura do Rio Grande do Norte com ênfase no movimento de vanguarda Poema/Processo. Colabora com o projeto cultural Semana do Sampaio, no qual é retomada a obra do artista pós-tropicalista Sérgio Sampaio.

Mylenna Vieira Cacho

Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa, pela UFRN (1999). Especialista em EJA, pela UFRN (2007) e Literatura e Ensino, pelo IFRN (2011). Mestra em Educação, pelo IFRN (2016). Doutora em Teoria Literária, pela UFPE (2020). É docente efetiva de Língua Portuguesa e Literatura, desde 2013, no IFRN, lotada atualmente no Campus São Gonçalo do Amarante. Professora vencedora do Relato de Prática da 7ª Edição da Olimpíada de Língua Portuguesa, em 2021, na categoria Documentário. Tem experiência na área de Letras e Educação, atuando principalmente com os seguintes temas: Educação Profissional, Educação de Jovens e Adultos, Literatura Comparada, Literatura Potiguar e Regionalismo.

Raquel de Araújo Serrão

Nascida em Campina Grande-PB, em 1975. Tem formação em Letras português (UFCG); especialização em Língua e Literatura espanholas (UEPB), mestrado em Literatura e Interculturalidade (UEPB) e doutorado em Estudos da Linguagem – área de concentração em Literatura Comparada. Atualmente, leciona no IFRN, nas disciplinas foco de Fundamentos da Literatura Ocidental, Literatura Espanhola e Hispano-americana, perpassando também pelas disciplinas de Cultura espanhola, Cultura hispano-americana e Cultura Afro-Latino-Americana, nos cursos de graduação em Letras, da já referida instituição. Tem interesse por literatura escrita por mulheres e romances históricos, que figurem nos âmbitos das expressões em língua portuguesa e/ou espanhola.

Transcorridos cem anos da Semana de 22, Vozes Modernistas no RN: diálogos entre o passado e o presente revisita o referido evento que figurou como marco importante para as letras e para as artes brasileiras, discutindo não só a tradição instituída por esse acontecimento como também os seus desdobramentos com ênfase no contexto norte-rio-grandense. A coletânea reúne artigos científicos produzidos por onze professores de história, língua portuguesa, língua espanhola e literaturas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Está dividida em duas partes. Na primeira, são desenvolvidas discussões centradas na literatura modernista norte-rio-grandense, apresentando-se contexto histórico, autores e diversas produções locais, bem como seus desdobramentos situados diante do Centenário da Semana de Arte Moderna. Na segunda, ampliou-se o olhar para a literatura brasileira e sua interface com a realidade local, por meio de influências e ações desenvolvidas nas Instituições, a partir de autores e obras modernistas.